ESPiRAL

Revista do Instituto de Estudos da Complexidade

Volume 4
2020

Espiral
Volume 4 | 2020

Sumário

3 **Tereza Mendonça Estarque e Edgard de Assis Carvalho**
Apresentação

Artigos

5 **Edgar Morin**
Um festival de incertezas

13 **Marco Aurélio Nogueira**
A pandemia, o futuro, a vida que flui.

29 **Stella Jimenez**
A vingança do Real

32 **Tereza Mendonça Estarque**
Infâncias desperdiçadas e apanhadores de desperdícios. À luz de Manoel de Barros

42 **Gustavo Guedes Brigante**
Corpo, enação e a eficácia neurocultural

57 **Monique Marques Longo**
A síndrome de burnout e o estresse crônico como facetas atuais da histeria

71 **Edgard de Assis Carvalho**
Breviário da vida e da morte

85 **Michel Maffesoli**
Crise sanitária, crise civilizacional

91 **Eduardo Costa**
Breviário do corpo vivo

101 **Beatriz Cintra Martins**
Repensando a autoria na era das redes

107 **Vivian Blaso e Sydney Cincotto Jr.**
Cidades afetivas: vias convivialistas para o futuro de uma vida em comum)

Poemas

116 **Ricardo Kubrusly**
Vendo através da máscara da face

136 **Edmilson Felipe da Silva**
Ode à complexidade

139 **Friedrich Nietzsche**
Caminhante & Última vontade

141 **Leonardo Fróes**
A pandemônia

143 **Luís Gama**
Quem sou eu?

145 **Erasmus Darwin**
Poema cósmico

Esta edição

Volume 4 | 2020

A Espiral é uma revista do Instituto de Estudos da Complexidade e publica artigos de autores convidados que têm por objetivo a divulgação do Pensamento Complexo.

Editores
Edgard Carvalho
Tereza Estarque

Comissão Editorial
Eliana Yunes - IEC / PUC-Rio
Maria de Fátima Amin - IEC / SBPRJ
Ricardo Kubrusly - IEC / HCTE-UFRJ
Wanda Maranhão Costa - IEC/ APFERJ

Revisão
Edgard Carvalho

Tradução
Edgard Carvalho
Fagner França
Mariza Perassi Bosco
Wanda Maranhão Costa

Formatação dos originais e edição eletrônica
Elir Ferrari

Capa
Mauro Corrêa Filho

Foto da capa
Tereza Estarque

APRESENTAÇÃO

O quarto número de *Espiral* nasce sob o signo de uma das maiores crises planetárias que atingiu a humanidade como um todo. O ano passou, a vacina redentora permanece não aprovada pelos órgãos de vigilância sanitária estatal, a imunização está longe de se concretizar, mas a esperança na metamorfose não arrefeceu o ânimo dos editores. Afinal, o IEC tem como meta ampliar a compreensão, consolidar a fraternidade, sondar os mistérios, sonhos e utopias que circundam a natureza humana, cujo futuro permanece incerto e indeterminado. Confinados desde março, tínhamos pela frente a insana tarefa de ultimar convites, traduzir textos, liberar direitos autorais, ordenar temáticas, produzir sumários provisórios, até que o formato definitivo fosse consolidado.

O presente número traz uma inovação. Certos da conexão entre prosa e poesia, incluímos poemas clássicos e contemporâneos cujos autores – Ricardo Kubrusly, Edmilson Felipe da Silva, Leonardo Fróes - figuram ao lado de Friedrich Nietzsche, Erasmus Darwin e Luís Gama. Poetas são caminhantes sem caminho que buscam decifrar os mistérios da alma humana. A ciência faz o mesmo, ainda que seu itinerário seja marcado por conceitos, teorias, modelos.

São onze textos e uma homenagem póstuma à saudosa Stella Jimenez, em sua curta e incisiva reflexão, *A vingança do Real*. A COVID é tema inevitável presente nos textos de Edgar Morin – *Um festival de incertezas* – que abre o número, Michel Maffesoli – *Crise sanitária, crise civilizacional* - Marco Aurélio Nogueira - *A pandemia, o futuro, a vida que flui*. Dois breviários sobre a vida e a morte, de Edgard Carvalho, e sobre o corpo, de Eduardo Costa, inovam o formato-artigo e elencam fragmentos de pensadores os mais variados a serem serenamente degustados. A autoria na era das redes, que assumiram papel de destaque na comunicação atual, é corajosamente repensado por Beatriz Cintra Martins. O papel enativo do corpo e suas implicações neuroculturais é problematizado pelo jovem pesquisador Gustavo Guedes Brigante. Em *Infâncias desperdiçadas e apanhadores de desperdícios,* Tereza Estarque constrói uma pungente narrativa da infância, inspirada na poética de Manoel de Barros. Mais uma vez, prosa e poesia religadas. Monique Marques Longo disseca as facetas atuais da histeria e as múltiplas facetas do estresse crônico que acometem a 'sociedade de cansaço'. Vivian Blaso e Sydney Cincotto Júnior destacam a importância de vias convivialistas para uma vida em comum em 'cidades afetivas', comandadas pelos desígnios da dádiva e da fraternização.

Como em números anteriores, a linearidade não comanda o prazer dos textos. A totalidade dos artigos e poemas deste número investe na racionalidade aberta, sempre ressaltada por Edgar Morin em seus ditos e escritos, e desvela profundas camadas da cultura

por vezes ignoradas pelo pensamento domesticado. O conjunto constitui uma totalidade aberta, jamais reduzida à soma das partes. Pode ser mais ou menos que ela, a depender da subjetividade dos leitores.

Tereza Mendonça Estarque
Edgard de Assis Carvalho

Rio de Janeiro/São Paulo, dezembro 2020.

Um festival de incertezas[1]

Edgar Morin[2]

RESUMO
Compreender o festival de incertezas desencadeado pela pandemia do Coronavírus é um dos desafios da complexidade. A potência e a impotência da ciência revelam possibilidades para o futuro da humanidade e para a construção de uma Via para o futuro, capaz de regenerar o humanismo e superar as policrises contemporâneas.

Palavras-chave: Complexidade; crise; incerteza; humanismo.

> *A experiência das irrupções do inesperado na história penetrou com dificuldade nas consciências. A chegada do imprevisto era previsível, mas não sua natureza.*
>
> Edgar Morin

Todas as futurologias do século XX que previam o futuro com base nas correntes que atravessavam o presente fracassaram. Contudo, continuamos a prever 2025 e 2050 mesmo que sejamos incapazes de compreender 2020. A experiência das irrupções do inesperado na história não penetrou nas consciências. A chegada do imprevisivel era previsível, mas não sua natureza. Daí minha máxima permanente: "espere pelo inesperado".

Faço parte dessa minoria que previa catástrofes em cadeia provocadas pelo desdobramento incontrolável da mundialização tecno-econômica, incluindo aquelas que resultam da degradação da biosfera e das sociedades. De forma alguma, porém, previ uma catástrofe viral. Mas ela teve seu profeta: em uma conferência de abril de 2012, Bill Gates anunciou que o perigo imediato para a humanidade não era nuclear, mas sim sanitário. Durante a epidemia de Ebola, que por sorte pôde ser rapidamente controlada, ele viu o prenúncio do perigo mundial de um possível vírus com forte poder de contaminação. Falou sobre as medidas de prevenção necessárias, dentre elas equipamento hospitalar adequado. Mas, a despeito desta advertência pública, nada foi feito nos EUA nem em lugar algum. Isso porque o conforto intelectual e o hábito odeiam mensagens incômodas.

[1] Fôlder da crise. Paris: Gallimard, nº 54, 21 de abril de 2020. A presente tradução foi originalmente publicada no Brasil, no site do Instituto Humanitas – IHU – da Unisinos, em junho de 2020. Ao final, Antoine Gallimard, diretor da série *Fôlders da crise* faz uma síntese do projeto que envolve reflexões de varios pensadores das Humanidades sintonizados com as policrises do mundo contemporâneo. Tradução de Edgard Carvalho e Fagner Franca.

[2] Edgar Morin. (1921-) Diretor emérito do CNRS, autor de mais de sessenta livros, traduzido em 28 idiomas. Possui 30 títulos de professor Honoris Causa, outorgado por várias universidades do mundo. Suas ideias exercem influência significativa na reflexão contemporânea internacional.

Em muitos países, na França inclusive, a intensa estratégia econômica dos fluxos, ao substituir a da estocagem, deixou nosso dispositivo sanitário desprovido de máscaras, instrumentos de teste e aparelhos respiratórios. Acresça-se a isso a doutrina liberalizante e comercial com relação à saúde, que reduz verbas e contribui para o avanço catastrófico da epidemia.

O desafio da complexidade

A presente epidemia produz um festival de incertezas. Não estamos seguros da origem do vírus: se foi o mercado insalubre de Wuhan ou o laboratório vizinho. Não sabemos ainda as mutações que o vírus sofreu e poderá sofrer durante o curso de sua propagação. Não sabemos quando a epidemia refluirá ou se o vírus permanecerá endêmico. Não sabemos até quando, nem até que ponto, o confinamento nos submeterá a proibições, restrições, racionamentos. Não sabemos quais as consequências políticas, econômicas, nacionais e planetárias das restrições causadas pelos confinamentos. Não sabemos se devemos esperar o pior, o melhor, ou uma mistura dos dois: caminhamos na direção a novas incertezas. Os conhecimentos multiplicam-se exponencialmente de tal forma que ultrapassam a capacidade de nos apropriarmos deles; lançam, sobretudo, um desafio para a complexidade: como confrontar, selecionar, organizar os conhecimentos de forma adequada, ao mesmo tempo religando-os e integrando as incertezas. Para mim, isso revela mais uma vez a insuficiência do modo de conhecimento que nos foi inculcado, que nos faz separar o que é inseparável e reduzir a um único elemento aquilo que é ao mesmo tempo uno e diverso. De fato, a importante revelação dos impactos que sofremos é que tudo aquilo que parecia separado está conectado, porque uma catástrofe sanitária envolve integralmente a totalidade de tudo o que é humano. É trágico que o pensamento disjuntor e redutor reine soberano em nossa civilização e detenha o comando tanto na política e na economia. Essa desastrosa insuficiência nos conduziu a erros de diagnóstico, de prevenção, assim como a decisões aberrantes. Acrescento que essa obsessão dominante pela rentabilidade entre nossos governantes e que conduz nossa economia é responsável, repito, pelo abandono dos hospitais bem como da produção máscaras na França. Do meu ponto de vista, as carências no nosso modo de pensar, aliadas à dominação incontestável de uma sede desenfreada de lucro, são responsáveis por inúmeros desastres humanos incluindo aqueles que vêm ocorrendo desde fevereiro de 2020.

Potência e impotência da ciência

É mais que legítimo que a ciência seja convocada pelo poder para lutar contra a epidemia. A princípio tranquilizados, sobretudo por causa do uso da cloroquina defendido pelo professor Didier Raoult, os cidadãos se defrontaram depois com opiniões diferentes e

até mesmo contrárias. Os cidadãos mais informados descobriram que alguns renomados cientistas mantêm estreitas relações com a indústria farmacêutica, que possuem lobistas poderosos junto aos ministérios e meios de comunicação, capazes de inspirar campanhas para ridicularizar ideias inconvenientes. Lembremos do professor Luc Montagnier que, contra pontífices e mandarins da ciência foi, juntamente com alguns outros colegas, o descobridor do HIV, o vírus da aids. Esta é a ocasião para compreender que a ciência, diferente da religião, não tem um repertório de verdades absolutas e que suas teorias são biodegradáveis sob efeito de novas descobertas. As teorias aceitas tendem a se tornar dogmáticas nas cúpulas acadêmicas, e são os desviantes, de Pasteur a Einstein, passando por Darwin e Crick e Watson, os descobridores da dupla hélice de DNA, que fazem com que as ciências progridam. É por isso que as controvérsias, longe de serem uma anomalia, são necessárias a tal progresso. Mais uma vez, frente ao desconhecido, tudo progride por tentativa e erro, assim como por inovações desviantes, a princípio incompreendidas e rejeitadas. Esta é a aventura terapêutica contra o vírus. Os remédios podem aparecer aonde ninguém esperava. Em decorrência disso, seria necessário um verdadeiro debate sobre o antagonismo entre prudência e urgência, ao invés da velha dicotomia daqueles que se prendem a apenas uma das partes: a prudência corre o risco de aumentar o número de vítimas por falta de testes confiáveis; a urgência, por sua vez, pode subestimar os efeitos secundários de um tratamento que tem obtido bons resultados imediatos. Qualquer que seja a decisão, trata-se de um desafio na qual cada escolha comporta um perigo de perdas de vidas humanas. Mais uma vez as incertezas. Lembremos que a ciência é devastada pela hiperespecialização, que implica o fechamento e a compartimentalização de saberes especializados, ao invés de promover sua comunicação. E são sobretudo os pesquisadores independentes que estabeleceram desde o início da epidemia uma cooperação que agora se amplia entre infectologistas e médicos de todo o planeta. A ciência vive de comunicações, qualquer tipo de censura a bloqueia. Devemos, portanto, conceber as potências e impotências da ciência contemporânea.

Incertezas e dinâmicas da crise

Em meu ensaio *Sobre a crise*, tentei mostrar que uma crise, para além da desestabilização e da incerteza que acarreta, se manifesta pela insuficiência das regulações de um sistema que, para manter sua estabilidade, inibe ou repele os desvios (*feedback* negativo). Deixando de ser repelidos, os desvios (*feedback* positivo) transformam-se em tendências ativas que, se desenvolvidas, ameaçam cada vez mais desregular e bloquear o sistema em crise. Nos sistemas vivos, sobretudo os sociais, o desenvolvimento vitorioso dos desvios convertidos em tendências conduz às transformações, regressivas ou progressivas, ou mesmo a uma revolução.

A crise em uma sociedade suscita dois processos contraditórios. O primeiro estimula a imaginação e a criatividade em busca de soluções novas. O segundo se concentra no retorno a uma estabilidade passada, seja a adesão a uma salvação providencial, ou a denúncia ou imolação de um culpado. O culpado pode ter cometido erros que levaram à crise, ou pode ser um culpado imaginário, bode expiatório que precisa ser eliminado. Manifesta-se, efetivamente, um fervilhar de ideias em busca de uma nova Via ou de uma sociedade melhor. As ideias desviantes e marginalizadas se propagam desordenadamente: retorno à soberania, Estado-providência, defesa dos serviços públicos contra as privatizações, realocações, desmundialização, anti-neoliberalismo, necessidade de uma nova política. Pessoas e ideologias são designadas como culpadas. Na carência dos poderes públicos, identifica-se também uma profusão de imaginações solidárias: produção alternativa para a falta de máscaras por empresas reconvertidas ou por confecções artesanais, reagrupamento de produções locais, entregas gratuitas em domicílio, ajuda mútua entre vizinhos, alimentação gratuita aos sem-teto, cuidado das crianças. Além disso, o confinamento estimula as capacidades auto-organizadoras para remediar, por meio de leituras, música se filmes, a perda da liberdade de deslocamento. Desse modo, autonomia e inventividade são estimuladas pela crise.

Um mundo incerto e trágico

Espero que a excepcional e mortífera epidemia que vivenciamos nos dê a consciência não apenas de que somos não apenas parte integrante da inacreditável aventura da Humanidade, mas também que vivemos em um mundo ao mesmo tempo incerto e trágico. A convicção de que a livre concorrência e o crescimento econômico são panaceias sociais escamoteia a tragédia da história humana agravada por essa convicção. A loucura eufórica do transhumanismo leva ao paroxismo o mito da necessidade histórica do progresso e do controle humano não somente na natureza, mas também de seu destino, prevendo que o homem acederá à imortalidade e controlará tudo pela inteligência artificial. Somos jogadores/joguetes, possuidores/possuídos, poderosos/fracos. Mesmo que possamos retardar a morte por envelhecimento, jamais poderemos eliminar os acidentes mortais nos quais nossos corpos serão esmagados, não poderemos jamais nos livrar das bactérias e dos vírus que sem cessar se transformam para resistir aos medicamentos, antibióticos, antivirais e vacinas.

Da pandemia à megacrise generalizada

A epidemia mundial do vírus desencadeou e agravou terrivelmente uma crise sanitária e, no caso da França, provocou confinamentos que asfixiaram a economia,

transformaram um modo de vida voltado para o exterior, numa introversão voltada para o lar, colocando a mundialização numa crise sem precedentes. A mundialização criou uma interdependência, mas sem que tal interdependência fosse acompanhada de solidariedade. Pior que isso, ela suscitou, em reação, confinamentos étnicos, nacionais, religiosos que se agravaram nas primeiras décadas deste século. Diante da falta de instituições internacionais e mesmo europeias capazes de reagir com uma ação solidária, os Estados nacionais se fecharam em si mesmos. A República Tcheca até mesmo confiscou o envio de máscaras destinadas à Itália, e aos EUA, desviaram em benefício próprio um estoque de mascaras chinesas inicialmente destinadas à França. A crise sanitária desencadeou uma engrenagem de crises que são concatenadas. Essa policrise ou megacrise se estende do existencial ao político, passando pela economia, do indivíduo ao planetário, passando por famílias, regiões, Estados. Em suma, um minúsculo vírus de uma cidade ignorada da China desencadeou uma convulsão no mundo. Como crise planetária, põe em evidência a comunidade de destino de todos os humanos e sua ligação inseparável com o destino bio-ecológico do planeta Terra; intensifica simultaneamente a crise da humanidade que não chega a se constituir enquanto humanidade. Como crise econômica, abala todos os dogmas que comandam a economia e ameaça transformar nosso futuro em caos e penúria. Como crise nacional, revela as carências de uma política que prioriza o capital em detrimento do trabalho, sacrificando prevenção e precaução para ampliar a rentabilidade e a competitividade. Como crise social, evidencia as desigualdades entre os que vivem em pequenas moradias populares com crianças e parentes, e aqueles que puderam fugir para uma segunda residência no campo. Como crise civilizacional, a crise nos leva a perceber as carências de solidariedade e a intoxicação do consumismo desenfreado de nossa civilização, e nos obriga a refletir sobre uma política de civilização. Como crise intelectual, deveria nos revelar o enorme buraco negro que existe em nossa inteligência, fato este que torna invisíveis as evidentes complexidades do real.

Como crise existencial, nos obriga a questionar nosso modo de vida, nossas verdadeiras necessidades, nossas verdadeiras aspirações encobertas pela alienação da vida cotidiana, a saber diferenciar o entretenimento pascaliano, que nos desvia de nossas verdades, da felicidade que encontramos na leitura de um livro, na escuta ou na contemplação das obras-primas que nos fazem encarar nosso destino humano. A crise deveria, sobretudo, abrir nossas mentes, há bastante tempo reduzidas ao imediato, ao secundário e ao frívolo, para o essencial: a importância do amor e da amizade para nosso florescimento pessoal, para a comunidade e para a solidariedade de nossos "eus" nos "nossos", para o destino da Humanidade, dentro da qual cada um de nós é uma mera partícula. Em suma, o confinamento físico deveria favorecer o desconfinamento mental.

A experiência do confinamento

A experiência do confinamento domiciliar por tempo indeterminado imposto por uma nação é uma experiência surpreendente. O confinamento do gueto de Varsóvia permitia que seus habitantes circulassem pela cidade. Mas o confinamento do gueto preparava a morte, e nosso confinamento é uma defesa da vida. Eu o vivencio em condições privilegiadas, em um apartamento térreo com jardim, onde posso tomar sol e me alegrar com a chegada da primavera, bastante protegido por Sabah, minha esposa, cercado por amáveis vizinhos que fazem nossas compras, me comunicando com meus próximos, meus amores, meus amigos, atendendo a pedidos da imprensa, rádio ou televisão, para oferecer meu diagnostico, o que posso fazer por Skype. Sei, porém, que desde o começo, muita gente que vive em habitações exíguas não suporta a superlotação, que os solitários e sobretudo os sem-teto são as vítimas do confinamento. Reconheço que um confinamento duradouro será cada vez mais vivido como um impedimento. Os vídeos não vão substituir por muito tempo a ida ao cinema, os tablets não podem substituir indefinidamente a ida à livraria. O Skype e o Zoom não substituem o contato físico, o tilintar do copo que brindamos. Mesmo que seja excelente, a comida caseira não elimina o desejo de ir a um restaurante. Os filmes documentários não suprirão a vontade de viajar para ver paisagens, cidades e museus, não acabarão com meu desejo de rever a Itália e a Espanha. A redução ao indispensável também propicia a sede pelo supérfluo. Espero que a experiência do confinamento possa moderar nosso impulso consumista, a fuga para Bangkok para trazer presentes e lembranças para contar aos amigos, espero também que o confinamento contribua para diminuir o consumismo, ou seja, a intoxicação consumista e a obediência aos apelos publicitários, em prol dos alimentos saudáveis e saborosos, de produtos duráveis e não descartáveis. Será preciso, porém, outros estímulos e novas tomadas de consciência para que uma revolução social venha a ocorrer. De qualquer forma, resta a esperança de que a lenta evolução já iniciada se acelere.

Rumo a um humanismo regenerado?

Antes de tudo, o que os cidadãos e os poderes públicos conservarão da experiência do confinamento? Somente uma parte? Tudo será esquecido, cloroformizado ou folclorizado? O que parece mais provável é que a propagação do digital, amplificada pelo confinamento (teletrabalho, teleconferências, Skype, uso intensivo da Internet), continuará com seus aspectos positivos e negativos, que não é o caso de expor aqui. Vamos ao essencial. A saída do confinamento será o começo da saída da megacrise ou seu agravamento? Boom ou depressão? Uma enorme crise econômica? Uma crise alimentar mundial? Continuação da mundialização ou isolamento autárquico? Qual será o futuro da mundialização? O neoliberalismo ameaçado retomará o comando? As nações gigantes vão se opor mais que no

passado? Os conflitos armados, mais ou menos atenuados pela crise, se aprofundarão? Haverá um dinamismo internacional capaz de salvar a cooperação? Haverá algum progresso político, econômico, social, como houve logo após a segunda guerra mundial? Se prolongará ou se intensificará o despertar da solidariedade provocada durante o confinamento, não somente pelos médicos e médicas, pelos enfermeiros e enfermeiras mas também pelos garis, pelos encarregados de manutenção, entregadores, caixas, sem os quais não poderíamos sobreviver, mesmo que tenhamos prescindido do Medef - Movimento das empresas da França - ou do CAC 40 - índice da bolsa de valores que reúne as quarenta maiores empresas da França-? As inumeráveis e dispersas práticas solidárias de antes da epidemia serão amplificadas? Os desconfinados retomarão o ciclo cronometrado, acelerado, egoísta, consumista? Ou haverá um novo renascimento da vida convivial e amorosa rumo a uma civilização na qual se desenvolve a poesia da vida, onde o "eu" floresce em um "nós"? Não podemos saber se após o confinamento novos caminhos e ideias vão desabrochar, ou mesmo revolucionar a política e a economia, ou se a ordem abalada se restabelecerá. Podemos temer fortemente a regressão generalizada observada já durante o curso dos vinte primeiros anos deste século (crise da democracia, corrução e demagogia triunfantes, regimes neo-autoritários, retomadas nacionalistas, xenófobas, racistas).

Todas essas regressões (e na melhor das hipóteses estagnações) são prováveis enquanto não emergir uma nova via política-ecológica-econômica-social guiada por um humanismo regenerado. Tal humanismo multiplicaria as verdadeiras reformas, que não reduções orçamentárias, mas reformas da civilização, da sociedade, ligadas às reformas de vida. Ela associaria, como indiquei em *A Via*, termos contraditórios: "mundialização" (para tudo que é cooperação) e "desmundialização" (para garantir uma autossuficiência alimentar e preservar seus territórios da desertificação); "crescimento" (da economia de necessidades essenciais, sustentáveis, da agricultura familiar ou orgânica) e "decrescimento" (da agropecuária industrial, da economia do supérfluo, do frívolo, do descartável); "desenvolvimento" (de tudo que produz bem-estar, saúde, liberdade) e "envolvimento" (nas solidariedades comunitárias). A pós-epidemia será uma aventura incerta na qual se desenvolverão as forças do pior e do melhor, estas últimas estando ainda debilitadas e dispersas. Saibamos enfim que o pior não é certo, que o improvável pode irromper, e que, no titânico e inextinguível combate entre inimigos inseparáveis são Eros e Tânatos, é sensato e revigorante tomar parte de Eros. A gripe espanhola deixou em minha mãe, Luna, uma lesão no coração e a recomendação médica de não ter filhos. Ela tentou dois abortos, o segundo fracassou, mas a criança nasceu quase morta asfixiada, estrangulada pelo cordão umbilical. Talvez eu tenha adquirido ainda no útero as forças de resistência que me acompanharam por toda minha vida, mas eu não teria sobrevivido sem a ajuda do outro, o ginecologista, que me estapeou durante meia-hora até que eu pudesse soltar meu primeiro grito, em seguida a sorte durante a Resistência, o hospital (hepatite, tuberculose), o amor

que alimentou minha vida e minha obra, Sabah, minha companheira e esposa. É verdade que o "elã vital" jamais me abandonou; ele até cresceu durante a crise mundial. Toda crise me estimula, e esta, de imensas proporções, pela qual passamos agora, me estimula enormemente.

Notas

1. *Sur la crise*. Paris: Flammarion, mars 2020, « Champs Essais ».
2. *Une politique de civilisation*. Avec Sami Naïr. Paris: Arléa, 1997.
3. *La Voie*. *Pour le futur de l'humanité*. Paris: Fayard 2012.

Esta edição eletrônica de *Um Festival de Incertezas* de Edgar Morin foi publicada em 21 de abril de 2020 pela editora Gallimard.

Objetivos da série Fôlders da Crise.

Em tempos sombrios, há duas atitudes possíveis. De um lado, desilusão e renúncia, alimentadas pela constatação que os tempos da reflexão e da decisão não têm mais nada em comum; de outro, a atenção renovada, da qual o retorno dos registros de reivindicações e a reativação de um amplo debate nacional são testemunhos. Nossa liberdade de pensar, como todas as nossas liberdades, não pode se exercer fora de nossa vontade de compreender. Eis por que a coleção "Fôlders" fará inserir no debate mulheres e homens que integram as humanidades, acolhendo ensaios em sintonia com seu tempo, mas extremamente diferenciados tendo em vista sua própria singularidade. Tais vozes devem se fazer ouvir em todos os lugares, como foi o caso dos grandes "fôlders da Nouvelle Revue Française", surgidos nos anos 1930, assinados por André Gide, Jules Romain, Thomas Mann ou Jean Giono – que em seu tempo relembravam: "Nós vivemos as palavras quando elas são justas." Poderemos todos juntos fazer reviver uma bela exigência como essa?

Antoine Gallimard

TRACTS.GALLIMARD.FR
DIRETOR DA PUBLICAÇÃO: ANTOINE GALLIMARD
DIREÇÃO EDITORIAL: ALBAN CERISIER.

ALBAN.CERISIER@GALLIMARD.FR
GALLIMARD • 5, RUE GASTON-GALLIMARD 75007
PARIS • FRANCE • GALLIMARD.FR
DÉPOT LÉGAL: AVRIL 2020 © ÉDITIONS GALLIMARD, 2020
ISBN : 9782072912535

A pandemia, o futuro, a vida que flui

Marco Aurélio Nogueira[1]

RESUMO
A época atual é de perplexidade, que ofusca o futuro e idealiza o passado. Com o capitalismo globalizado e a revolução tecnológica, a experiência sociocultural ingressou em uma dinâmica de aceleração que contagiou o conjunto da vida, incrementando ainda mais a obsessão produtivista e a pressão sobre o trabalho, com enormes repercussões existenciais. A pandemia do coronavírus agravou um quadro que já era dramático. Partindo desse pressuposto, o artigo procura refletir sobre algumas vias alternativas, que recuperem o diálogo, a cooperação e a solidariedade em escala global, valorizando ao mesmo tempo a democracia e o reformismo incremental.

Palavras-chave: aceleração, globalização, futuro, democracia, complexidade.

Decifrar o futuro sempre assustou e excitou os humanos. Da mítica Esfinge de Tebas, com seu enigma que exigia um esforço de autoconhecimento e de reflexão sobre os passos da humanidade (a criança, o adulto, o idoso), ao Iluminismo, com sua aposta no racionalismo como motor do progresso, o futuro fixou-se como imagem de desafio, promessa e possibilidade. Prevalecendo a razão, decifrado o enigma, o passado seria ultrapassado inapelavelmente, levando consigo um cortejo de perversidades acumuladas, sofrimentos ingentes e vidas desperdiçadas.

Utópicos variados floresceram, idealizando construções que conteriam em si a felicidade e a harmonia futura. Mas tarde, com o predomínio crescente da ciência e da técnica, defensores do progresso técnico e econômico inexorável e futurólogos se multiplicaram, convictos da capacidade que teriam de antecipar o que se teria pela frente. Com os avanços obtidos após a Segunda Guerra Mundial -- o Estado de Bem-Estar, o aumento de renda dos trabalhadores, o desenvolvimento da ciência aplicada nas áreas decisivas da saúde e do saneamento, os direitos sociais --, anunciou-se uma era de confiança no futuro.

Chegamos assim às últimas décadas do século XX, quando o aparato institucional, sociopolítico e cultural erguido no pós-guerra começou a ser abalado por uma combinação de fatores explosivos: crescimento das demandas dos cidadãos, aumento do custo das operações estatais, crise fiscal, mercado todo-poderoso, rápida evolução tecnológica, problemas de governabilidade, passagem de uma estrutura produtiva assentada na indústria

[1] Cientista politico, professor titular da UNESP, tradutor e colaborador do jornal *O Estado de São Paulo.*

metalomecânica para uma estrutura fundada na "economia da informação", desemprego estrutural, expansão das redes de comunicação.

Deu-se então uma reversão das expectativas. Foram postas em xeque as promessas da modernização e do progresso. As ciências humanas e a filosofia ingressaram em uma fase dedicada ao mapeamento das modificações sofridas pelo moderno. Pós-modernidade, modernidade líquida, segunda modernidade, modernidade tardia, hipermodernidade tornaram-se expressões de uso generalizado, sobre uma base consensual de que a realidade se tornara muito mais difícil de ser conhecida. Formou-se assim um paradoxo: quando tudo parecia estar sob controle -- da natureza e do tempo à sociedade, dos corpos às mentes -- eis que uma névoa espessa desaba sobre o mundo, vedando-o ao conhecimento crítico e travando a imaginação sobre o futuro. As utopias cederam lugar às distopias e às "retrotopias", utopias regressistas, que olham para trás e celebram a nostalgia dos tempos passados.

Leio em Bauman: "O caminho do futuro assemelha-se estranhamente a um percurso de corrupção e degeneração. O caminho reverso, direcionado para o passado, transforma-se assim em um itinerário de purificação dos danos que o futuro produziu toda vez que se fez presente". As esperanças de melhoramento fogem de um futuro que assusta, buscam refúgio em um passado idealizado em que se confiaria. "Tal reviravolta transforma o futuro, de um habitat natural de esperanças e expectativas legítimas, em uma casa de pesadelos". (Bauman, 2017: 16).

Na base dessa inflexão repousa o fato de que, com o capitalismo globalizado e a revolução tecnológica, a experiência sociocultural ingressou em uma dinâmica de aceleração que contagiou o conjunto da vida. Incrementou ainda mais a obsessão produtivista e a pressão sobre o trabalho, com enormes repercussões existenciais. O mundo enveredou por uma etapa que realiza *in totum* aquilo que em seus primórdios foi utilizado para definir a condição moderna: "estar em movimento", mudar compulsivamente, agir para confrontar e transformar o mundo, tornando-o diferente.

Aceleração

Como enfatizou Hartmut Rosa, as sociedades tornam-se modernas quando ganham "estabilização dinâmica", ou seja, quando ficam "sistematicamente dispostas ao crescimento, ao adensamento de inovações e à aceleração, como meio de manter e reproduzir sua estrutura" (Rosa, 2019: XI). Além de se racionalizarem, ganharem diversificação e se individualizarem, as sociedades modernas são atravessadas pela aceleração de processos, sensações e acontecimentos. Tal vetor torna-se sempre mais um princípio

básico da vida moderna, que comprime o tempo e suspende os momentos de fruição, nos quais deveria ocorrer alguma possibilidade de "desaceleração" e de repouso do guerreiro.

Hartmut Rosa explorou como esse processo ativado pela compulsão produtivista implica perdas existenciais, mal-estares e aflições (estresse, exaustão, *burnout*, falta de tempo, pressa permanente, depressão). A *sensação* de que o progresso técnico (a informatização) dilataria o tempo livre e agregaria mais horas de fruição à vida cotidiana é questionada em termos práticos pela *constatação* de que o tempo se tornou uma variável fora de controle.

Rosa segue uma trilha também frequentada por outros autores. Byung-Chul Han, por exemplo, constata que "a sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho". Seus habitantes não são mais "sujeitos da obediência", mas "sujeitos de desempenho e produção, empresários de si mesmos". Inerente a ela é a produção recorrente de transtornos e paralisias hiperativas. "A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados", de certo modo seres de "almas consumidas". Os transtornos que nela se reproduzem expressam "o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade". Refletem uma "humanidade que está em guerra consigo mesma", que vive sob o império do cansaço, do esgotamento, do excesso (de estímulos, informações, impulsos), que fragmenta e destrói a atenção. (Han, 2015).

A aceleração produz efeitos nos distintos planos da vida. Afeta o modo como se pensa, se estuda, se ensina e se aprende. O modo como se trabalha e se descansa, o lazer e a fruição cultural, os relacionamentos e os afetos. Põe em xeque os sistemas, o Estado, a família, a escola e as organizações da sociedade civil. Dificulta a compreensão da realidade e a ação sobre ela. Mundializa o mundo, mas provoca separações e desigualdades que freiam a formação de uma comunidade de destino internacional. Suspende, assim, a elaboração de visões sistemáticas do futuro e de projetos de sociedade.

Essa alteração do ritmo existencial combina-se com o fato de que, na modernidade tardia, os indivíduos desejam "dispor do mundo" livremente, tratá-lo como inesgotável, pronto para ser explorado e submetido. Essa tendência está inscrita desde sempre em nossa relação com o mundo, mas alcança nova radicalidade no século XXI, graças às possibilidades técnicas oferecidas pela digitalização e pelas restrições político-econômicas da extensão e da otimização do capitalismo financeiro e da competição desenfreada. Os humanos deparam-se, assim, com um mundo que se lhes aparece como uma sucessão de "pontos de agressão", objetos que precisam ser conhecidos, conquistados, dominados, utilizados. A "vida", portanto, torna-se uma luta que jamais pode ser interrompida. Turbinada pelos mecanismos do mercado e pelas ofertas várias do processo sociocultural, a

dinâmica vital termina por gerar frustrações seriais, raiva, medo e insatisfação, assim como comportamentos políticos fundados na violência e na agressão.

Na modernidade tardia, observa Hartmut Rosa, o "mundo da vida" torna-se cada vez mais indisponível, opaco e incerto. "Em consequência, a indisponibilidade retorna à vida concreta, mas modificada e angustiante, como uma espécie de monstro que teria se criado a si mesmo". (Rosa, 2020). O programa moderno de extensão do acesso ao mundo, que transformou o mundo em um amontoado de "pontos de agressão", produz assim, de duas formas concomitantes, "o medo do mutismo do mundo e da perda do mundo". Se "tudo está disponível", o mundo não tem mais nada a nos dizer e "onde ele se tornou indisponível de uma nova maneira, não podemos mais entendê-lo porque ele não é mais alcançável".

Com a "estabilização dinâmica" das sociedades modernas e os problemas dela derivados, processa-se uma mudança na percepção cultural. Crescer passa a significa mais risco e ameaça, às pessoas, às sociedades, ao Estado, à natureza. Ao futuro. Deixa de ser um valor inquestionável, ainda que não seja abandonado como vetor econômico. Estreitam-se as margens de manobra dos governos e dos sistemas políticos, que deixam de produzir resultados satisfatórios.

Grupos e indivíduos defrontam-se com a realidade estrutural da modernidade atual: "o que sustenta o jogo do crescimento não é a vontade de obter ainda mais, mas o medo de ter cada vez menos". Grupos e indivíduos sentem-se "estruturalmente constrangidos (a partir de fora) e culturalmente empurrados (a partir de dentro) para fazer do mundo o ponto de agressão", para converter o mundo em algo a ser conhecido, explorado, consumido, dominado. Não é difícil imaginar a repercussão explosiva e perturbadora desse processo quando ele atinge seu ápice. A sensação de um mundo indisponível invade o plano político, onde é processada de modo discursivo e reforçada pela dinâmica incontrolável da mídia e das redes sociais, "que desencadeiam em pouquíssimo tempo ondas de indignação -- ou de entusiasmo -- insuspeitáveis e com consequências gigantescas, ondas cujos fluxos e refluxos são tão imprevisíveis e incontroláveis quanto suas interações". (Rosa, 2020)

Basta girar o periscópio para constatar que não há lugar na Terra que esteja a exibir coesão, harmonia e satisfação. A fragmentação, o sentimento de impotência, a frustração, a raiva, os estados depressivos espalham-se como fogo pelas mais diferentes sociedades. A "crise" torna-se assim abrangente: põe em xeque o modo de vida moderno, o padrão de desenvolvimento, o modo como se dispõe do mundo, como ele é ocupado, utilizado, explorado. Edgar Morin fala em "megacrise" e em "poli-crises" para acentuar precisamente essa dimensão complexa e universal, em um processo que aproxima e afasta, unifica e separa: "A globalização, a ocidentalização, o desenvolvimento são os três alimentos da mesma dinâmica que produz uma pluralidade de crises interdependentes, emaranhadas,

entre as quais estão a crise cognitiva, as crises políticas, as crises econômicas, as crises sociais, que são, elas mesmas, produtoras da crise da globalização, da ocidentalização, do desenvolvimento. A gigantesca crise planetária é a crise da humanidade que não consegue chegar à humanidade". (Morin, 2011).

Faltam lideranças que se disponham a pensar o futuro, praticando uma política inovadora e de civilidade, voltada para a solidariedade e a qualidade de vida, que ficam na dependência de "resistências colaborativas" e "oásis de fraternidade" (Morin) de pequena escala. A política sofre para falar com os cidadãos, deixa-se enredar nos mecanismos do poder e nas manobrar eleitorais. Afasta-se quando deveria se aproximar. "A nossa é uma era de crise permanente dos instrumentos para resolver problemas", escreveu Bauman. O poder se separou da política, ficando solto e fora de controle. Em decorrência, as instituições ficam mais impotentes e mais submetidas aos técnicos. Os governos querem se agarrar ao terreno nacional, mas são pressionados pelo supranacional. A condição cosmopolita (a interdependência, as interações) não conta com uma consciência cosmopolita que a direcione e regule. O mundo global não conta com uma política global. Sem política, não se completa a formação de uma opinião pública global e de uma consciência de que os problemas são globais. (Bauman, 2017: 262).

Já estamos em processo de metamorfose: uma metamorfose "abrangente, não intencional, não ideológica, que se apodera da vida diária das pessoas, está acontecendo de maneira quase inexorável, com uma *enorme aceleração* que supera constantemente as possibilidades de pensamento e ação". Ela "ocorre em segundos, com uma velocidade verdadeiramente inconcebível; em consequência, está ultrapassando e esmagando não apenas pessoas, mas também instituições". É por isso que ela escapa da conceituação vigente da teoria social e leva as pessoas a terem a impressão de que o mundo está louco. (Beck, 2018, p. 79).

O tempo veloz e a política

Quem governa e exerce poder vale-se da lentidão: precisa dela para respirar, fazer cálculos e decidir. Em boa medida, o governante poderoso pretende prolongar o passado, aquilo que existe. As oposições e os cidadãos têm pressa: desejam para hoje tudo o que tem sido postergado e tudo a que aspiram. Querem antecipar o futuro. A lentidão precisa ser modulada com sabedoria e capacidade de comunicação persuasiva. Se for excessiva, pode fazer com que oportunidades de avanço se percam e apoios sejam desperdiçados, levando a que não se consiga governar os ambientes. A antecipação apressada do futuro, por sua vez, pode ser feita de forma voluntarista, em nome da vontade de mudar, perdendo de vista as determinações fundamentais e as possibilidades concretas de mudança.

Hoje, a velocidade dos fatos aumenta na mesma proporção em que cresce a complexidade social (a diferenciação, a individualização, a fragmentação, o desentendimento) e acelera-se a inovação tecnológica, sobretudo a que afeta a comunicação e a informação, internet à frente. Quanto mais tribos, nichos e redes, maior é o volume de fatos e mais veloz é a sucessão deles. Dadas as interações e as trocas amplificadas, fatos passam a significar também versões e interpretações. Narrativas proliferam.

O resultado é um agregado que se movimenta sozinho, sem que encontre um centro gerador claro e preciso. O bólido gira em alta velocidade, como slides que deslizam rapidamente em um carrossel, sem que os espectadores tenham tempo de assimilá-los. Como decorrência, verdade e mentira se misturam, palpites e opiniões caem sobre a população como uma tempestade de raios, a mídia é onipresente. Forma-se uma névoa densa, que ajuda a rebaixar a qualidade das "narrativas" individuais, coletivas, governamentais ou patrocinadas por organizações. Vozes se espalham em tom de "verdade categórica", impulsionadas por postagens e boatos espalhados por aplicativos, *bots* ou empresas especializadas.

Fatos se sucedem com rapidez inusitada, movidos por expectativas inflacionadas, ódios e ressentimentos à flor da pele, notícias e informações multiplicadas, discursos, debates e falas incessantes, uma cacofonia inesgotável. Há movimentos de luta, reivindicação e protesto os mais variados, condizentes com uma época que fez dos direitos humanos e das postulações identitárias um de seus signos mais fortes. Mas os avanços por eles obtidos tardam para socializar seus efeitos. A desigualdade se reproduz e chega a se expandir, misturada com discriminações várias e preconceitos que se repõem. A vida cotidiana, como sempre, mostra-se dura e pouco flexível, sobretudo para os marginalizados, os que se deparam com empregos que escasseiam e salários que declinam. Para os jovens, que sofrem para encontrar seu lugar no mundo.

Tudo incide sobre o espaço em que atuam os políticos, com seus partidos e suas agendas, e no qual se organizam as escolhas dos eleitores e as decisões dos governantes. A política, em si mesma, é revolvida de cima a baixo, com a crise despontando em cada curva do caminho, ora sob a forma do questionamento da representação, ora sob a colocação em xeque da ideia mesma de democracia, ora problematizando a figura dos políticos, ora fomentando versões de populismo. A esquerda enfrenta dificuldades para se renovar e se repor, a extrema-direita ressurge com virulência e agressividade.

No plano do pensamento, o cenário célere e mutante desafia os analistas, obrigando-os a checar mais fontes, a incluir mais ângulos de observação e a atravessar uma muralha de interpretações que complicam a relação "normal" entre essência e aparência. As análises tornam-se mais tentativas, refugiam-se no academicismo típico da hipermodernidade, movido a citações e referências e pouco atento à dimensão pública do

trabalho reflexivo. Exige-se sempre mais a incorporação de formas de pensar próximas da dialética e da teoria da complexidade, capazes de considerar que espaços dispostos em redes costumam gerar modalidades permanentes de "caos estável" (Beck), que se reproduzem e se refazem, até mesmo quando se estabilizam.

Sobredeterminando tudo isso, há a ação da época histórica. O capitalismo globalizado ganhou alento e seguiu seu curso, alheio a controles, crises e regulações. A turbulência econômica passou a ser personagem usual no mundo. O fundamentalismo foi reforçado, ganhando agora a companhia de nacionalistas xenófobos e demagogos, a democracia representativa tornou-se sensível demais às transformações que sacodem a vida cotidiana, a cultura de esquerda não conheceu o necessário revigoramento, o mundo do trabalho se desorganizou, a robótica, a inteligência artificial movida a algoritmos, os celulares e a informatização generalizada redesenharam o modo com os humanos vivem, pensam e fazem coisas.

O cenário não se fixa, parece sempre em movimento, mesmo quando se repõe. O analista que se proponha a interagir com tal cenário deve tentar captar o essencial do slide disposto pelo carrossel enlouquecido, sem perder de vista aquilo que vem em seguida e se projeta no horizonte. Precisa ser rápido sem ser apressado.

A velocidade está intimamente associada ao ritmo das mudanças. Há mudanças rápidas, outras precisam de tempos longos para amadurecer. Há épocas velozes e épocas em que a vida nem parece mudar, sociedades que navegam com as ondas e outras que mal conseguem sair do lugar. Em nossa época, muda-se tanto que a mudança ficou fora de controle. Sabemos que ela já está aí, mas não podemos dosá-la, nem direcioná-la. Mesmo assim, vivemos todos querendo mudar mais e no menor intervalo de tempo, somos praticamente subsumidos pela fascinação do novo, do que virá amanhã.

A velocidade com que o "novo" substituirá o "velho" intriga, até mesmo por não poder ser projetada. Há modulações e determinações a serem consideradas. A repentina subida da temperatura política e social pode tanto desencadear mudanças não previstas quanto bloquear outras já delineadas. Pode também desorganizar de tal forma o quadro existente que a complicação se torna inevitável, fazendo crescer enganos e ilusões. "Explosões" são sempre risco e surpresa: fascinam, geram temor, excitam esperanças, alteram humores, disposições e resistências.

O "novo" – um sistema, uma sociedade, um partido, uma elite política, uma cultura, um comportamento – não brota somente por causa de iniciativas políticas. Atos de vontade são importantes, mas não podem tudo. Não basta existir disposição, empenho e dedicação para que o "velho" seja deslocado. Ele está enraizado em terrenos muitas vezes arados pelo tempo secular, funciona como referência essencial para condutas, hábitos e pensamentos. Somente a ingenuidade política e o desconhecimento dos ritmos da história

podem relativizar "o peso que as gerações mortas têm sobre o cérebro dos vivos", como escreveu Marx no *18 Brumário*. A resistência à mudança, extenso e conhecido capítulo dos estudos sociais, não se apoia exclusivamente em interesses prejudicados, mas obtém a maior parte de sua força precisamente do "velho" que repousa entranhado nas bases da vida coletiva. Recusa-se a mudança por temor a ela, por não se saber direito o que fazer se aquilo que é conhecido deixar de existir, porque não se consegue visualizar o futuro.

Reformas complexas como são as da educação, da saúde e da previdência – os sistemas básicos de proteção social – requerem tempo para serem gestadas com um mínimo de consenso e executadas com sustentabilidade. Os cidadãos, porém, querem respostas imediatas. Os efeitos e os resultados do reformismo não são imediatos, fazem-se sentir ao longo de décadas. Enfrentam bloqueios e oposições, seja porque afetam interesses constituídos, seja porque se deparam com hábitos cristalizados, que não podem ser substituídos de um dia para outro.

Mudanças sistêmicas, que mexem com organizações e instituições, com modos de agir, pensar e sentir, não têm como ocorrer de chofre, abruptamente. Tentativas nesse sentido costumam dar errado. Justamente porque são complexas, tais mudanças vêm a conta-gotas: vencem quando são incrementais e economizam rupturas bruscas. São alterações moleculares, muitas vezes microscópicas e silenciosas, que, com o tempo, tendem a se acumular e a metamorfosear o organismo social como um todo.

O incrementalismo persegue a mudança segura, processual, blindada contra retrocessos. É uma perspectiva que valoriza a negociação e o acúmulo de forças, requerendo, por isso, a presença em cena de sujeitos políticos qualificados, dispostos a fazer "sacrifícios" e a se distanciar dos aplausos fáceis das multidões. Qualificados para resgatar a confiança perdida das pessoas, mobilizando-as para que assimilem as pressões mais disruptivas, reúnam-se e produzam consensos É uma perspectiva que requer maiores doses de inteligência política, sofisticação intelectual, paciência, bem como daquilo que os gregos chamavam de *phrónesis*, prudência. O incrementalismo só é sábio quando se ajusta ao tempo e à "alma" das sociedades, quando encontra um "organismo" que saiba dominar a arte do governo e se ponha na perspectiva de valorização do Estado democrático e republicano, aprofundando os pactos básicos de convivência e a formação de novos alinhamentos políticos e intelectuais.

Olhar para frente

Mas não há somente destroços e derrotas. Há crises por todos os lados, mas também estão postas as condições de possibilidade de um reformismo de esquerda que dignifique a igualdade e a democracia política. Não estamos retrocedendo.

A ambivalência é parte integrante dos processos atuais. Crises são simultaneamente risco e oportunidade. É o que leva Morin a afirmar que a globalização constitui ao mesmo tempo o pior e o melhor da humanidade. O pior decorre de seu ímpeto destrutivo, de sua adesão a um padrão de desenvolvimento desconectado das economias reais, de sua capacidade de produzir catástrofes em cadeia, que atiram comunidades inteiras no abismo da incerteza e da insegurança, ou seja, a possibilidade de autodestruição da humanidade.

Mas a globalização também abre espaços para o melhor da humanidade. "Pela primeira vez na história humana, as condições para que se ultrapasse uma história feita de guerras, na qual as potências de morte foram reforçadas a ponto de permitir agora um suicídio global da humanidade". Agora, aumentou a interdependência de cada um e de todos, nações, comunidades, indivíduos, no planeta Terra, "multiplicam-se simbioses e misturas culturais em todas as áreas, as diversidades resistem apesar dos processos de homogeneização que tendem a destruí-las". Ameaças mortais e problemas fundamentais terminam, assim, por criar uma "comunidade de destino para toda a humanidade". Em suma, a globalização produziu a "infra-textura de uma sociedade-mundo", a partir da qual podemos "ver a Terra como pátria sem que isso negue as pátrias existentes, mas, pelo contrário, englobando-as e protegendo-as". (Morin, 2011).

É evidente que a consciência dos perigos ainda é fraca e dispersa, a consciência de uma comunidade de destino permanece deficiente, a própria globalização, com suas ambivalências, impede a formação da sociedade mundial cujas bases ela cria sem cessar. Há contradições de todo tipo, que opõem, por exemplo, as soberanias nacionais e a necessidade de autoridades supranacionais que consigam lidar com os problemas vitais do planeta. Mas a sorte de algum modo está lançada, os espaços estão se abrindo. Do que se necessita é de uma mudança de via, uma metamorfose.

Quando um sistema é incapaz de resolver seus problemas vitais, observa Morin, ou ele se degrada e se desintegra, ou "revela-se capaz de criar um metassistema que o capacite para lidar com os problemas: ele se metamorfoseia". Regeneram-se assim suas capacidades criadoras. "A noção de metamorfose é mais rica que a de revolução. Preserva sua radicalidade inovadora, mas a vincula à conservação (da vida, das culturas, dos legados do pensamento e da sabedoria da humanidade). Não há como prever suas modalidades e suas formas: toda mudança de escala leva a um surgimento criativo". O que sabemos é que, para avançar em direção à metamorfose, é necessário mudar de via. "Mas se parece possível inverter certos caminhos, corrigir certos males, ainda assim não é possível frear a invasão técnico-científico-econômico-civilizacional que leva o planeta ao desastre".

Nada está dado de antemão. Não é simples. É preciso ir além da denúncia e das declarações de intenção. Começar a construir alternativas e formar novas consciências. Reproblematizar, repensar, recomeçar. Conectar o que está disperso e separado. Explorar o que há de "efervescência criativa" pelo mundo. Completar uma metamorfose que já está em curso.

A situação atual está assentada sobre problemas de difícil solução, que são ampliados pela disrupção tecnológica e se projetam no tempo e causam aquela "sensação de desorientação e catástrofe iminente" registrada por Harari (2018). Mas há ferramentas disponíveis, a ciência mostra sua pujança e não é de se descartar que os povos do mundo consigam conter a onda de xenofobia, isolacionismo e desconfiança que hoje varre o sistema internacional. Pelos riscos gravíssimos que produz, a desunião global é uma ameaça que tem como ser compreendida e neutralizada.

Pandemia

É evidente que esse quadro não favorece o reconhecimento do futuro como promessa e possibilidade, nem sequer como desafio ou esperança: ele simplesmente cancela o futuro, apaga-o das conjecturas. O "projeto" passa a ser administrar o presente, torná-lo maleável a ponto de permitir que todos possam continuar a se mover com celeridade para tentar alcançar alguma estabilidade pessoal ou grupal ilusória.

O ano de 2020 acrescentou nova camada à já espessa neblina que distorce a visão do presente e encobre o futuro. Em poucos meses, foi como se os povos do mundo se deparassem com a fragilidade do humano e a insuficiência dos sistemas de proteção social e de cuidados com a saúde.

Parte expressiva disso deveu-se à irrupção catastrófica do coronavírus, que estava nos cálculos mas não era esperada. A humanidade se deparou com um processo de adoecimento e de mortes sequenciais que dramatizou os meandros de seus piores pesadelos, embora estivesse delineado por pesquisadores e estudiosos há tempo. A banalização dos efeitos perversos da vida atual, a dificuldade de aceitar e compreender as transformações estruturais em curso -- o modo do capitalismo se reproduzir na era digital --, ao lado da emergência de "narrativas" anticientíficas impulsionadas por lideranças políticas e intelectuais da nova extrema-direita, fizeram com que uma onda de brutalidade e ignorância se instalasse entre os humanos, comprometendo as respostas coletivas ao Covid-19.

Não foi a primeira pandemia da história recente, como sabemos bem. A gripe espanhola (1920) dizimou em larga escala. Deu-se o mesmo com a AIDS, síndrome que se espalhou a partir de 1985 ativada pelos fluídos do amor e do sangue. Houve as epidemias

de Sars (2003) e de Mers (2012), igualmente provocadas por tipos de coronavírus. O surto de ebola foi grave na África.

Em 2020, todos os filmes de horror foram reprisados, as distopias ganharam destaque na imaginação popular, combinadas com doses-extra de incerteza e insegurança, derivadas das circunstâncias em que se passou a viver: o capitalismo digital, a invasão tecnológica, a reestruturação produtiva, a desorganização das classes e grupos sociais, a individualização crescente, as novas formas de emprego, a crise do trabalho, da política, da democracia. Tudo, no fundo, foi sendo articulado de modo a formar um único pacote, que, nos primeiros momentos, não tinha como ser decodificado e traduzido em termos de vida prática. O ano transcorreu na escuridão reflexiva.

As ameaças não se restringem ao vírus, por mais que sua disseminação tenha agravado a situação e exposto as fragilidades globais. A onda autoritária-populista, de base nacionalista, manteve-se em ação, desafiando as democracias instituídas e roubando dos cidadãos parte de um imaginário composto de tolerância, respeito e defesa dos direitos humanos, confiança na ciência, solidariedade e proteção.

A brutalidade gestual, verbal, procedimental, a falta de serenidade e compostura, a grosseria e a arrogância, invadiram os ambientes em geral, indiferentes a classes, grupos, gêneros, religiões e etnias. Os esforços de cooperação internacional e de articulação entre países – como a União Europeia, o Mercosul ou o BRICS – não avançaram, com o Brexit pondo em xeque a principal delas, na Europa. Os partidos democráticos perderam propulsão e muitos cidadãos viraram as costas para a política, numa inflexão "antipolítica" que terminou por convergir com o populismo em expansão. As políticas econômicas (as políticas públicas em geral) entregaram-se a uma ideia de austeridade indiferente à necessidade de reduzir as desigualdades e de prover os serviços de que necessitam as populações. A crise climática completou um quadro de gravidade extraordinária. Incêndios florestais, aquecimento global, águas marítimas em elevação, pessoas desalojadas por enchentes e desastres ecológicos, compõem um cenário de desolação e temor.

A pandemia trouxe mais problemas consigo. Agudizou a crise econômica e, com ela, agravou o desemprego e fez com que mais 130 milhões passassem a viver em extrema pobreza. Se em 2018 a proporção da população mundial vivendo em situação de extrema pobreza (menos de US$ 1,90 por dia) era de 8,6% (cerca de 650 milhões de pessoas), entre 2020 e 2021essa proporção chegará a 8,8%. A projeção foi feita em novembro de 2020 pela Conferência da ONU sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), cujo secretário-geral, Mukhisa Kituyi, observou: "O vírus se beneficiou das interconexões e fragilidades derivadas da globalização, transformando uma crise sanitária em um choque econômico global que atingiu principalmente os mais vulneráveis". Ele também destacou: "A covid-19 causou dor e alterou o curso da história, mas pode ser um catalisador para uma mudança

necessária", contribuindo para que se reformem as redes globais de produção e se reinicie a cooperação multilateral.

O fato é que a pandemia produziu impactos generalizados na vida prática, na política e no pensamento. O léxico se modificou, passou a dar destaque a termos que antes frequentavam os ambientes especializados: risco, incerteza, insegurança, instabilidade, turbulência, imprevisibilidade. Evidenciou-se que não há como traduzir o mundo real com abordagens fracionadas e hiperespecializadas, que brotam automaticamente das apostas cegas que a hipermodernidade faz no "prometeísmo da ciência, da razão, do racionalismo, da racionalidade, da racionalização", fazendo com que a inteligência se afaste das determinações fundamentais e dos esforços de totalização complexa. (Carvalho, 2017: 76-77).

Particularmente nas ciências da sociedade, ganhou impulso a teoria da complexidade, seja na versão mais tradicional (a dialética da totalização), seja na versão de Edgar Morin, que trabalha com novos entendimentos da relação tempo/espaço, refuta a linearidade e valoriza a ambiguidade e a ambivalência, abrindo-se para uma compreensão mais abrangente das tensões entre equilíbrio e desequilíbrio, auto-organização e caos, separação e reunião. Morin também insiste no valor da ciência e na necessidade de que ela se ligue aos saberes vários (mítico-imaginários) fornecidos pelas artes e ao trabalho de cooperação e solidariedade entre os próprios cientistas.

A pandemia não explica tudo, por certo. Mas fornece um excepcional posto de observação para que se compreenda melhor que as dores atuais são múltiplas e estão enraizadas nas estruturas da modernidade, hoje abaladas pela disruptiva revolução tecnológica que impõe uma nova formação social (a sociedade do conhecimento) e implode as diferentes práticas, as ideias, os modelos de organização, o Estado, as empresas, o trabalho, o ensino, a produção de conhecimentos.

A política recebe o impacto de todo esse processo. Mergulha numa crise que afeta os institutos de representação, os partidos e o próprio funcionamento da democracia. Os governos passam a governar menos e com mais dificuldades. A insatisfação social cresce e impulsiona reações variadas, que ajudam a alimentar a contestação e os movimentos de extrema-direita.

Os sinais de alerta têm sido constantes. Eles indicam com clareza que há de se retomar o empenho pela democratização, seja no plano da conduta governamental, seja em termos institucionais mais amplos, seja no plano dos relacionamentos sociais. Mais que isso: será preciso encontrar outro caminho, que consubstancie uma alternativa real ao modo como a humanidade tem vivido a vida. Não há como seguir em frente mediante a clonagem de modelos pré-existentes, o prolongamento de um padrão de desenvolvimento que produz sempre mais subdesenvolvimento, a reverberação de nacionalismos mais patrióticos ou menos, o desprezo pela ciência e pela natureza, a desconsideração de que a experiência

humana é una e está radicalmente mundializada. Ou nos projetamos como integrantes de uma comunidade global de destino, ou ficaremos travados, às voltas com problemas que não conseguimos resolver.

Como acentuou Harari, "hoje, a humanidade enfrenta uma crise aguda não apenas por causa do coronavírus, mas também pela falta de confiança entre os seres humanos". Nos últimos anos, acrescenta, "políticos irresponsáveis solaparam deliberadamente a confiança na ciência, nas instituições e na cooperação internacional. Como resultado, enfrentamos a crise atual sem líderes que possam inspirar, organizar e financiar uma resposta global coordenada". (Harari, 2020).

A saída não está em "desglobalizar" o mundo ou em fechar fronteiras: em vez de segregação, isolacionismo e medo dos "outros", a solução passa por mais cooperação.

Vida que flui

Isolamento, distanciamento, quarentena. As palavras flutuam, como pluma ao vento, ao gosto. Briga-se por elas. Distanciar? Como assim, num país como o Brasil, em que a distância social já é em si mesmo obscena? Há muros que isolam brasileiros uns dos outros, os pobres e miseráveis separados dos demais.

A diretriz é evitar contatos dispensáveis e aglomerações. Ficar em casa, circular o menos possível. Confinamento, mais que isolamento: hibernação. O vírus proliferou, mesmo assim. Faltaram políticas claras, os sistemas de saúde mostraram deficiências, a população não aceitou as recomendações com facilidade. A surpresa com a agressividade da doença somou-se à surpresa com o aparecimento insidioso de um patógeno invisível que colocou a humanidade de joelhos. A perplexidade foi inevitável: numa era de revolução tecnológica intensiva, de transformações biotecnológicas profundas, como foi possível que os humanos tenham deixado que uma crise em seus ecossistemas se instalasse e ajudasse sobremaneira a facilitar a disseminação de vírus e bactérias que simplesmente não conseguem ser controlados? Como aceitar que o coronavírus avance e mate numa época em que a ciência é fulgurante e os conhecimentos estão disseminados, de braços dados com a "inteligência artificial" e a engenharia genética?

É importante lembrar que houve respostas imediatas. Em pouco tempo, os pesquisadores conseguiram sequenciar o genoma do vírus, criaram testes confiáveis para detectar pessoas infectadas e avançaram na elaboração de vacinas. Os profissionais da saúde se desdobraram para manter ativos os sistemas sanitários. Medicamentos foram testados e aperfeiçoados. Mas o número de mortes e doentes continuou a crescer.

O mundo teve então de se fechar sobre si mesmo: tornar-se menos disponível, ser menos consumido e explorado. A vida digital se sobrepôs à vida presencial e em poucos meses a humanidade ingressou em outra etapa.

Nela, foi preciso descobrir prazeres que estavam diluídos, recuperar filmes antigos, ouvir velhas e novas canções, chorar diante de fotos esmaecidas, tropeçar naqueles livros de que se esquecera, limpar gavetas e estantes. Descartar. Reorganizar. Reviver. Dar-se conta da inutilidade de certas coisas. O uso de notas e moedas. As idas diárias ao mercado, às caixas bancárias eletrônicas ou à farmácia.

Valorizar-se outras tantas. Pensar nas amizades, saber dos amigos. Saudades das praças e ruas, das visitas, dos cafés no bar da esquina, dos almoços em família, das salas de cinema. Curtir filhos e netos de modo não presencial. Amar de longe. Respeitar a ciência e seus pesquisadores. Confiar.

O confinamento acelerou processos que estavam em curso. O mergulho no mundo digital, os encontros virtuais, as *calls conference*, as aulas a distância, os memes, as conversas telegráficas, o teletrabalho, a velocidade, a profusão de imagens e informações. Tudo isso entrou de vez na corrente sanguínea, passou a plasmar o DNA humano. Será difícil que se volte a viver presencialmente com a mesma intensidade de antes.

A situação levou a uma espécie de introspecção coletiva, na qual se alojaram os "demônios internos" de cada um, os medos e a preocupação existencial. A perplexidade se instalou de forma plena, arrastando consigo paradigmas explicativos, convicções e certezas. A pandemia exacerbou a desconexão existente entre o pensamento crítico e a realidade fática, entre o pessoal e o global.

Por mais que os teóricos da conspiração digam, não há responsáveis pela disseminação do vírus. Não foram os chineses, nem o "globalismo". Não se trata de "culpa", mas do efeito colateral do tráfego humano pelo planeta, incessante e crescente desde a saída das cavernas. Decorrência, também, da incúria onipotente, da falta de higiene, da miséria produzida, da exploração desenfreada, da irresponsabilidade, dos deslocamentos desnecessários, da movimentação frenética. Da falta de solidariedade e fraternidade entre povos e pessoas.

Divergências, antagonismos, conflitos e contradições são parte da vida, e são também complementares às tendências de união e associação. Na rota de valorização de ambiguidades e ambivalência, sempre explorada por Morin, há que se "resistir à crueldade de tudo aquilo que é predador", para com isso defender as "múltiplas solidariedades que são uma característica essencial da vida". Ganhos consistentes de consciência planetária passam pelo reconhecimento dos paradoxos da mundialização, assim como requerem "o reconhecimento de nossa humanidade comum e o respeito das diferenças". (Morin, 2019: 21, 40).

Boas doses de idealismo e de altruísmo nos farão bem. Podemos sair da crise em melhores condições. O importante é sobreviver, preservar o sistema de saúde e a capacidade dos hospitais, driblar o fluxo contínuo de informações contraditórias, com seus ecos paranoicos. Manter ativa a perspectiva de que lá fora, no exterior de nossos casulos, pulsa uma vida que ainda não perdemos.

O confinamento está a mostrar a cara feia do mundo, as iniquidades sociais, a ruindade dos governantes, a ausência de bússolas. O egoísmo e a generosidade. Está também a evidenciar que viver é mesmo perigoso e que precisamos nos dedicar a aprender sempre mais, a adquirir sensibilidade e empatia, a pensar no coletivo. Reaprender, quem sabe até mesmo começar de novo.

Há impactos evidentes: questionar tudo, mudar a rota, repensar o desenvolvimento, melhorar a formulação de políticas públicas, produzir consensos. Em particular no mundo da ciência, cresce a percepção de que o avanço depende do trabalho múltiplo e articulado de vários setores da sociedade e do Estado. Cooperação, articulação, coordenação. Entre gestores, pesquisadores, formadores de opinião, jornalistas, cidadãos. A comunicação pública torna-se vital. Dentro e fora de cada sociedade nacional: fortalecer as agências multilaterais, em especial as de perfil técnico, como a OMS, que se tornam estratégicas.

Será preciso pensar, também, no processamento das informações e no debate público. Os temas que estão na agenda são controversos, causam medo, desconfiança e reações irracionais. A desinformação agrava a polarização das opiniões, até porque dificulta a compreensão do que é verdade e do que é mentira. Nesse quadro, somente o diálogo permanente entre os agentes da sociedade pode produzir algum resultado. Toda opinião conta, mas será preciso levar na devida conta as evidências científicas.

O mundo impactado pela epidemia reverbera no movimento democrático. Impõe a ele a revisão de convicções e modos de atuação, a redução da ênfase nas identidades singulares e a valorização do que aproxima. Mais unidade na diversidade, mais diálogo e respeito pelas diferenças. Mais substância, menos adjetivações. Digerir derrotas e ressentimentos políticos, partir para a construção de novos patamares de atuação, fazendo o que não foi feito quando a situação era mais favorável. Em uma palavra: buscar a união e a articulação dos democratas, recurso básico para que se possa administrar a situação corrente e planejar minimamente o futuro. O diálogo e a cooperação serão os principais antídotos contra o acirramento das polarizações e da política do pior.

No horizonte descortina-se uma nova exigência de Estado ativo. O neoliberalismo, que já não vinha muito bem, tenderá a ser alijado do centro do palco. Mais gastos públicos, mais planejamento central, mais coordenação serão inevitáveis, e terão de ser equilibrados com uma economia de mercado que não tem como ser desativada e com uma sociedade que se mostra sempre mais desejosa de liberdade de iniciativa, inclusive no plano do

empreendimento econômico. Continuará não havendo empregos para todos, o que exigirá grande flexibilidade em termos de política econômica, de equilíbrio fiscal e de investimentos públicos. Será um ciclo complexo e desafiador.

O núcleo desse ciclo estará preenchido por valores e critérios que devem ser considerados com atenção por ativistas, intelectuais, políticos e governantes. Generosidade, investimentos maciços em políticas públicas de inclusão e proteção social, distribuição de renda, combate firme à desigualdade, defesa dos direitos sociais, valorização da ciência, respeito ao meio ambiente e às mudanças climáticas, crescimento econômico sustentável: tudo isso precisará prevalecer como diretrizes a serem seguidas. A coesão e a pressão dos democratas serão fundamentais para que as coisas caminhem nessa direção.

Referências

BAUMAN, Zigmunt. *Retrotopia*. Tradução de Marco Cupellaro. Bari-Roma: Laterza, 2017.

BECK, Ulrich. *A metamorfose do mundo. Novos conceitos para uma nova realidade*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CARVALHO, Edgard de Assis. *Espiral de ideias. Textos de Antropologia fundamental*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ : Vozes, 2015.

HARARI, Yuval Noah. *21 lições para o século XXI*. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HARARI, Yuval Noah. *Na batalha contra o coronavírus, faltam líderes à humanidade*. Tradução de Odorico Leal. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MORIN, Edgar. *La Voie: Pour l'avenir de l'humanité*. Paris: Fayard, 2011. [Ed. Bras. *A Via: para o futuro da humanidade*. 2ª ed. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013].

MORIN, Edgar. *Fraternidade: para resistir à crueldade do mundo*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Palas Athena, 2019.

ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade*. Tradução Rafael H. Silveira. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

ROSA, Hartmut. *Rendre le monde indisponible*. Paris: La Découverte, 2020.

A vingança do Real

Stella Jimenez[1]

Homenagem póstuma

O dia 29 de julho de 2020 amanheceu mais triste com a notícia da partida da Stella Jimenez, mais uma vítima da Covid 19.

Sua vida teve a trajetória marcante de um cometa, que acompanhamos com os olhos pregados no céu.

Saudosos tempos dos estudos de metapsicologia em sua casa!

Uma grande perda para a EBP e para a psicanálise.

Stella aprendeu e ensinou enquanto viveu, ficando cada vez mais generosa e doce com o passar dos anos.

Foi-se uma estrela.

Ficam a transmissão e os laços.

Publicado inicialmente por *correio_express*, Escola Brasileira de Psicanálise EBP, a quem agradecemos a cessão do texto para republicação.

RESUMO

Neste contundente texto, Stella Jimenez nos deixa o legado de um pensamento que, com elegância e agudez, costura uma crítica política sustentada pela psicanálise de J. Lacan e J.A.Miller. A vingança do Real sinaliza o retorno do inominável, que emerge para cobrar a conta do descuido humano com o infinitamente pequeno, com a delicada e invisível teia da vida que envolve e povoa o planeta pela preponderância devastadora da política neoliberal e pela aliança da ciência ao capital em sua crença narcísica de totalização do poder e do saber. (pelos editores)

Palavras-chave: Sars-Cov-2, Real, gozo, contingência, necropolítica, discurso capitalista.

J.-A. Miller, na aula de 25 de maio do Curso *O Ser e o Um*, citando o que Lacan disse no Seminário 23 sobre Adão e a bactéria, comenta: "Tentarei dar sentido ao apólogo que ele (Lacan) apresenta no começo, quando ele evoca a criação dita divina e a história dos nomes que se teriam pedido a Adão para dar às espécies animais. E ele destaca o seguinte: a bactéria não foi nomeada. Pois bem, isso significa dizer que há existências que não têm nome, não têm significante, embora sejam igualmente reais."

[1] Stella Jimenez. Psicanalista, membro da Escola Brasileira de Psicanálise. 8/5/2020.

Miller conclui disso que a verdadeira importância do que postulava Lacan era de que havia uma grande distância entre nominação e real, e que, primeiro, há o real, logo, o significante. As bactérias seriam da ordem do real, até serem nomeadas. Uma vez nomeadas, poderíamos até atribuir-lhes um gozo, como nos insinua Lacan na aula do dia 23 de abril do Seminário 22. Ele diz: "Esta pequena sujeira, que vocês olham no microscópio, e que manifestamente se mexe freneticamente, é certo que ela goza; ótimo para a bactéria. Eu me interrogo: será que a bactéria goza?" Mas, mesmo gozando, não é possível atribui-lhe uma vontade de gozar de nós. Nunca poderíamos chamar esse gozo de gozo do Outro.

Deparamo-nos atualmente, à diferença da passagem bíblica que teria ignorado a bactéria, com a súbita chegada às nossas vidas de um pedacinho de real, infinitamente menor, ao qual foi designado um novo significante. Um real que nos ameaça com o que chamaríamos de sua implacável voracidade, se pudéssemos lhe atribuir gozos humanos. O Sars-cov-2 escreveu-se de maneira contingente nas nossas vidas — e as modificou completamente.

Como de hábito, o falasser tenta dar sentido ao acontecido, tenta transformar o contingente em necessário. Assim, logo surgem teorias conspiratórias: foram os chineses, foram os americanos; está se tentando eliminar o custo dos idosos, dos pobres, dos inúteis, dos não lucrativos. Claro que alguns governos aproveitam a incidência da pandemia para sua necropolítica, mas isso é um uso oportunista da contingência. Outra forma de lidar com o contingente é transformar o acaso em determinante: só morrem pessoas de determinada idade, pessoas doentes etc. Mesmo se as pessoas idosas, por ter menor imunidade e sofrer, frequentemente, de outras patologias, tendem a contrair formas mais graves da infeção, já se sabe que podem morrer pessoas de todas as idades. Mas, novamente, a necropolítica mexe seus pauzinhos e a letalidade afeta mais aos pobres que não conseguem serem colocados a tempo em respiração assistida.

Como se fosse uma ironia do destino, num momento em que a ciência e a pesquisa científica estavam tão desprestigiadas, especialmente no Brasil, o mundo fica ameaçado e apela desesperadamente para os pesquisadores e para os cientistas.

A ciência, nos últimos tempos, pela sua aliança com o discurso capitalista, tinha tamponado sua intrínseca rejeição da verdade com o signo do dinheiro que, como o S1 dominante dos tempos, determinava todos os outros lugares dos laços sociais. Podemos pensar que essa aliança espúria contribuiu para o seu desprestígio frente à opinião geral. Se não era mais possível confiar na ciência, se ela se vendia ao que pagasse mais, se o que afirmava rapidamente era modificado de acordo com os interesses pecuniários dos cientistas, por que não esperar novamente respostas junto ao pensamento mágico e à religião?

Mas, mesmo assim, a ciência foi marcando o falasser na sua história, e não podemos negar que sempre teve "a verdade" como uma de suas causas. O problema tradicional da ciência, antes mesmo da deturpação monetária, foi a de sempre se ater à verdade formal,

como explica Lacan no seu escrito sobre o tema. Isso faz com que seja sempre incompleta — o que a ciência sempre rejeitou, aspirando poder dar conta de tudo, forcluindo o impossível do saber.

Apesar disso, a verdade mentirosa da ciência sempre permitiu que algo do real aparecesse, à diferença do que acontece com a verdade final da religião e da verdade eficiente da magia. Assim, a ciência foi tocando à humanidade com algo do real da castração, e LOM foi abandonando seus preconceitos e seu desejo de supremacia — sua negação do real da falta — por conhecimentos que o desalojaram de seu lugar almejado de centro: do centro do universo, do centro da criação, da fantasia de ser dono de seus pensamentos.

Muitos governantes atuais se opõem à ciência justamente neste ponto: pretendem fazer o homem voltar a suas satisfações narcísicas, negando o real da castração. Pretendem fazê-lo se sentir novamente o centro, superestimando suas sensações e suas percepções, à diferença do que dizem os cientistas. "Você sente a terra girando sob seus pés? Você vê o horizonte redondo ou plano? Por que você não acredita nos seus olhos e sim nas mentiras dos cientistas, que hoje dizem uma coisa e amanhã outra, dependendo do que for mais conveniente para eles? Eles dizem que o planeta está aquecendo, mas, e você, não sente frio?" É por esse apelo às fantasias do ego que eles conseguem ser tão escutados. Eles próprios, os governantes, aliam o narcisismo aos anelos neoliberais. Para o neoliberalismo, ao contrario do que parece indicar a palavra liberal, é melhor que o falasser fique preso a preconceitos e sistemas religiosos. Dessa maneira é mais fácil manipulá-lo.

Como disse antes, nos últimos tempos a ciência deu pé a seu desprestígio: unindo suas duas fraquezas, a rejeição e a aliança com o capitalismo, vinha dando suporte à destruição da natureza. Ao avanço do desmatamento, à criação de animais em condições que não tenho dúvidas em classificar como selvagens, paradoxalmente falando. Etc., etc.

Se o real fosse uma criatura pensante, poderíamos dizer que se vingou.

Infâncias desperdiçadas a apanhadores de desperdícios. À luz de Manoel de Barros

Tereza Mendonça Estarque[1]

RESUMO

A partir de experiências clínicas no espaço da clínica social do IEC e recorrendo à história das clínicas públicas de Freud e seus seguidores, o presente artigo apresenta, dentro de uma lógica referida às questões do reconhecimento, do anti-utilitarismo e da tríplice obrigação, uma forma de contribuição política do dispositivo psicanalítico ao processo das transformações sociais e ao acesso dos sujeitos ao estatuto de cidadãos solidários numa sociedade democrática.

Palavras-chave: psicanálise, clínica social, reconhecimento, antiutilitarismo, tríplice obrigação.

Uso a palavra para compor meus silêncios.

Não gosto das palavras fatigadas de informar.

Dou mais respeito às que vivem de barriga no chão tipo água pedra sapo.

Entendo bem o sotaque das águas.

Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes. Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade das tartarugas mais que as dos mísseis. Tenho em mim esse atraso de nascença.

Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos.

Tenho abundância de ser feliz por isso.

Meu quintal é maior do que o mundo.

Sou um apanhador de desperdícios: Amo os restos como as boas moscas.

Queria que a minha voz tivesse um formato de canto. Porque eu não sou da informática: eu sou da invencionática.

Só uso a palavra para compor os meus silêncios.

(Manoel de Barros, O apanhador de desperdícios. Em *Poesia completa*)

[1] Psicanalista, membro efetivo do CPRJ, Presidente do Instituto de Estudos da Complexidade, Doutorado em ciências sociais e Pós-doutorado em filosofia política.

Vinte e seis anos se passaram desde que ouvi a metáfora desalentadora do coordenador de uma casa de acolhida para meninos de rua: "não adianta...por mais que a gente faça... é sempre muito pouco: é como tentar enxugar uma bica aberta com uma toalha de rosto... parece um trabalho inútil, um desperdício, de água e de tempo... " Chamou-me atenção o fato de que, apesar de todo o desalento e de um espaço um tanto devastado, o educador mantivesse, sobre sua mesa, um pequeno vaso de flores violetas, muito vivas e bem cuidadas.

A lembrança do encontro com aquele educador, com quem viria a trabalhar por algum tempo e sua metáfora do desencantamento me acompanharam todos estes anos, retornando de tempos em tempos, em diferentes momentos de meu envolvimento com o trabalho social da psicanálise. Se escolho dizer " trabalho social da psicanálise", é para ressaltá-la como uma importante ferramenta, entre outras, na alavancagem dos processos de mudanças sociais que perpassam, em diferentes níveis de realidade, do micro ao macro, o indivíduo, a família, a escola, as comunidades, as organizações sociais e as políticas públicas. Trabalho político, sem dúvida, no sentido em que se distingue, atualmente a política e o político, entendendo-se por este último, aquilo que caracteriza toda e qualquer ação e interação humana como agente de produção de *redes de atores sociais.*

Em 2005, a historiadora da psicanálise e estudiosa de psicopatologia urbana, Elizabeth Ann Danto publicou, em Nova York, um documento extremamente relevante iintitulado, *Freud's free clinics: psychoanalyse & social Justice*, 1918-1938. Traduzido e publicado no Brasil em 2019, com o título de *As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social, 1918-1938*[2], o livro traz uma impressionante pesquisa que nos leva a pensar sobre os motivos de um apagamento do vigoroso movimento levado a cabo por Freud e pelas duas primeiras gerações de psicanalistas reunidas ao seu redor, por uma inserção orgânica da psicanálise no tecido social, entendida como condição de sua sobrevivência.

No prefácio à edição brasileira, assinado por Jorge Broide, podemos ter a dimensão da força do movimento "Como nos relata Danto, pelo menos outras doze clínicas de atendimento gratuito[3], foram criadas entre 1920 e 1938 em sete países, de Londres à Zabreb."[4] Broid nos antecipa que, no mínimo um quinto do tempo do trabalho dessas duas gerações era dedicado ao atendimento dos pobres em situação de risco, fossem eles população de rua, crianças abandonadas em abrigos, jovens gestantes, população carcerária, etc... Servindo-se do clima político favorável do governo social-democrata de Viena, estas gerações

[2] Elizabeth Ann Danto. *As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social (1918-1938).* [2005]. Tradução de Margarida Goldstajn. São Paulo: Perspectiva, 2019.

[3] Grifo meu.

[4] Id Ibidem, p. XIV.

ajudaram a implementar políticas públicas progressistas que incluíam o pensamento da psicanálise.

Em abril de 1933, dois meses após a tomada do poder por Hitler em Berlim, Freud informou a Ernest Jones: 'Estamos em transição para uma ditadura de direita, o que significa supressão da social democracia.[5]

As clínicas psicanalíticas gratuitas viveram seu ápice entre 1923 e 1932 e encontraram seu fim no dia 12 de março de 1938, quando as tropas alemãs ocuparam Viena. Como diz Danto, "o destino da psicanálise depende do destino do mundo", título do último capítulo de seu livro. Por outro lado podemos também pensar em formas possíveis de contribuição da psicanálise para os destinos do mundo. Segundo sua interpretação sobre o pensamento freudiano, em O *Mal Estar na Civilização*,

> Freud sempre acreditou que a psicanálise liberaria as habilidades de raciocínio nos indivíduos oprimidos e que o insight pessoal (combinado com o pensamento crítico), conduziria naturalmente à independência psicológica. (Danton, 2019 p. 386-387)

O desmonte imposto pelo regime de Hitler a todas as atividades e instituições psicanalíticas, ocupadas a partir daquele momento por psicanalistas nazistas e arianos, transformou sua práxis em uma "psicologia de resiliência pragmática e aptidão cívica". (Danton, 2019, p.385) Sem dúvida, a psicanálise sofreu por muitos anos os impactos desse retrocesso, mas o apagamento da história da psicanálise como um pensamento político e de sua práxis libertária não foi de todo aniquilado. Os ideais de uma psicanálise para os mais pobres, assim como a dedicação de Freud e seus seguidores em prol da manutenção desses espaços foram retomados em diferentes lugares do mundo e floresceram como espaços de resistência, especialmente durante governos totalitários.

No Rio de janeiro, durante o regime militar, o Brasil vivia o "milagre econômico", que produziu um expressivo aumento das desigualdades sociais. Naquele período, houve um fenômeno de elitização da psicanálise, que ficou conhecido como o boom da psicanálise. Incomodados com o crescente distanciamento da psicanálise e o compromisso sócio-político praticado pelos pioneiros, um grupo de psicanalistas liderados por Katrine Kemper e Hélio Pellegrino criou a Clínica Social de Psicanálise.

A chegada de muitos analistas argentinos ao Brasil, após o golpe militar de 1976, contribuiu para fomentar a crítica social e restaurar a preocupação já presente entre os fundadores da psicanálise: seu compromisso com o processo civilizatório, a democracia e, consequentemente, a justiça social.

[5] Carta de Sigmund Freud a Ernst Jones, de sete de abril de 1933, em R.A.Pasuskaukas, editor, op.cit.,p.716. Ibidem p. XXVII

Foi na confluência dessa inspiração, entre os ideais dos pioneiros e o pensamento complexo de Edgar Morin que fundamos, Maria de Fátima Lobo Amim e eu, a Clínica Social de Psicanálise do Instituto de Estudos da Complexidade, no ano de 2000, após acordo de cooperação científica com a PUC-Rio.[6]

O que escrevo a seguir reflete nossas experiências clínicas e faz parte do desfile alegórico de múltiplas e sobrepostas narrativas que derivam de memórias inventadas, que aqui se misturam às memórias de crianças, terapeutas e supervisores da clínica social de psicanálise do IEC. Ali onde a recusa do olhar do Outro firma e confirma o lugar denegado das infâncias perdidas, abre-se também o espaço da insistência pulsional, naquilo que retorna como resto do desperdício, lixo a ser reciclado, desafio de dor transmutado em olhar desafiador.

Acostumamo-nos a pensar a cultura do desperdício em sua relação com o consumo desenfreado, com o excesso e com as sobras, paradoxos de nossa gigantesca produção de luxo, lixo e escassez. Focalizando um pouco mais de perto a questão do lixo, encontraremos a perspectiva do inútil: da vida inútil e facilmente descartável, do esforço inútil que se traduz em perda de energia, entusiasmo e tempo: a escassez do tempo e sua redução à um valor econômico eternizado na frase emblemática, *time is money.*

É nesse cenário desalentador que somos socorridos pela poesia de Manoel de Barros, poeta do Pantanal, aquele que resgata o inútil, iluminando e expondo ao olhar aquilo que supostamente não tem importância ou serventia, um pensador poético do anti-utilitarismo.[7]

O que se pode pensar de um apanhador de desperdícios?

Um catador de lixo, alguém que trabalhe na reciclagem do lixo, que perceba o lixo como matéria prima, que vislumbre horizontes por detrás dos restos. Alguém que possa ver, para além da insuficiência da pequena toalha de rosto diante da torrente de água que se esvai, a importância da captura de algumas gotas de água. Algumas gotas terão outra rota, diferente do esgoto enquanto destino comum: algumas gotas, poderão regar a pequena plantinha sobre a mesa do coordenador, alegrando-o com suas pequenas flores violetas.

Existem plantas, algumas delas muito belas e sensíveis, como as violetas e as orquídeas, que precisam de muito pouca água para florir. A transmutação da metáfora do desperdício, de tantas infâncias desperdiçadas diante de nosso olhar estarrecido e impotente, demandou de nós, como terapeutas e agentes sociais da Clínica social de Psicanálise do IEC, um trabalho sobre nossa onipotência narcísica.

De um lado, aprender a reconhecer o alcance dos pequenos gestos e abdicar do heroísmo salvacionista. De outro, fomentar o político que se produz na tessitura da rede dos atores sociais, na superfície da qual somos apenas mais um nó, simultaneamente insignificante

[6] Ver Instituto de Estudos da Complexidade in http://www.iecomplex.com.br

[7] Ver Mouvement anti-utilitariste en Sciences Sociales (MAUSS) in http://www.revuedumauss.com.fr/

e imprescindível: não se faz rede sem Nós. Não se opera mudança social sem rede de atores sociais.

O atendimento de crianças e pré-adolescentes, vítimas de violência em diferentes níveis, no serviço da Clínica Social de Psicanálise do IEC, desperta questões que nos afligem como psicanalistas e cidadãos. Aspectos teórico-clínicos e sócio-políticos se entrelaçam e demandam nossa atenção, movendo-nos em direção aos pares, para ampliar a discussão e diminuir a angústia diante de uma realidade que, freqüentemente, pesa sobre nós com a ameaça do desânimo frente ao gigantismo dos problemas e a pequena amplitude de nossas ações.

Voltemos, porém, ao ponto que nos interessa: considerando-se a condição destas crianças, colocadas em situações limite, a poucos passos da criminalidade e da morte prematura, como é possível que, para muitos, seja necessário tão pouco, para promover uma rota de fuga? Uma consulta por semana, terapeutas em início de carreira, como se opera o milagre que presenciamos, cotidianamente, nas crianças que parecem se agarrar, como podem, à magia que se passa no espaço de brincar?

A criança que teve seu irmão espancado até a morte e aos oito anos sonha em crescer e fazer vingança com as próprias mãos, que é vista sozinha nos bailes funks, cercada de adultos e tomando red bull, é a mesma que incentiva o irmão de onze a aceitar o tratamento no IEC, dizendo a ele que lá era um lugar legal para brincar. O espancamento pode se dar em casa, nas ruas ou mesmo nas ditas casas de recuperação.

Esse resto de violência que não pôde ser sublimado pela cultura e que é brutalmente atuado na forma de chacinas ou morticídios de crianças e adolescentes, na maioria dos casos negros e pobres pode encontrar, quem sabe, no espaço do brincar, um outro destino, uma porta aberta para sonhar, imaginar, fazer luto, criar lutas para um futuro diferente, onde a violência possa direcionar-se para ações de luta mediadas pelo simbólico no interior de um coletivo.

Seguindo os passos de Winnicott[8], pensamos que a experiência cultural se localiza no espaço potencial existente entre o indivíduo e o meio ambiente. Neste caso, como contrapartida à nossa guerra urbana que faz das crianças seus soldados e reféns, o espaço analítico se oferece como lugar de experimentações do viver criativo, território onde se desenham, no ato de brincar, a invenção de outros modos possíveis de existência.

A fala dos meninos nos tiram do lugar de impotência. São vários a explicitar este encantamento por um espaço onde se pode ir para brincar: duas crianças pequenas aguardam na sala de espera pelo irmão mais velho, de 10 anos, que chegou na clínica porque estava

[8] D.W.Winnicott, *Privação e Delinquência.*Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

roubando na vizinhança. A terapeuta ouve o comentário entre eles, " acho que também vou começar a roubar, só para poder vir aqui brincar."

No começo de nosso trabalho na clínica, como foi colocado acima, nos víamos premidos pelo anseio onipotente de "salvar" os meninos, o que requereu de nós o esforço de pensar esta clínica como clínica psicanalítica, lugar de produção de si e de abandono da idéia de salvação. Lugar de construção de um ambiente suficientemente bom que sirva como uma outra referência e ofereça aos sujeitos a chance de reconstrução de um self esfacelado ou rigidamente adultizado pelo esforço de prover-se na aridez de um ambiente hostil.

Ser acolhido, brincar e ser cuidado. Um lugar para expor o horror que os habita e que eles expressam, inocentemente, despudoradamente, como qualquer criança. Uma vez por semana, uma referência institucional, alguém que faça uma outra aposta ao futuro sombrio antecipado pela mãe, alguém, um analista, que inicie um processo de desestabilização da crença na profecia auto-realizadora da mãe: " este menino vai crescer, virar bandido e morrer cedo."

O que é preciso fazer para que isto não aconteça? Como evitar a coincidência entre o horror que vem de dentro, horror inerente à condição humana do desamparo e a realidade que confirma e ratifica os temores do mundo subjetivo em suas desordens pulsionais?

Em primeiro lugar, temos de pensar que as crianças que chegam até nós, vêm pelas mãos de alguém: um adulto próximo, familiar ou membro da comunidade, que neste primeiro momento ocupa o lugar do cuidador. Ou seja, os meninos que chegam esfacelados, não são ainda os mais desvalidos, porque por trás deles existe ou existiu um Outro que os percebeu, dirigir-lhes um olhar e lhes deu um reconhecimento: são seres humanos e estão sofrendo.[9] É preciso fazer algo em direção a isso, a essa percepção da dor que se expressa seja no insulismo, seja no grito do roubo que ecoa para além de suas famílias ao encontro de suas comunidades. "Pega ladrão!" Em resposta, é preciso oferecer-lhes uma rota de fuga para um lugar de sujeitos cidadãos.

Em situações nas quais a família se encontra muito desestruturada, vitimada por alguma condição de violência extrema, este outro pode ser uma Instituição parceira e, sendo assim, há também uma questão importante a ser ressaltada: nestes casos, o que pode favorecer a sustentação do lugar do analista em consonância com sua responsabilidade cidadã, é sua inserção em uma rede social de cuidados com a qual possa contar para a extensão da intervenção, lá onde sua mão não só não alcança como não deveria avançar, sob o risco de perder aquilo que caracteriza seu trabalho : a manutenção de um espaço de cuidado que

[9] Ver Axel Honneth. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*, Tradução de Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2003 [1992]

preserve, simultaneamente uma autonomia do paciente e o exercício de uma ética da responsabilidade.

Seria praticamente impossível suspender o desejo de dar soluções concretas para a vida destas crianças, sem uma rede que se encarregasse de olhar por elas em suas comunidades, lá onde os pais estão ausentes, dilacerados pelas desigualdades e as pesadas contingências de suas vidas sofridas. Pais alienados pela opressão cotidiana que esvazia suas forças no trabalho excessivo e mal pago, na humilhação imposta pelo descaso e ineficiência dos poderes públicos.

Outro menino chega: a mãe não o aguenta, tem treze anos, está muito agressivo e ela ameaça entregá-lo para o conselho tutelar. O pai está preso e os tios receiam que o garoto esteja indo pelo mesmo caminho. O tratamento avança, apesar da vergonha, o menino já adquiriu confiança para entregar seus segredos mais íntimos: conversa com o trem que o embala, o trem lhe conta sobre seu dia, narra suas aventuras e comenta sobre a vida de seus passageiros ... fabula? delira? Repetiu a quarta série, agora está na sexta, gosta da escola, mas essa, como a mãe, também não o agüenta e o expulsa. O motivo inconsistente e nebuloso da expulsão, foi um atacaque anônimo à professora. O garoto é incriminado por um colega, ele nega, não há provas definitivas, mas os dois são expulsos da escola e, anonimamente, o garoto voltará para a quinta série ou seguirá para as ruas.

Como fazer para que a escola compreenda que seu papel na rede social está muito além do aprendizado formal? Muito além, como no poema de Manoel de Barros, das palavras fatigadas de informação. Neste caso, quem usará a palavra para compor com os silêncios destes dois meninos? Que voz, em formato de canto, entoará cantigas que poderão reencantá-los?

Durante todo o tempo, nosso trabalho bascula: de um lado, a psicanálise destas crianças que, do ponto de vista psíquico, em nada parecem diferir de quaisquer outras crianças mais favorecidas economicamente, que tenham sofrido situações traumáticas produtoras de descontinuidades expressivas em suas existências. De outro, o apelo que nos convoca, como cidadãos responsáveis e conscientes, na determinante construção de redes sociais que possam sustentar e levar, à bom termo, o desenvolvimento destas crianças.

Nosso desejo de ir à escola discutir com eles a expulsão do menino e as gravíssimas e decisivas conseqüências disso em sua vida, talvez não pudessem mais reparar o dano causado à esse garoto. Consumado irremediavelmente o fato da expulsão que ratifica e confirma que não há lugar para ele no mundo, exclusão antecipatória de muitas outras que estarão por vir, o consultório do analista e seu acolhimento não só não podem como não devem ser o bastante para conter a desilusão e a revolta diante da injustiça sofrida.

Situações como essa e tantas outras, que envolvem mediações de conflito e, por vezes, aspectos jurídicos, pedem ações que transbordam os limites do consultório. Faz-se necessário

repetir e enfatizar que as parcerias institucionais precisam ocupar seus espaços, referentes às diferentes especificidades, para que o ato de analizar possa ser preservado.

Sabemos que esse trabalho micropolítico precisa ser tecido continuamente, desenvolvendo uma resistência para prosseguir com pleno conhecimento do pouco que podemos fazer diante de um cenário por vezes sombrio e desanimador. E eis que retornamos ao nosso ponto nodal: se para muitos, muito é muito pouco, como na canção de Caetano Veloso, para tantos, muito pouco pode ser muito.

Precisamos estimular e legitimar espaços de troca que permitam o fortalecimento e a manutenção dos vínculos constitutivos do tecido social. Baseado em suas observações empíricas com os povos testemunhas, Marcel Mauss[10], propõe a universalidade de um achado antropológico, a "*tríplice obrigação"*, como base para o vínculo social: *dar-receber-restituir.* Simultaneamente obrigação e gesto espontâneo, a dádiva se expressa como um sistema de obrigações paradoxais. Proposto como um paradigma relacional, supera também a antinomia eu-outro, tecendo-se nas relações e interrelações entre o indivíduo e a totalidade social. Freud e Winnicott se encontrarão aqui nesta contenda sobre o vínculo, na tentativa de superação de alguns impasses teóricos no interior da psicanálise.[11]

Se muitos de nós se sentirem concernidos pela tríplice obrigação, talvez possamos por em circulação um sistema de reciprocidade capaz de fazer frente ao paradigma utilitarista, contribuindo para a restauração do tecido social traumaticamente esgarçado pelo escândalo das desigualdades sociais.

Para Marcel Mauss, cujo pensamento inspira o *MAUSS,* Movimento antiutilitarista das ciências sociais, a lógica da reciprocidade torna possível a reconstrução do laço social. A dádiva pode ser concebida como serviços, presentes, desafios... Porém, o traço agônico da tríplice obrigação não nos deixa a ilusão de uma solução fácil. Apenas aponta para uma premissa antropológica na qual, relembrando o pensamento de Norbert Elias, os indivíduos se encontram ligados uns aos outros por laços de dependência recíproca que constituem a sociedade propriamente dita.[12]

Os trabalhos de Axel Honneth, Paul Ricoeur e dos pensadores da revita do *MAUSS* sobre o tema do reconhecimento[13], dialogam com a psicanálise das relações de objeto visando encontrar uma base empírica na qual possam ancorar seus pensamentos, sem risco de recaídas

---

[10] Ver Marcel Mauss, Ensaio sobre a dádiva; forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas. In Sociologia e antropologia, tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify: 2003 [1950]

[11] Ver Tereza Estarque, *Winnicott e a Democracia: diálogos com Axel Honneth.*TRIEB, Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.Vol.13/nº1. Pp 149-186. 2014

[12] Norbert Elias. *La Societé des individus*, tradução do alemão por Roger Chartier. Paris: Librairie Arteine Fayard, 1991.

[13] Sobre o tema do reconhecimento ver: Paul Ricoeur, *Parcours de la reconnaissance*. Paris: Gallimard, 2004. Alain Caillé, organizador. *La quête de reconnaissance, nouveau phénomène social total.* Paris: La Découverte. 2007; Axel Honneth, *La societé du mépris: vers une nouvelle théorie critique*. Paris: La Découverte. 2006.

na pura metafísica. Este primeiro olhar de reconhecimento, no âmbito de um lar suficientemente bom, capaz de identificar na criança e anunciar-lhe nossa comum humanidade, pode ser um caminho que conduza os pequeninos ao pleno exercício da cidadania solidária.

Na base dessas concepções de sociedade encontra-se um ethos fundado no intersubjetivismo forte, pautado na interdependência, entendida como matriz antropológica para o laço social. Creio que podemos pensar a questão do reconhecimento, como um fato social total, presente em todas as etapas da tríplice obrigação. Eu lhe reconheço como meu semelhante, lhe concedo o que tenho de melhor, você avalia e recebe como pode, abrindo caminho para terceira etapa, qual seja, o reconhecimento do dom recebido e sua restituição sob forma de solidarismo.

Como contraponto a uma socioantropologia hobbesiana fundada na submissão a um líder por medo da morte violenta, aqui a aposta é ultrapassar o medo da morte física e aceder à uma luta moral pela sobrevivência psíquica e o pleno exercício da cidadania entre os pares.

Nosso desejo de compartilhar o esforço deste trabalho corresponde a um impulso de promover a circulação da dádiva. Entre-Nós, aquilo que podemos dar e que é recebido por nossos pacientes, transforma-se em necessidade compulsória de retribuir na partilha, simultaneamente gesto espontâneo e obrigação, antes de mais nada, como assinala Alain Caillé e David Graeber,

> obrigação de provocar os outros a um desafio de generosidade, em poucas palavras, declarar-lhes guerra por meio do dom. Mas esta guerra por meio da dádiva - que isto seja bem compreendido - é uma forma de transformar a guerra em paz, ou seja, de longe, a maneira mais eficaz inventada até hoje pela humanidade para conseguir tal objetivo. Sem dúvida, a única.[14]

Retomando Manoel de Barros, cito um fragmento inspirador e ilustrativo do que aqui se tentou desenvolver, que se enconta no conjunto de poemas em prosa intitulado *Memórias inventadas*[15] na parte relativa à primeira infância.

> Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade.

[14] A Dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos das regras do social. *Paulo Henrique Martins, organizador.* Tradução de Guilherme João de F. Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes. 2002.

[15] Manoel de Barros. (1916-2014). *Memórias Inventadas.* São Paulo: Alfaguara, 2018. A edição reúne as memórias inventadas da primeira, da segunda e da terceira infâncias, publicadas respectivamente em 2003, 2006 e 2008.

Para concluir gostaríamos de propor, com Manoel de Barros, uma outra metáfora que se contraponha à idéia de nulidade: a do psicanalista destas crianças como "apanhadores de desperdício", empenhados na aposta de que o consultório seja o quintal onde hoje se brinca e que, para eles, depois de grandes, este quintal possa ser maior do que a cidade e que haverá de ser como acontece no amor de transferência... justo pelo motivo da intimidade.

Bibliografia Geral

Paulo Henrique Martins, org. *A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos da regra do social*. Tradução de Guilherme João de F. Ferreira: Petrópolis: Vozes, 2002.

Alain Caillé, organizador. *La quête de reconnaissance, nouveau phénomène social total.* Paris: La Découverte, 2007.

Axel Honneth, *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*, Tradução de Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2003 [1992]

Axel Honneth, *La societé du mépris: vers une nouvelle théorie critique*. Paris: La Découverte. 2006.

D.W.Winnicott, *Privação e Delinquência.*Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Elizabeth Ann Danto. *As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social (1918-1938)*. [2005]. Tradução de Margarida Goldstajn. São Paulo: Perspectiva, 2019.

Manoel de Barros. *Poesia completa*. São Paulo: LeYa, 2013.

Manoel de Barros. *Memórias inventadas*. São Paulo: Alfaguara, 2018.

Marcel Mauss. *Ensaio sobre a dádiva; forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas. In Sociologia e antropologia*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify: 2003 [1950].

Norbert Elias. *La société des individus.* Traducão do alemão de Roger Chartier. Paris: Librarie Arthème/Fayard, 1991.

Paul Ricœur, *Parcours de la reconnaissance*. Paris: Gallimard, 2004

Tereza Estarque. *Winnicott e a democracia: diálogos com Axel Honneth.* TRIEB/ Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Vol.13/Nº1, pp 149-186. 2014.

Corpo, enação e a eficácia neurocultural

Gustavo Guedes Brigante[1]

RESUMO

O texto privilegia o corpo e sistematiza as contribuições das ciências humanas e biológicas, buscando enfocar a complexidade onto-filo-sociogênica que faz emergir mundos de pertinência no âmago dos quais os viventes se movem. Para tanto, são analisadas as hipóteses de Roger Bartra sobre antropologia do cérebro; os apontamentos de David Le Breton sobre antropologia dos sentidos; os ensinamentos do paradigma enativo, proposto por Francisco Varela, Evan Thompson e Eleanor Rosch; as observações do imperativo homeostático, proposto por Antómio Damásio; a contribuições de Timothy Ingold sobre os fenômenos da experiência e de Humberto Maturana acerca da relação entre corpo e percepção.

Palavras-chave: Enação; corpo; homeoestase, experiência.

1 - Homeostase e a rede neurocultural

Todos os viventes, uni ou pluricelulares, geralmente[2] estão sempre em busca da continuação de suas vidas e a de seus pares. Agir não diz respeito apenas às atitudes intencionais, voluntárias - como quando um rato *decide* não trilhar um caminho que sabe ser perigoso, ou quando a mãe chimpanzé *decide* acariciar suas crias e as crias de suas companheiras. Também concerne aos movimentos involuntários performados pelas vísceras sem que o vivente tenha plena consciência disso. Embora tenhamos relativo controle para suspender a respiração até os limites do fôlego, não há possibilidade de fazer o mesmo com a atividade dos rins, pâncreas, intestino, sistema nervoso.

Quando um ser vivo sofre um corte, não há como decidir sobre a resposta imunológica provocada, pois, inevitavelmente, endorfinas serão emitidas e plaquetas se formarão para tampar a fenda aberta. Damásio (2018) chama tal condição de "imperativo homeostático". O termo homeostase tem origem na articulação de duas palavras gregas: *homeo* (que significa "similar") + *stasis* (que significa "estar em pé"). A expressão remete, portanto, à condição do organismo de se manter similar ao que era anteriormente. O "manter-se similar", contudo, não designa uma ideia de engessamento que desconhece a mutabilidade, pois todo organismo sofre mudanças estruturais em suas interações com o ambiente. A preservação homeostática não se refere às mudanças estruturais (sem as quais,

[1] Mestre em ciências sociais pela PUCSP. Integra o *Complexus*, núcleo de estudos da complexidade.

[2] Exceto nos casos de autolesão ou morte voluntária (a menos que o suicídio tenha algum objetivo altruísta, isto é, quando tem por objetivo a preservação da vida de outrém).

aliás, não haveria percepção, produção afetiva ou possibilidade de vida), mas se calca na preservação da organização visceral do organismo, sem a qual ele se desintegraria.

Para Damásio, os corpos e suas coletividades[3] orientam-se ao longo da História tendo por base tal imperativo[4]. A eficácia homeostática envolve uma complexa produção afetiva que engloba emoções e sentimentos. Emoções têm a ver com um "programa de ações" que baliza interações e reorganizações corporais. Quando, por exemplo, uma raposa foge de um lobo, a adrenalina cresce, aumentando suas chances de sobreviver ao ataque. Sentimentos, porém, referem-se às manifestações mais complexas das emoções, ao nível da consciência. Constituem experiências conscientes das produções emociogênicas.

Ademais, os sentimentos são um ingrediente crucial para o próprio surgimento da atividade consciente ao longo dos desdobramentos filogênicos. Isso não significa que Damásio sugira uma dualidade entre carne (concernente às emoções) e consciência (concernente aos sentimentos); ambos os "conjuntos" se entretecem mutuamente e de modo sincrônico.

Os afetos exercem um papel crucial no desafio da sobrevivência. Além das constantes auto-organizações que os caracterizam, são eles que nos tornam sensíveis à pluralidade dos estados corporais. Isso é possível graças ao que o autor denomina "valências", isto é, a dor e/ou o prazer que marcam qualquer encontro, mesmo que não se confundam com emoções e sentimentos. Valências são os resultados de uma dada experiência[5] que propicia ou não uma tomada de decisão ou uma reação procedural, inconsciente. A dor sentida pela perda de um ente querido não se confunde com a miríade de afetos saturninos, como a tristeza, a culpa, o medo... Ambas as ocorrências são ao mesmo tempo complementares, concorrentes, antagônicas.

As valências dos afetos agem no sentido de localizar e manter o corpo entre os limites da suportabilidade psicofísica do vivente. Damásio utiliza a expressão "faixas homeostáticas" para se referir aos intervalos entre os limites do corpo em suas múltiplas dimensões. Exemplifiquemos com um acontecimento potencialmente corriqueiro: após perambular em

[3] Embora não haja divisão dicotômica entre indivíduo de um lado e sociedade de outro.

[4] Afinal, o próprio caminhar evolutivo é cambaleante e não retilíneo; segue em uma espiral que transcorre para qualquer direção, em qualquer momento. Todas mutações filogênicas ocorrem aos tropeços e espasmos.

[5] Em seu ensaio *A natureza da arte: o que as ciências cognitivas ensinam sobre o prazer estético*, Edmond Couchot, reitera que uma experiência como essa pode se efetivar tanto pelo contato direto do corpo com o evento em questão (como quando tropeçamos e caímos) quanto pelo contato indireto (como quando vemos alguém tropeçar e cair) No segundo caso, a emergência do estado emociogênico se dá pela "simulação" do outro em si. Esta simulação, contudo, não implica as mesmas sensações vivenciadas pelo agente observado: quando sentimos eclodir em nosso corpo a vertigem e ansiedade ao observarmos praticantes de parkour pulando entre os topos de altas construções, não significa que o praticante observado, no momento de seu ato, se sinta ansioso e/ou vertiginoso. Tal simulação, marca o autor, pelo menos em parte, deve-se à existência e atuação do que ficou conhecido por neurônios-espelho (NE), presentes no córtex pré-frontal e que se ativam quando um observa outro realizar ações.

meio a um dia intensamente frio, sentimos nosso corpo gélido e ficamos ávidos por aquecimento. Ao chegarmos em casa, tomamos um banho em temperatura bem elevada.

Durante os primeiros momentos a água nos parece apenas quente e propiciadora de uma uma sensação de alívio, relaxamento, aquecimento, cujas valências são positivas. Após algum tempo, porém, uma vez sanada a sensação gélida inicial, o corpo passa a se sentir desconfortável e mesmo dolorido (valências negativas) pelo ininterrupto calor crescente, evocando uma situação simétrica e oposta em relação a anterior: no primeiro momento, o estado homeostático do corpo, estava beirando os limites "para baixo" (pela falta), ao passo em que, no segundo momento, sanado o primeiro problema, a posição elevou-se até beirar os limites "para cima" (pelo excesso). Para resumir, tudo depende do contexto em que as experiências e os encontros, quaisquer que sejam, se efetivam.

É interessante frisar essa condição contextual dos encontros pois também são contextuais as eficácias neurais de produção emociogênica. É relativamente comum se deparar com falas ou matérias jornalísticas segundo as quais os estados de ânimo estejam contidos nas substâncias bioquímicas geradas e emitidas pela atividade neural. Em 2017, por exemplo, a *British Broadcasting Corporation* (BBC) publicou uma matéria[6] cujo título escolhido foi: "Os hormônios da felicidade: como desencadear efeitos da endorfina, oxitocina dopamina e serotonina". O objetivo da matéria foi listar atividades que aumentam ou diminuem a produção dos neurotransmissores citados no título, para que o leitor aumente seu desempenho de produção destas substâncias e, supostamente, a produção de bem-estar e felicidade. Porém, ocorre que as substâncias produzidas no tecido neural, em si, não são portadoras desta ou daquela emoção.

O fluir emocional depende, Izquierdo enfatiza, (2018 [2000], p. 20) não apenas as substâncias em si, mas as regiões nas quais elas são despejadas. O mesmo neurotransmissor pode atuar tanto como mediador de dependência quanto como mediador da consolidação de memórias e prazeres.

Embora estejamos falando sobre atividade neuronal, a produção afetiva não é produto da pura atividade mental ou nervosa, mas emerge da interpenetração do sistema nervoso e dos demais sistemas que constituem a estrutura do organismo. Ambos se enactam numa complexa unidade. Esse argumento faz com que Damásio critique o ideal trans-humanista de se transportar uma mente humana para um computador: o computador não detém a atividade orgânica, subjetiva, hormonal e afetiva necessárias à emergência da consciência.

Sentimentos não dependem apenas da atividade neural, "o corpo propriamente dito está envolvido de modo crucial, e esse envolvimento inclui a participação de outros sistemas homeostaticamente relevantes [...] Sentimentos são fenômenos cem por cento simultâneos e

[6] Endereço de acesso: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-39299792>.

integrantes do corpo e do sistema nervoso" (Damásio, 2018, p. 147). Para dar um exemplo sobre a importância do corpo no geral para a produção dos afetos, o autor cita o crucial (embora subestimado) papel do intestino.

O sistema digestório é de grandiosa importância para a emergência e regulação dos afetos e sua magnitude é atestada pelo sistema nervoso entérico, uma notória estrutura componente do sistema nervoso, que regula a totalidade do trato gastrointestinal. Sua estrutura abrange uma estonteante marca variável de 100 a 600 milhões de neurônios e se constitui como um sistema nervoso autônomo em relação ao sistema nervoso central. O que existe é uma complexa relação entre os sistemas nervosos e o papel do intestino na produção afetiva.

> Várias linhas de evidência sugerem que o trato gastrointestinal e o sistema nervoso entérico têm papel importante no sentimento e no humor. Não seria surpresa se a experiência "global" das gradações de bem-estar, por exemplo, estivesse relacionada em grau considerável ao funcionamento do sistema nervoso entérico. A náusea é outro exemplo. O sistema nervoso entérico é um importante tributário do nervo vago, o principal conduto de sinais das vísceras abdominais para o cérebro. Mas há outros fatos instigantes que condizem com a argumentação. Distúrbios digestivos tendem a correlacionar-se com patologias do humor, por exemplo, e curiosamente o sistema nervoso entérico produz 95% da serotonina no corpo, um neurotransmissor apreciado por seu papel crucial em distúrbios do afeto e sua correção. Talvez o novo fato mais instigante a se relatar aqui seja a estreita relação entre o mundo bacteriano e o intestino. A maioria das bactérias vivem em tranquila simbiose conosco, ocupando espaço em todas as partes da nossa pele e mucosas, chegando a bilhões de organismos, um número de organismos individuais maior do que o de células humanas individuais encontradas no organismo inteiro. Como elas influenciam o mundo do sentimento, direta ou indiretamente, é um tema fascinante para a ciência do século XXI (Damásio, 2018, p. 159).

Embora sua argumentação dedique atenção especial à complexa eficácia orgânica e simbiótica na experiência do viver, mostrando como o corpo é ativo em cada uma de suas frestas e dobras, Damásio deixa claro que embora a princípio a homeostase se refira à regulação da vida, ela contém necessariamente dimensões orgânicas, psíquicas, sociais, culturais. O que existe é um laço indissolúvel entre expressões afetivas e culturais, razão e loucura, prosa e poesia e a homeoestase pode se reorganizar a todo tempo.

> Como ligar o estado de homeostase à produção de um instrumento cultural capaz de corrigir uma deficiência homeostática? Sugeri que a ponte é fornecida pelo sentimento, uma expressão mental do estado homeostático. Uma vez que os sentimentos representam mentalmente um estado de homeostase destacado no momento, e

> em virtude da perturbação que podem gerar, eles funcionam como motivos para envolver o intelecto criativo, sendo este último o elo na cadeia que é responsável pela construção da prática ou instrumento cultural (Damásio, 2018, p. 193).

Ao fazer convergir o entendimento de cultura com o entendimento do complexo transcurso performado pelas múltiplas produções emociogênicas, Damásio converge com as considerações de Roger Bartra (2010 [2006]) ao se referir a uma antropologia do cérebro e à condição neurocultural do vivente, o que implica necessariamente a dissolução da oposição natureza/cultura.

Uma de suas hipóteses centrais é a de que, longe de ser trancafiada nos limites do crânio, a consciência extrapola a fisicalidade cerebral. Não existe um cérebro em estado puro, desvinculado de um complexo de relações. O sistema nervoso depende de linhas simbólicas para poder atuar. Esses 'sistemas simbólicos de substituição' servem para complementar funcionalidades neurais e sem os quais elas não se efetivam.

O jogo se desdobra entre eficácias simbólicas e neurais. Tanto a atividade mental quanto o cérebro extrapolam os limites da fisicalidade corporal, pois operam em um inescapável domínio de relações com o ambiente e seus entes. Um cérebro intracraniano se torna, um exocérebro.

De maneira confluente com as proposições de Damásio, Bartra considera que o surgimento do exocérebro, assim como o surgimento dos sistemas simbólicos de substituição, tiveram uma causalidade filogênica[7] e homeostática. O entrelaçamento dos elementos intra e extracorporais é um traço filogênico, evolutivo, que acabou por melhor gerir a sobrevivência – formando, assim, um *exocérebro* no "indivíduo [que] está submetido a um sofrimento ante as dificuldades para sobreviver em condições hostis" (Bartra, 2010; p. 22 - 36). A existência de um exocérebro permite inferir que os circuitos cerebrais – graças, sobretudo, à sua plasticidade[8] – conseguem "usar, em suas diversas operações conscientes, os recursos simbólicos, signos e os sinais que se encontram no entorno, como se fossem uma extensão dos sistemas biológicos internos" (ibid. p. 67). Isto não significa que o exocérebro seja pura e simplesmente um monólito cultural e simbólico e sim um *sistema simbólico de substituição.*

[7] Bartra considera possível que, ao longo da história filogênica humana, a operação dos neurônios-espelho se expandiu para reagir não somente em relação aos movimentos corporais, mas também à linguagem, constituíndo-se como um fundamento biológico da interpenetração de corpos e símbolos. Segundo escreve: "as modificações dos circuitos compostos por neurônios-espelho teríam permitido conectar agora não só com as ações fixas e estereotipadas dos movimentos das mãos de outros indivíduos, mas com um sistema cultural e social flexível e criativo de comunicação composto de sinais, signos e sons codificados". (BARTRA, 2010, p. 113).

[8] Levando em consideração que o cérebro e suas estruturas não são substâncias estáticas e estão em perene mutação, plasticidade cerebral se refere à capacidade das estruturas cerebrais assumirem funções novas. Conforme Bartra (2010 [2006]; p. 25), "a plasticidade neuronal permite que o cérebro de adapte e construa em diferentes áreas os circuitos que funcionam com deficiência".

Bartra aproxima esse *sistema simbólico de substituição* aos modelos cognitivos que, segundo Elkhonen Goldberg[9], são "alimentados externamente, graças a recursos culturais e internalizados durante a aprendizagem, *como se fossem* módulos pré-fabricados" (ibid. p. 97). A correspondência entre cérebro e exocérebro não se realiza por pura imitação; "a rede simbólica", escreve Bartra, "sem dúvidas inclui capacidades miméticas", mas não se resume a elas (ibid. p. 106). Inversamente, também não se trata de uma relação unilateral, na qual o cérebro, como uma máquina, "ingere dados e excreta ordens"[10]. Há um processo de modelagem mútua entre os fluxos intra e extra-cranianos; para ilustrar suas palavras, Bartra recorre ao exemplo da garrafa de Klein, um objeto cuja superfície não é orientável e que forma um *continuum* perene em sua forma; nela não há, de maneira segmentada, dentro e fora; ambas dimensões são interligadas e complementares. Aproximando o corpo da imagem da garrafa de Klein, Bartra liberta o corpo da perspectiva que o trata tão somente como uma bolha (que possui "dentro" e "fora") e o aloca na lógica da linha (que não conta com a distinção interno/externo), segundo a categorização elaborada por Timothy Ingold (2015). Bolha e linha são duas categorias utilizadas por ele em seu estudo sobre "a vida das linhas" [*the life of lines*]. Ambas constituem a base sobre a qual a vida se configura e desenrola.

> De fato, a maioria das formas de vida, senão todas, podem ser mais economicamente descritas como combinações específicas de bolha [*blob*] e linha [*line*], e esta pode ser a combinação de suas respectivas propriedades que permitem-nas florescer. Bolhas possuem volume, massa, densidade: elas nos dão materiais. Linhas não possuem nada disso. Aquilo que elas têm, e que falta às bolhas, é torção, flexão e vivacidade. Elas nos dão vida. A vida começa quando linhas começam a emergir e escapar do monopólio das bolhas. Onde a bolha atesta ao princípio da territorialização, a linha confirma o princípio contrário, de desterritorialização. (INGOLD, 2015, p. 04).

Um mundo só de bolhas seria um mundo sem vida, só de objetos; ao passo em que um mundo só de linhas, seria um mundo sem objetos, só de *vida*. "Nada pode persistir sem que se trace uma linha e que ela se entrelace com outras" (ibid. p. 03). Todo vivente, Ingold ressalta, é um pacote de linhas.

Diferentemente das bolhas, que não conseguem se interpenetrar sem que uma engula a outra ou sem que ambas se percam totalmente, as linhas se entrelaçam, formando laços [*knots*], sem que com isso se percam de vez. A diferença reside no fato de que as linhas, embora

[9] Elkhonen Goldberg, The executive brain. Frontal lobes and the civilized mind (2001).

[10] Ao utilizar esta expressão, Bartra responde diretamente a algumas correntes das ciências naturais, tais como o cognitivsmo/computacionismo, para os quais o cérebro realiza uma "computação dos símbolos", segundo expressão de Couchot (2019). Isto é, um tratamento mecânico no qual o corpo modela cognitivamente um mundo exterior inerte. As proposições de Bartra, no âmbito das ciências naturais, se aproximam das proposições de Francisco Varela sobre a teoria da enação, segundo a qual "o ato de comunicar não se traduz mais por uma troca de informações entre o emissor e o destinatário, e sim pela modelagem mútua de um mundo comum" (COUCHOT, 2019; p. 46).

componham os laços, não se fundem em uma massa indistinta ao se entrelaçarem e podem, inversamente, se desentrelaçar. Este entrelaçar de ambos os tipos de linha, neural e cultural, formam a malha de tessitura para aquilo que Bartra denomina redes neuroculturais.

Retornando à associação entre homeostase e cultura, Bartra considera que a linguagem é um dos mais proeminentes surgimentos neuroculturais, que atende às necessidades e estratégias de sobrevivência. "As estratégias sociais e culturais evoluíram como uma maneira de enfrentar o sofrimento em indivíduos dotados de notáveis capacidades mnemônicas e preditivas" (Bartra, 2006, p. 36).

As preocupações com o destino dado aos mortos também envolvem uma complexa trama de estratégias. Os sepultamentos são exemplos disso. Para Edgar Morin, (1973, p. 107-110) as sepulturas mais antigas são neandertalenses e datam de trinta e cinco mil anos, encontradas no Iraque. Os mortos encontravam-se em posição fetal, salpicados com vestígios de pólen, marcas de ocre em seus ossos, juntamente com suas armas e alimentos. Tais elementos apontam para a emergência de uma ritualização da morte como maneira de vencer a finitude do corpo orgânico, suplantar a degradação inerente à irreversibilidade do tempo, problematizar a jornada para além da morte.

De modo sucinto, Ingold se refere a esse dilema com as seguintes palavras:

> Nós, criaturas, estamos à deriva. Lançados às marés da história, nós precisamos nos agarrar às coisas, com a esperança de que a fricção de nosso contato, de algum modo, seja suficiente para contrabalançar as correntes que, de outro modo, nos varreriam para o esquecimento [*oblivion*] (Iingold, 2015, p. 03).

Ao ressaltarem aos entrelaçamentos entre cultura e homeostase, corpo orgânico e cultural, estes pensadores, cada um a seu modo, que a corporeidade só pode ser compreendida se inserida na tríade indivíduo-espécie-sociedade.

> A relação ambígua indivíduo/sociedade deve ser introduzida numa relação ternária espécie-indivíduo-sociedade, ela própria ambígua. Existem características genéticas próprias aos primatas sociais avançados que têm relação com o desenvolvimento do cérebro, com múltiplas predisposições intelectuais, afetivas, comunicacionais, com um jogo tornado sutil entre o inato e o adquirido [...]
>
> A sociedade e o indivíduo estão a serviço da espécie, a espécie está a serviço da sociedade e do indivíduo, mas de um modo complexo, com uma zona de ambigüidade, de contradições, de indecisibilidade. E são, de fato, essas ambigüidades, essas contradições e essa indecisibilidade que a humanidade levará a um nível ainda nunca conhecido (Morin, 1973, pp. 47-48).

2 - Memória e sensação: Multiverso enativo

Todo vivente conta com faculdades estésicas e mnemônicas que possibilitam experienciar a vida. A estesia permite ao corpo sentir os materiais que entretecem o mundo; a memória permite a aprendizagem na experiência. Ambas constituem imprescindíveis ferramentas para a manutenção homeostática.

Já vimos anteriormente que o corpo produz reações emociogênicas. Embora a produção e emissão (em áreas específicas) de neurotransmissores como a dopamina, serotonina, oxitocina, ácido gama-aminobutítico (GABA), noradrenalina desempenhem um papel crucial, não são suficientes para entender a emoção. Um sistema nervoso apartado de seu sistema imunológico e de sua cosmologia não sente ou lembra de nada. É necessário que haja um corpo orgânico em plena correspondência à atividade nervosa e em pleno entrelaçar com o ambiente.

Conforme aventam tanto Ingold (2015) quanto Varela *et. al.* (....), não há um muro intransponível que separe o corpo de seu ambiente. Ingold ilustra esse pressuposto a partir de uma conversa imaginária entre um arranha-céu e o chão no qual se encontra.

> Diz o arranha-céu: 'Olhe, eu estou completo. Veja o quão alto eu estou, diretamente no ar. Você, chão, é a infraestrutura; eu sou a superestrutura. Eu estou sobre e acima de você; você está abaixo de mim. Você pode ser minha pedra de suporte, mas sem mim, você seria nada além de um deserto, desprovido de qualquer forma ou aspecto para chamar de seu'. A isto, o chão responde: 'Você pode achar que está completo, mas de fato, estás muito enganado. De onde você acha que vem os materiais dos quais você é feito - o concreto, o aço, o vidro? E você acha que eles irão durar para sempre na forma em que eles atualmente se encontram? Estes materiais vieram da terra e é para a terra que eles eventualmente irão retornar. Eu os emprestei a você [...]. Eles permanecem minha carne, minha substância. Portanto, eu cresci em sua própria tessitura (INGOLD, 2015, p. 35).

Somos como o arranha-céu, os materiais de que somos feitos são homólogos aos materiais a partir dos quais o mundo é feito. E o mundo, por sua vez, é feito de materiais que também tecem os astros no Espaço. Embora sejamos filhos da Terra, também somos "filhos do céu"[11], poeiras de estrelas disseminadas no curso do espaço e do tempo.

Ao ingerirmos e excretarmos, inspirarmos e expirarmos, trocamos fluxos de energia com o ambiente. Porém, como asseveram Humberto Maturana e Francisco Varela, embora haja a dependência entre ser e ambiente, nossa autonomia depende de nosso organismo e

[11] Publicado no Brasil em 2008, o livro contém um instigante diálogo transdisciplinar entre Edgar Morin e Michel Cassé.

sistema nervoso. É assim que os processos cognitivos se criam e se consolidam. Somos seres autopoiéticos que contêm ordens e desordens, interações e organizações.

> O fechamento autopoiético é uma condição para a autonomia dos sistemas autopoiéticos em geral. Nos sistemas vivos em particular, o fechamento autopoiético é realizado através de uma mudança estrutural contínua sob condições de contínuo intercambio de material com o meio. Da mesma forma, uma vez quea termodinânima descreve as restrições que as entidades que especificam o espaço físico impõem sobre qualquer sistema que elas possam compor, o fechamento autopoiético dos sistemas vivos não implica a violação dessas restrições, mas constitui um modo particular de realização da autopoiese num espaço no qual as restrições termodinâmicas são válidas. Como resultado disso, um sistema vivo estruturalmente plástico ou opera como um sistema homeostático determinado estruturalmente, que mantém invariante sua organização sob condições de contínua mudança estrutural, ou ele se desintegra (Maturana, 2001d, pp. 134-135).

O fechamento de um sistema autopoiético refere-se ao fato de que não são apenas os acontecimentos de um mundo externo e independente do organismo que especificam os efeitos que ocorrem no organismo. Fenômenos do mundo interno, subjetivo, inconsciente desempenham, igualmente, importante papel no processo da autopoiese.

Como ressalta Maturana (2001c, p. 85): "O meio pode somente desengatilhar, pode apenas desencadear uma mudança estrutural determinada na estrutura do sistema cognitivo do organismo". Como também observa Couchot (2019, p. 157), nem mesmo a máquina fotográfica capta a realidade tal qual é; a fotografia é, essencialmente, um produto especificado pelas funcionalidades óptico-químicas da máquina fotográfica que a produziu. Não é o clique (efeito externo) que faz a foto, mas a organização da máquina que a produz (embora os processos implicados sejam desencadeados pelo clique). Do mesmo modo, não é o entorno objetivo que adentra nos receptores ópticos da máquina, mas sim as regras de funcionamento da máquina que fazem emergir a imagem impressa na fotografia.

Maturana e Varela se empenharam no estudo da experiência cromática, embora Varela amplie a compreensão. Em *A mente incorporada* (1993), Varela, Thompson e Rosch discorrem sobre a experiência cromática dos seres vivos. Para os autores, cada espécie experiencia a cor de modos distintos, não apenas em relação às tonalidades, mas em relação às dimensionalidades. A discrepância entre as experiências das espécies se funda na discrepância entre as estruturas próprias de cada uma.

> Nossa visão de cor é tricromática: como vimos, nossos sistema visual conta com três tipos de fotorreceptores interconectados a três canais de cor. Portanto, três dimensões são necessárias para representar nossa visão cromática, ou seja, os tipos de distinções cromáticas que podemos fazer. Tricromacia, certamente, não é monopólio

> humano; com efeito, virtualmente toda classe animal poderia conter espécies com visão tricromática. Mais interessante, de todo modo, é que alguns animais são *dicromáticos*, outros são *tetracromáticos*, e alguns podem até ser *pentacromáticos*. (Dicromátas incluem esquilos, coelhos, musaranhos, alguns peixes, possivelmente gatos, e alguns macacos americanos; tetracromatas incluem peixes que vivem perto da superfície da água, como o peixinho dourado, e aves diurnas como a pomba e o pato; aves diurnas podem ser até pentacromáticas). Ao passo em que duas dimensões são necessárias para representar a visão dicromática, quatro são necessárias para a visão tetracromática, e cinco para a visão pentacromática. Particularmente interessantes são os pássaros tetracromáticos (talvez pentacromáticos), por suas operações neuronais subjacentes parecerem diferir dramaticamente da nossa. (Varela *et. al.*, 1993, pp. 182-183).

Como se depreende de tais observações, o mundo não se dá de imediato, tampouco é representado, mas emergente A noção de representação remete a apresentar novamente, como se fossem interpretações sobre uma mesma coisa, porém, é impossível determinar qual versão é a mais válida. Ao invés de representar algo já dado, é a partir da atividade neurocultural que o mundo emerge. Esse é o sentido da enação cujo sentido remete a emergir.

Enactar é fazer emergir e ao enactarmos o mundo, somos enactados por ele. A enação, portanto, surge da circularidade do sistema autopoiético e da história de acoplamentos estruturais ontogenéticos e filogenéticos proveniente das experiências de nossos antepassados e também das nossas.

O oposto de "enactar" é "perceber", como considera Maturana (2001b, p. 67). O termo *perceber* cuja origem etimológica refere-se à articulação dos termos latinos *per* (por) + *captare* (captura), se pauta no pressuposto de que o mundo é externo-independente do organismo e que o organismo, por sua vez, encontra-se resignado à atividade de capturar, por meio dos sentidos, os dados objetivos externos.

Corporalidade, portanto, *é* experiência. Mesmo antes de qualquer estudo neurobiológico sobre a experiência cromática, como ressalta Maria Cristina Franco Ferraz (2010), Goethe, em seu estudo sobre as cores, mostrava que o corpo performa a experiência da visão, ao invés de ser um entrave a ela.

> [Goethe] propõe que se fixe por algum tempo um objeto colorido, que é a seguir retirado da frente dos olhos sem que estes se movam. Serão então percebidas cores e luzes, provenientes de uma imagem que pertence agora *ao próprio corpo*. Ou seja: conforme evidenciado nessas experiências inéditas propostas no início do século XIX, a imagem passa a ser também efeito de um olho, de um corpo que vê, o que acarreta evidentemente um forte abalo de toda certeza em relação à realidade percebida. Por sua vez, as cores se deixam contaminar por múltiplos jogos de sombras, rompendo-se sua mera

> redução à brancura da luz solar, tal como em Newton (Ferraz, 2010, pp. 25-26).

Goethe antecipa as considerações acerca do fechamento autopoiético e neuronal, segundo as quais, do ponto de vista do sistema nervoso e da experiência corporal, não há diferença entre ilusão e objetividade. Toda experiência é real para aquele que a experiência. "Esse *mundo* deixa de ser tomado como uma exterioridade imediatamente apreensível" (ibid., p. 26). A realidade deixa de ser tomada como plano transcendente ao organismo e passa a ser encarada, segundo a expressão de Maturana (2001d, p. 163), como um domínio "sujeito-dependente". Literalmente, ele afirma, criamos o mundo em que vivemos, vivenciando-o. A incomensurável miríade de distinções possíveis no âmbito dos diversos mundos existentes atesta um multiverso enativo, um infindável fractal de possibilidades em fluxo contínuo, que contem emergências e reorganizações a todo tempo.

Conforme revela a longa lista comparativa de David Le Breton em *Antropologia dos Sentidos* (2016 [2006]), acerca das estesias operantes em diversas cosmologias, os modelos sensoriais antrópicos podem diferir drasticamente, a ponto de dobrar as faixas homeostáticas segundo os auspícios da cosmologia em questão.

Embora sua lista compreenda os cinco sentidos (visão, audição, olfação, tatilidade e gustação), será mencionado apenas um exemplo, concernente à dobra homeostática. Trata-se do caso da criança de Aveyron, ocorrido na França em 1798 e comentado por Lucien Malson em *Les Enfants Sauvages,* publicado em 1964.

O caso se refere a um menino de aproximadamente dez anos de idade, encontrado nas regiões próximas às gélidas montanhas de Aveyron, onde vivia nu. O garoto, que então recebeu o nome de Victor, após algum tempo foi entregue aos cuidados do tutor Jean-Marc Gaspard Itard.

Dentre inúmeras características, Victor apresentava notória resistência térmica para o frio e para o calor. Incumbido de civilizar a criança selvagem, Itard se empenhou que o menino se adequasse às 'formas francesas' de sentir aqueles fenômenos. Para isso, iniciou um intenso tratamento ao longo de meses provocando movendo assim "um lento trabalho de erosão, de fragilização do corpo da criança".

Após frequentes banhos de várias horas em água fervente, o educador de Victor atingiu sua meta. A criança, então, tornara-se vulnerável à oscilação térmica e seu sistema imunológico - até então vigoroso - se enfraqueceu e, com frequência, Victor passou a adoecer.

Ignorando tais efeitos colaterais, Itard considerou animadores os resultados obtidos por seu método. "Posso vos garantir que naqueles idos ela tinha uma epiderme fina e aveludada" (Malson, apud. Le Breton; 2016, p. 253). Victor, que outrora possuía um forte sistema imunológico, mesmo correndo nu por pelas montanhas, sob baixíssimas

temperaturas, agora recolhia-se, friorento e constipado, muito próximo à fogueira, ao cair da noite, tal como era esperado de um menino francês considerado normal.

Como considera Le Breton, esse é o resultado do trabalho social que prepara os corpos para *sentir* o que, em outras culturas, era considerado como regular, aceito, imposto, mesmo que as perdas por vezes sejam irreversíveis. "Ao ver o mundo não cessamos de ver-nos. Todo olhar é um autorretrato, mas primeiramente aquele de uma cultura" (ibid. p. 101).

Em *Caminhando com Dragões* (2012), Ingold oferece um outro exemplo concernente à visão. Trata-se de um caso contado por Gregório Magno em seu livro *A vida de São Benedito de Núrsia*. O relato refere-se a um monge que acabou por se encontrar, face a face, com um dragão. Conforme a história, este monge estava ávido para viver a vida fora do monastério e, com frequência, lamuriava-se para São Benedito.

Certo dia São Benedito ordenou que o monge partisse para o mundo e deixasse o monastério. A excursão do monge, contudo, não foi longa: ao dar o primeiro passo para fora do monastério, paralisou-se de medo ao notar que, na trilha em que acabava de pisar, havia um dragão com a boca aberta.

Trêmulo, o monge conseguiu apenas gritar por ajuda; os demais monges vieram a seu socorro e, embora não vissem qualquer dragão, levaram-no de volta ao monastério. A conclusão oferecida para a história sugeria que o dragão já perseguia este monge e, graças as orações de São Benedito, o dragão finalmente se fez visível ao monge no momento de seu maior desvio (deixar o monastério). A partir desta história, Ingold pondera:

> Talvez o monge dessa história moralista estivesse meramente sofrendo de pesadelos. Os medievais, no entanto, não estariam tão prontamente tranquilizados quanto seus colegas modernos com a percepção de que, nos seus encontros com dragões e outros monstros, o que eles de fato viam era apenas um sonho. É claro que não seriam tão ingênuos de acreditar que os dragões existem, no sentido específico de existência invocado pelos modernos quando eles afirmam, ao contrário, que dragões não existem. Não é como se o monge da nossa história estivesse cara a cara com alguma criatura que, com o benefício do reprospecto científico, nós modernos pudéssemos reconhecer como uma espécie de réptil. Lembrem que os irmãos que vieram correndo não viram nenhum dragão. Eles não viram absolutamente nada. O que eles viram, entretanto, como o relato de Gregório testemunha repetidamente, é que estava tremendo. Com certeza, eles viram o olhar de terror marcado em sua face. E assim, quando o monge gritou para ser socorrido da boca do dragão, seus irmãos compreenderam que ele estava em apuros. Eles não reagiram ao seu surto – como psiquiatras modernos reagiriam aos delírios de um lunático que estivesse fugindo de um hospício – como idiossincrasia, possíveis alucinações induzidas por drogas, de uma mente febril e inquieta. Em vez disso, eles

> imediatamente reconheceram a visão do dragão na forma inarticulada do monge. O monge chegou a ponto de ser consumido pelo medo e já sentia os sintomas que acompanham a desintegração pessoal. O dragão não era a causa objetiva do medo, ele era a própria forma do medo (Ingold, 2012, p. 18).

Tanto o medo quanto o dragão são elementos homólogos e tal homologia não se dá por alguma relação de alegorização ou representação, em que o monge interpretaria dados de um objeto natural, tomando-o por dragão). Ela se dá pelo fato de que tanto o medo como o dragão não são tidos como dados do mundo natural, mas como fenômenos do domínio da experiência (ibid. p. 19). Desse ponto de vista, dragões são tão reais para os monges quanto o medo é para nós: o medo não tem forma no mundo natural, ele é uma emergência do domínio fenomênico medieval que caracterizava os monastérios.

Se Goethe considerou que a imagem vista por um olho é produto, também, da fisicidade do olho, Le Breton e Ingold mostram que a imagem visual, tátil, gustativa, olfativa ou auditiva também é produto dessa fisicidade mediada por uma cosmologia que se concretiza numa história individual.

Para o paradigma enativo as distinções operadas por todo sistema autopoiético, ontogênico são fruto de sua estrutura e da história de acoplamentos entre sua estrutura e a estrutura de seu ambiente, com todas as interações que caracterizam o organismo, sempre imerso em múltiplos jogos de linguagem. Daí decorre o entrelaçamento entre sensações, memórias, acoplamentos, circuitos neuronais, como bem perceberam Isquierdo (2018) e Damásio (2018) em seus ensaios inteiramente contrários ao paradigma cartesiano que separa os sujeitos que pensam dos objetos pensados.

O intuito das considerações expostas neste texto foi evidenciar que, assim como no diálogo do arranha-céu com o chão, o que chamamos "cultura" e "natureza", são linhas da mesma carne entrelaçadas pela história da vida (ontogênese) , da sociedade (sociogênese) e da espécie (filogênese).

A cultura não se reduz a uma superestrutura que se ergue sobre a infraestrutura da natureza, assim como a razão não se ergue como superestrutura sobre a infraestrutura da emoção. Todos esses domínios são recursiva e dialogicamente enlaçados e se revelam na experiência do viver.

A realidade constitui um domínio sujeito-dependente que criamos para perceber e vivenciar o mundo real. Contudo, cada experiência perceptiva não é composta por meras alegorias que mimetizam superestruturas ao gosto do observador. Não há sobredeterminação, mas sim recursividade anti-hierárquica sem determinações ou causalidades unilaterais.

É nos circuitos entre fazer-perceber-crescer, organismo-ambiente, indivíduo-espécie-sociedade, razão-afetividade, razão-loucura, razão-sensibilidade que o organismo, para

parafrasearmos as considerações de Ingold (2015), não se constitui como um substantivo, mas como um verbo, que se conjuga nas múltiplas formas de resistir à crueldade do mundo, baseadas na fraternização e na solidariedade interculturais, como reitera Edgar Morin (2019) num de seus últimos ensaios.

Referências

António Damásio. *A Estranha Ordem das Coisas: As Origens Biológicas da Cultura*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Edgar Morin. *O enigma do homem*. Tradução de Fernando de Castro Ferro. São Paulo: Círculo do Livrom 1973.

Edgar Morin. *Fraternidade. Para resistir à crueldade do mundo*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Palas Athena, 2019.

Edmond Couchot. *A natureza da Arte: o que as ciências cognitivas revelam sobre o prazer estético.* [2012] Tradução de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo; Unesp, 2019.

Francisco Varela, Evan Thompson, Eleanor Rosch. *The embodied mind; cognitive Science and human experience.* [1991]. EUA: The Massachusetts institute of techonology press. 1993.

Humberto Maturana. A biologia do conhecer: suas origens e implicações. Em *A Ontologia da realidade*. Tradução de Nelson Vaz. (Cristina Magro, Miriam Graciano, Nelson Vaz, orgs.). Belo Horizonte: UFMG, 2001[a]

——————— Tudo é dito por um observador. Em *A Ontologia da realidade*, op. cit., 2001b.

_____ O que é ver? Em A *Ontologia da realidade*, op. cit., 2001c.

_____ Biologia da linguagem: a epistemologia da realidade, Em *A Ontologia da realidade,* op. cit., 2001d.

Ivan Isquierdo. *Memória* [2002]. Porto Alegre: Artmed, 2018.

Lucien Malson. *Les enfants sauvages*. [1964]. Paris: 10/18, 2002.

Marcel Mauss. Ensaio sobre a dádiva; forma e razão da troca em sociedades arcaicas. [1925]. Tradução de Paulo Neves. Em *Sociologia e Anropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

Maria Cristina Ferraz. *Homo deletabilis: corpo, percepção, esquecimento do século XIX ao XXI*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

Michel Cassé, Edgar Morin. *Filhos do Céu: Entre vazio, luz e matéria*. [2003] Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand, 2008.

Roger Bartra. *Antropología del Cerebro: La conciencia y los sistemas simbólicos*. [2006] México: Fondo de Cultura Economica, 2010.

Timothy Ingold. *The Life of Lines: A World Without Objects*. Nova Iorque: Taylor and Francis Books, 2015.

Caminhando com dragões: em direção ao lado selvagem. Em *Cultura, percepção e ambiente: Diálogos com Timothy Ingold* (Carlos Alberto Steil e Isabel Cristina de Moura Carvalho, orgs). São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

A Síndrome de *Burnout* e o estresse crônico como facetas atuais da histeria: produto da *Sociedade de Consumo* ou conflito psíquico?

Monique Marques Longo[1]

RESUMO

O presente trabalho problematiza duas afecções que têm acometido, na atualidade, grande parte dos trabalhadores brasileiros: a *Síndrome de Burnout* e o stress crônico. Parte-se da hipótese de que vicissitudes impostas pela *Sociedade do Consumo* não abarcam a totalidade da causa da doença, como amplamente divulgado. Uma leitura freudiana da problemática produz reflexões relevantes para se pensar uma possível etiologia desses diagnósticos.

Palavras-chave: Síndrome de Burnout; estresse; histeria; psiconeurose.

Introdução

Em crônica publicada em outubro de 2014 no jornal *O Globo*, intitulada *A tal correria dos dias*, Medeiros visa retratar contingências da atual *Sociedade de Consumo*, que supostamente, produz sujeitos cada vez mais submissos ao excesso de trabalho. A despeito de acusar as exigências econômicas, o narcisismo dos chefes, as agendas lotadas e os diversos compromissos com os quais nos envolvemos cotidianamente como causas da escassez de tempo hoje vivenciada, a autora, no entanto, conclui com uma reflexão distinta. Tudo isso, ela reitera, são desculpas para não realizar algo que não desejaríamos mas que não conseguimos assumir o desprazer sentido.

> Você não tem tempo para nada que queira fazer, e ninguém acusa você de antipático porque estão todos na mesma situação, sem "tempo" para aquilo que antes não tinha escapatória, mas que atualmente tem, graças à abençoada agenda lotada. Luxo mesmo é viver numa era tão esquizoide que te concede a desculpa perfeita para estar em outro lugar (MEDEIROS, 2014).

A escritora discorre sobre a falta de tempo como desculpa utilizada pelo trabalhador compulsivo e/ou o sujeito da atualidade em geral, quando visa não realizar determinadas

[1] Professora Adjunta da UERJ. Doutora em Educação pela PUC-Rio. Mestre em Educação pela UFRJ. Psicopedagoga. Membro em formação do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro.

atividades que supostamente não desejaria. O sujeito a que Medeiros se refere parece ter autonomia em escolher o trabalho ante os desejos que abdica saciar ou evitar.

Ante tais reflexões, vale o questionamento: será mesmo o sujeito consciente de suas escolhas? Terão mesmo, todos os trabalhadores, autonomia de decisão ante trabalhar ou de realizar outra tarefa que supostamente lhe daria prazer? Se positivo, por quê alguns chegam a ponto de adoecer, como é o caso dos que sucumbem à Síndrome de *Burnout* ou dos muitos casos diagnosticados de stress crônico na atualidade? Seria essa uma faceta da histeria típica dos tempos atuais?

Diferente do sujeito retratado por Medeiros, que supostamente se utiliza da falta de tempo para saciar, ou não, certas pulsões de forma consciente, as questões que atravessam o sujeito que adoece de estresse crônico ou da Síndrome de *Burnout*, não são tão simples assim. O sujeito acometido por doenças geradas pelo excesso de trabalho, típico dos dias atuais, parece não apresentar tal consciência ou autonomia. As causas psíquicas que os levam a adoecer acobertam conflitos muito mais complexos do que aqueles elucidados apenas por teorias econômicas.

A partir dessas ideias iniciais, o artigo tem como intuito discorrer acerca da possibilidade de pensar o alto índice dos casos de stress crônico e de Síndrome de *Burnout* como um fenômeno histérico contemporâneo. No entanto, buscaremos refutar o argumento moderno de que tais fenômenos são frutos das exigências da suposta, como conceitua Campbell (2001) *Sociedade do Consumo* a qual, segundo certos autores (Abreu et all, 2002; Azevedo, 2004; Cantarelli e Ribeiro, 2017; Campos, 2004) exigiriam do sujeito habilidades e horas cada vez mais extensas de direcionamento pulsional para a produção de algo que não lhe é prazeroso. Buscaremos argumentar e fundamentar que tal discurso é incompleto, não aportando a totalidade das suas origens sintomáticas. Refletiremos se, seriam a Síndrome do *Burnout* e do estresse crônico, sintoma histérico, expressão simbólica de um conflito psíquico que tem raízes na história individual do sujeito que dela adoece.

A argumentação tem três momentos. Num primeiro, introduzo o tema da histeria, conceituação e suas causas segundo a leitura freudiana. Num segundo, discorro sobre a Síndrome *de Burnout* e dos sintomas do estresse crônico aportada em pesquisas médicas convencionais, em sua maioria fruto do discurso moderno biologicista cuja causa, de forma geral, residiria no excesso de trabalho físico ou intelectual imposto ao homem pelas exigências da sociedade industrializada e de consumo.

Num terceiro momento, construo uma linha diagnóstica do *Burnout* a partir das passagens freudianas que se direcionam a pensar o trabalho em excesso como não sendo a causa real dos sintomas evidentes nem nas psiconeuroses e nem nas neuroses atuais -

neurastenias ou neuroses de angústia - cujos sintomas são semelhantes ao que hoje se diagnostica como Síndrome de *Burnout* ou estresse crônico.

Para tal, utilizo os aportes teóricos de Abreu et all (2002), Azevedo (2004), Cantarelli e Ribeiro (2017) e Campos (2004) e os textos Freudianos de 1983,1984,1895, 1905 e1937.

Por fim, busco fundamentar a hipótese de que o *Burnout* e o estresse estariam, na verdade, interrelacionados mais aos conflitos psíquicos sexuais infantis do sujeito, hoje adulto, que adoece dessas enfermidades adoece, do que às causas divulgadas pelos documentos legais da saúde do trabalhador e das pesquisas médicas convencionais, relatadas no terceiro tópico.

2. A Histeria: conceito e causas

A concepção da existência de uma doença histérica é antiga e, segundo Laplanche e Pontalis (2008, p. 211), remonta a Hipócrates quando ainda no século IV a. C dedica duzentas e cinquenta páginas de suas obras completas às "doenças das mulheres". Sua origem é atribuída a mobilidade do útero que para Hipócrates,

> é um organismo vivo análogo a um animal dotado de autonomia e de uma possibilidade de deslocamento. Ideia insólita que terá vida longa até o começo da era cristã. (...) a histeria - não é considerada senão um caso particular das doenças das mulheres, afecção que, segundo Hipócrates, ocorre, sobretudo, àquelas que não têm relações sexuais, o que tornaria o útero mais leve e de mais fácil movimento Esse fato levaria o útero até o fígado, causando a seguir uma sufocação súbita da mulher ao interceptar as vias respiratórias. Para Hipócrates, é por essa razão que o branco dos olhos revira, a mulher fica fria e por vezes lívida, e a saliva flui à boca fazendo-a sucumbir asfixiada se assemelhando aos ataques epilépticos. (LEITE, 2012, p. 85)

Desde então, podemos evidenciar uma ampla discussão da temática. No entanto, a concepção psicanalítica atual teve como prenúncio os questionamentos de Charcot ao pensamento médico e ao método anatômico-clínico que datam do fim do século XIX. Seus pressupostos assentavam-se em duas possíveis hipóteses: (1) na ausência de qualquer afecção orgânica, a histeria se referiria à sugestão, autossugestão ou à simulação, ou (2) seria uma doença como outra qualquer com sintomas definidos, provocados por um afecção neurológica.

Freud (1893, 1894, 1895), posteriormente, transpõe tal oposição e ratifica considerar, a histeria como uma doença psíquica de etiologia bem específica, cujo mecanismo subjacente permite considerá-la como uma “doença por representação”.

Em *Comunicação Preliminar* (1893), Freud e Breuer já elencavam determinadas especificidades que caracterizavam o quadro patogênico histérico: (1) causado pela impossibilidade de ab-reação, isto é, de expressão de sentimentos condizentes com a situação vivenciada; (2) suscitado, por sua vez, por um estado específico em que se encontra o sujeito no momento do trauma – um estado hipnoide; (3) fomentado por condições externas ou ação intencional do sujeito que se defende contra conteúdos incapazes de elaborar ou reagir. Nesse primeiro momento da teoria, segundo Laplanche e Pontalis (2008), é privilegiado o estado hipnoide como fenômeno fundamental da neurose, mas determinados também pela vigência da defesa e da retenção.

Em *Psiconeuroses de defesa (1894)* são apresentadas certas condições que fundamentam a distinção de três tipos de histeria: a hipnoide, a de retenção e a de defesa. A histeria hipnoide se caracterizaria por ter-se originado em um certo estado hipnoide, típico do momento em que o sujeito se mostra incapaz de assimilar as representações que surgem num determinado momento. Estas, então, formariam um grupo psíquico à margem, inconsciente, geradoras de sintomas patogênicos.

A histeria de retenção se caracterizaria pela vigência de condições externas desfavoráveis que impossibilitariam a ab-reação de determinados afetos numa determinada contingência. No texto de 1894, Freud isola a histeria de retenção das demais; ela deixa de ser uma condição etiológica provocada por condições internas ou externas que impediriam a ab-reação de afetos que caracteriza todo quadro histérico como exposto anteriormente por ele e Breuer nas *Considerações Preliminares* (1893). A histeria de defesa especifica-se pela atividade de defesa que o sujeito exerce contra representações capazes de fomentar afetos desagradáveis e desencadear conflitos.

No ano seguinte, em *Estudos da Histeria* (1895), a despeito de Freud ainda utilizar-se das classificações dos quadros histéricos, essas distinções já se esvanecem em função do aprofundamento da temática da defesa. Freud expõe que "curiosamente, na minha própria experiência clínica nunca encontrei verdadeira histeria hipnoide, todos os casos que comecei a tratar transformaram-se em histeria de defesa" (FREUD, 1895). No fim da obra, fica clara a subsunção de todas as outras distinções à histeria de defesa, desaparecendo as classificações feitas nas obras anteriores, no decorrer de suas reflexões ulteriores. O conceito ainda se limitaria, no entanto, ao mecanismo de recalque ante as representações conflitivas.

A temática da defesa passa a balizar seus escritos em relação não só aos quadros neuróticos mas, sobretudo, passa a ser estruturante de todo o quadro metapsicológico freudianao, a ponto de alguns comentadores, afirma Mezan (2001, p. 27/28) ratificarem que aí se encontra o início da teoria psicanalítica.

A hipótese da defesa torna-se mote de uma teoria mais coerente e satisfatória, segundo Campos, (2014), "das primeiras observações freudianas sobre a histeria, levando a uma superação das concepções de estrangulamento dos afetos e de estados hipnoides". Desde então, portanto, podemos considerar um quadro atual das neuroses, a partir da ideia de defesa freudiana, que vai se ampliando ao longo da obra.

As psiconeuroses de defesa passam a ser classificadas de forma distinta das neuroses atuais. Constituinte da primeira categoria encontramos a psicose, a paranoia, a neurose obsessiva, a fobia e a histeria — cuja etiologia se deve aos diferentes mecanismos defensivos que procuram manter a representação ideativa indesejável afastada da consciência, cuja causa reside em conflitos originados na infância. Numa segunda categoria, como neuroses atuais, estão a neurastenia e a neurose de angústia, cuja etiologia se dá por alterações no nível de descarga da excitação sexual somática e não por fatores psíquicos pré-existentes. A discussão é retomada, em diversos períodos ulteriores, até a inserção da hipocondria.

As psiconeuroses de defesa supostamente se originam nas incompatibilidades da vida psíquica, ou seja, numa representação ideativa de afetos aflitivos ao ego que não podem ser sanados pela atividade de pensamento. Surge, portanto, a defesa, que consiste no esforço voluntário do Eu, segundo Campos (2004), "em diminuir a força da representação de forma que esta não demande exigência do trabalho de associação, o que é obtido privando-a do afeto — a soma de excitação do qual ela está carregada"

Tal operação provoca a liberação da soma de excitação ligada originalmente à representação ideativa. O fim dessa soma de excitação caracterizará os diferentes mecanismos defensivos e as diferentes neuropsicoses.

Como mecanismos presente no processo tanto da histeria de defesa mas também nas obsessões, fobias, psicoses e nas paranoias, temos: a) a *conversão* que reside na descarga da excitação para o somático ao longo da inervação motora ou sensorial relacionada à experiência traumática, gerando a formação de um símbolo mnêmico e de um grupo psíquico isolado na consciência; b) a *transposição*, *deslocamento* ou *falsa conexão* quando a excitação permanece na esfera psíquica, ligando-se a outras ideias próximas e criando um substituto e rituais obsessivos; c) a *rejeição* quando a representação e a excitação são excluídas da esfera psíquica, como se jamais houvesse ocorrido, levando consigo um fragmento da realidade; e d) a *projeção* quando há a transposição da excitação para um objeto externo (CAMPOS, 2004).

Passam a ser distintas também a histeria de angústia e a de conversão. Na primeira, segundo LAPLANCHE e PONTALIS (2008, p. 211), a angústia é fixada de modo mais ou menos estável em determinados objetos, como é o caso das fobias observadas por Freud inicialmente em 1909, no *Caso do Pequeno Hans.* A segunda forma de histeria caracteriza-

se pela vigência do conflito psíquico simbolizado pelos diversos sintomas corporais, dos mais paroxísticos, como as representações de crises emocionais, aos mais duradouros como as paralisias, anestesias, problemas gástricos, sintomas estes muito presentes na Síndrome do *Burnout*, ou nas crises de estresse crônico. Sintomas estes que buscaremos nos aprofundar, a partir da leitura da medicina convencional e expostas nos documentos legais direcionadas à saúde do trabalhador.

3. A Síndrome do *Burnout* e o estresse crônico como produtos da sociedade industrializada contemporânea

Em 2001, o Ministério da Saúde do Brasil trouxe a público o Manual de Procedimentos para os Serviços de Saúde intitulado *Doenças Relacionadas ao Trabalho*, que ratifica a saúde do trabalhador como tema relevante em nível nacional. Ao argumentar a respeito da relevância de se catalogar informações acerca da saúde dos brasileiros, expõe-se que

> (...) as mudanças que se processam no "mundo do trabalho", com a superposição dos padrões antigos e das novas formas de adoecimento dos trabalhadores, decorrentes da incorporação de tecnologias e estratégias gerenciais, bem como o aumento acelerado da força de trabalho inserida no setor informal, estimada, em 2000, em 57% da População Economicamente Ativa (PEA), exigem dos serviços de saúde ações que contemplem políticas de saúde e segurança no trabalho mais eficazes. (BRASIL, 2001, p. 13)

O documento, portanto, ratifica que o trabalho ocupa um lugar ímpar na vida de todos os cidadãos pelo fato de promover vínculos de integração social, garantias de aportes financeiros, produção cultural, que influem no estilo de vida e na saúde física e mental dos trabalhadores brasileiros. Advoga, ainda, o documento, que parte das causas de doenças geradas pelo trabalho reside na emergência das novas tecnologias, estratégias gerenciais condizentes com as vicissitudes contemporâneas e o aumento do setor informal que destitui o trabalhador vigente das garantias de qualidade de vida.

Uma relação satisfatória com a atividade de trabalho é fundamental, afirmam Abreu et all (2002), para o desenvolvimento das diferentes áreas da vida humana. Tal relação dependeria, em grande escala, de suportes afetivos e sociais os quais os indivíduos usufruem durante seu percurso profissional. Segundo os autores (2002) tal suporte derivaria da abertura emocional, entre os pares, de compartilhar preocupações, amarguras e esperanças, de modo que a existência de bons relacionamentos no trabalho traga segurança, conforto, confiança psíquica e emocional.

Dificuldades no estabelecimentos destes relacionamentos fomentariam problemas relacionados às doenças no trabalho, destacando, para Azevedo (2004, p.49) o estresse cujos sintomas, cada vez mais comuns, tornam-se os principais motes para licenças médicas entre os trabalhados brasileiros. Desde a década de 1970, um tipo especifico de estresse ocupacional tem se tornado alvo de estudos empreendidos por Freudenberger: a Síndrome de *Burnout.*

Caracterizada como uma faceta de stress crônico produzida por excesso de exigências de atividades profissionais, tal síndrome apresenta sintomas que vão desde esgotamento e tensão emocional relacionados ao envolvimento direto com pessoas com quem se trabalha, até doenças como cefaleias constantes, hipertensão, problemas gástricos e hormonais. Postula Azevedo (2004, p. 49) que, em 2001, dentre os oito países pesquisados, o Brasil só perdia para o Japão em casos de *Burnout*. No oriente, cerca de 70% dos trabalhadores vivem em estado de exaustão física e mental e, no Brasil, cerca de 30%.

Numa perspectiva sociopsicológica, a Síndrome de *Burnout* pode ser caracterizada, segundo Cantarelli e Ribeiro (2017, p. 8), por três dimensões relacionadas, mas independentes:

> (a) exaustão emocional: caracterizada pela falta de energia e entusiasmo, por sensação de esgotamento de recursos ao qual pode somar-se o sentimento de frustração e tensão nos trabalhadores, por perceberem que não tem mais condições de despender mais energia para o atendimento do seu cliente ou demais pessoas como faziam antes; (b) despersonalização: caracterizada pelo desenvolvimento de uma insensibilidade emocional, que faz com que o profissional trate os clientes, colegas e organização de maneira desumanizada; (c) diminuição da realização pessoal no trabalho: caracterizada por uma tendência do trabalhador a se autoavaliar de forma negativa, tornando-se infeliz e insatisfeito com seu desenvolvimento profissional, com conseqüente declínio no seu sentimento de competência e êxito, bem como sua capacidade de interagir com os demais. (CANTARELLI, RIBEIRO, 2017, p. 8)

Para essas mesmas autoras, as causas de *Burnout* residiriam numa combinação de fatores individuais - na medida em que o trabalhador se dedica ao máximo e se frustra diante do não reconhecimento e de suas relações pessoais - ; fatores organizacionais - quando a carga horária de trabalho está além do que se aguenta - ; e fatores sociais - produzida por uma rotina profissional que obriga o trabalhador a lidar com pessoas diretamente.

Na maioria das vezes, o tratamento recorre aos fármacos, intervenções psicossociais e, às vezes, à psicoterapia. No entanto, segundo Cantarelli e Ribeiro (2017) fatores econômicos e sociais que atravessam o cotidiano do trabalhador devem ser reavaliados.

> A busca pela estabilidade financeira e até mesmo de subsistência submetem as pessoas a se dedicarem cada vez mais a sua atividade profissional, com carga horária de trabalho que ultrapassa os limites físicos e mental, além da cobrança imposta pelos cargos superiores e relações humanas exigidas pela profissão. Esta sobrecarga é identificada nas profissões mais expostas a desenvolverem a Síndrome do *Burnout* (CANTARELLI, RIBEIRO, 2017, p. 8).

Mas por quê sua identidade dependeria tanto do reconhecimento do outro, no trabalho, a ponto de adoecer? Quais seriam as causas de buscar incessantemente o reconhecimento alheio, levando o indivíduo a trabalhar horas para além do seu limite físico e psíquico? Existiriam formas alternativas de se sustentar financeiramente, ou o sustento financeiro é uma outra desculpa, como afirmou Medeiros, para esconder questões psíquicas outras? Se sim, quais seriam essas questões? Podemos ratificar uma generaliação etiológica psicanalítica à Síndrome do *Burnout?*

4. *Burnout* e estresse crônico numa visão freudiana: o trabalho como defesa ou sublimação como caminho pulsional saudável?

Direcionando-se aos médicos, inicialmente, e a todos que pretendiam compreender as causas das afecções neuróticas, posteriormente, Freud introduz o texto de 1898, Em *A sexualidade na etiologia das neuroses,* texto de 1898, Freud advoga ser necessário "um grau mais alto de franqueza sobre as coisas sexuais do que se tem esperado deles até agora. Isso só pode constituir-se em benefício para a moral sexual" (FREUD, 1898, p. 254). As causas dos quadros histéricos ou obsessivos que chegavam a ele, e eram direcionados à tratamentos hidropáticos e elétricos - os quais apresentavam poucos resultados positivos – poderiam ser explicadas, segundo o psicanalista, por meio de reflexões mais profundas acerca da sexualidade humana.

Num primeiro momento, Freud afirma que apenas as neurastenias têm certa ligação com a sexualidade humana, por terem origens em fatores etiológicos sexuais contemporâneos, e portanto, serem passíveis de rememorações rápidas. No entanto, ratifica posteriormente, ser a etiologia sexual causa também das psiconeuroses (histerias e obsessões), cujas intempéries são datadas da primeira infância. Estas últimas são passíveis de prova, porém mais difíceis de serem lembradas, apenas. Freud expõe: "em todo caso de neurose há uma etiologia sexual, mas nas neurastenias é uma etiologia do tipo contemporâneo, enquanto nas psiconeurores os fatores são de natureza infantil" (FREUD, 1898, p. 255).

Ao se aprofundar nas dissonâncias entre as diferentes neuroses e suas causas, Freud distingue a neurastenia cujas características sintomáticas residiriam em pressões cranianas, fadiga, dispepsia, constipação, irritação; da "neurose de angustia", cujos sintomas consistem

em ansiedade excessiva, inquietação, expectativa angustiada, vertigem locomotora, agorafobia, insônia e maior sensibilidade a dor. A primeira seria gerada pela masturbação excessiva enquanto a neurose de angústia decorreria de satisfação sexual incompleta ou da continência, isto é, do coito interrompido, abstinência da libido viva e excitação não consumada. Afirma Freud (1898, p. 256) que " a angústia é sempre a libido que foi desviada de seu emprego normal".

Ao se aprofundar nas distinções entre ambas, Freud afirma que em muitos casos de neurastenia ou de neurose de angústia podemos perceber sintomas bem próximos às psiconeuroses, inclusive, a presença de sintomas histéricos. A histeria, para o autor, poderia facilmente assumir a aparência de uma neurose atual, elevando os sintomas destas à categoria de sintomas histéricos. Tais histerias, sob a forma de neurastenia, não seriam sequer muito raras, complementa Freud (vol III, 1898, p. 257): prova de que estamos no caminho certo deve ser obtida pelo único método capaz de desmascarar a histeria com certeza – o método da psicanálise. A análise mais aprofundada, própria do trabalho psicanalítico, chegaria ao ponto da resistência, originada nos primórdios da vida psíquica.

> A neurastenia (em ambas as suas formas) é uma dessas afecções que qualquer um pode facilmente adquirir sem nenhuma tara hereditária. Se assim não fosse, o enorme crescimento da neurastenia de que se queixam todas as autoridades, seria impensável. **(...) Mas o elemento do "excesso de trabalho" que os médicos tanto gostam de apontar a seus pacientes como causa das suas neuroses, é com demasia frequência indevidamente usado. É bem verdade que qualquer pessoa que, devido a perturbações sexuais, tenha-se predisposto à neurastenia, tolera mal o trabalho intelectual e as exigências psíquicas da vida** (FREUD, 1898, vol 3, p. 259, grifo meu).

Na segunda parte dos "*Três Ensaios sobre sexualidade"(1905),* Freud buscou aprofundar sua hipótese sobre o inter-relação da sexualidade na produção intelectual desde a mais tenra infância e, posteriormente, no trabalho socialmente produzido pelo sujeito adulto.

Direcionando-se ao comportamento da criança na escola, Freud (1905, p. 192) postula que

> merece, em geral, ser relacionado com o desabrochar de sua sexualidade. O efeito excitante de muitos afetos que em si são desprazerosos, tais como angustia, o medo ou o horror, conserva-se num grande número de seres humanos por toda a vida, e sem dúvida explica por que tantas pessoas correm atrás da oportunidade de vivenciar tais sensações, desde que haja apenas certas circunstâncias secundárias (a pertença a um mundo imaginário, à leitura e ao teatro) para atenuar a gravidade da sensação desprazerosa (FREUD, 1905, p. 192).

Os processos afetivos que atravessam o início das vidas intelectuais dos alunos nas escolas, o pavor de fazer uma prova ou ansiedade de resolver um problema de matemática, por exemplo, estariam atrelados às sensações prazerosas/sexuais que tais desafios provocam no sujeito resultando em uma diversidade de emoções, às vezes, conflitantes com a moral introjetada. Tal fato poderá provocar resistência tanto em relação a sexualidade quando em relação as aquisições intelectuais.

A forma como a criança vai responder à sua curiosidade sexual vai interferir nas respostas aos desafios que a escola e o mundo social/intelectual lhe imporão. Tal fato é visível em crianças cuja curiosidade sexual é fortemente reprimida e apresenta, concomitantemente, bloqueios de aprendizagens na escola, inexplicáveis pela psicopedagogia de viés cognitivista.

Os mecanismos psíquicos dispendidos para lidar com as sensações que a produção intelectual e - a sexual – incitam, geralmente reverberam na vida intelectual adulta e na forma com que este lida, ulteriormente, com o trabalho. É inequívoco que a concentração da atenção numa tarefa intelectual, complementa Freud (1898, p. 193),

> têm por consequência produzir em muitas pessoas, tanto jovens quanto adultas, uma excitação sexual concomitante, o que por certo constitui a única base justificável para a tão duvidosa prática de derivar as perturbações nervosas ao "excesso de trabalho intelectual (FREUD, 1898, p. 193).

Após defender a masturbação excessiva como causa de neurastenias, assim como dificuldades e interrupções da sexualidade "normal" sendo incitadoras das neuroses de angústia, Freud (1898, p. 263) acusa os médicos convencionais de explicarem "o estado patológico do sujeito reportando-o a algum rótulo como anemia, subnutrição, excesso de trabalho, etc" . Relembra que os tratamentos direcionados a amenizar tais causas, como a hidroterapia, uso de vitaminas ou descanso, têm surtido pouco efeito sobre a melhora dos pacientes, o que ratifica os limites desse tipo de diagnóstico. O trabalho em excesso e as distrações psíquicas que eles provocam, apenas seria uma defesa às representações conflitivas que os hábitos sexuais geram no sujeito que adoece dessas neuroses.

Qual seria a linha limítrofe entre o trabalho sustentar-se como mecanismo de sublimação de pulsões de forma saudável e quando torna-se fonte de sintomas histéricos, como é o caso da "*Síndrome de Burnout*"? O que os difere?

Em *Análise Terminável e Interminável,* texto de 1937, Freud discorre sobre o que se espera de um tratamento psicanalítico bem-sucedido. Afirma inicialmente ser o "amansamento da pulsão", isto é, a análise capacitaria o Ego,

> a empreender uma revisão dessas antigas repressões, algumas são demolidas, ao passo que outras são identificadas, mas construídas

> de novo, a partir de material mais sólido (...), podendo confiar em que não cederão facilmente ante maré ascendente da força instintual (FREUD, 1937,p. 243)

Complementando ulteriormente o argumento, Freud postula que ao mesmo tempo em que o Eu torna-se mais forte e autônomo ante as pulões antes irrestritas, a força pulsional passa também a se enfraquecer por meio de certos mecanismos desenvolvidos pelo sujeito. A sublimação, por exemplo, capacita o redirecionamento pulsional para atividades ditas superiores - assim discursadas e autorizadas culturalmente - sem que haja a produção sintomática.

O trabalho intelectual, por exemplo, assim como o artístico e o científico podem tornar-se, segundo Freud, (FREUD, 1937, p. 241) mecanismox de defesa socialmente aceitos contra a força pulsional excessiva. O redirecionamento sublimado das forças pulsionais para as atividades profissionais, por exemplo, pode constituir-se como mecanismo de preservação da saúde humana. Reforça Laplanche e Pontalis (2008, p. 564) reforçam que a sublimação consiste de "atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual", a direcionando às atividades aceitas e valorizadas socioculturalmente . Ao sublimar, afirma Coutinho (2008), o sujeito deixa o objeto sexual e abre mão da sua satisfação direta lidando com ele no campo do não-possível.

No ensaio sobre Leonardo da Vinci (1910), Freud se aprofunda na temática do desvio da pulsão para a reflexão intelectual nos ajudando a pensar quando o trabalho serira saudável e não produtor de sintomas histéricos. Postula não existir recalque da pulsão na sublimação, porque esta passa diretamente para objetos sublimes. Uma parcela significativa da pulsão investigativa contém seu interesse sexual, fazendo-a escapar da inibição neurótica. O recalque não chega a enviar ao inconsciente um representante da pulsão sexual. A libido que advém do recalque, por meio dos processos sublimatórios, atrela-se à pulsão de saber, à pulsão intelectual, livrando-o da conversão somática.

Algumas Considerações Finais

Relembramos que o objetivo deste trabalho residiu em questionar a etiologia de dois estados de saúde diagnosticados em larga escala na contemporaneidade: o stress crônico e a Síndrome de *Burnout.* Ambas, supostas doenças da atualidade, são provocadas, segundo a medicina convencional e a legislação vigente que trata da saúde do trabalhador, pelo excesso e má qualidade das condições de trabalho fomentadas pela lógica da produção moderna e pelo excesso de consumo almejado pela sociedade em geral.

Os sintomas que as caracterizam, como esgotamento e tensão emocional, cefaléias constantes, hipertensão, problemas gástricos e hormonais são os mesmos daqueles que Freud, em 1890, caracterizou em parte tanto as neurastenias quanto a neurose de angústia, "psiconeuroses atuais," como assim conceituou posteriormente.

Textos aqui levantados corroboraram a ideia de que afirmar serem as condições sociais, políticas e ou econômicas, as responsáveis pelo excesso de trabalho fomentador dos sintomas observados nas doenças aqui pesquisadas, pouco nos ajudam a pensar estratégias para solucionar o problema. Nestes casos, o trabalho em excesso pareceu ser mais mecanismo de defesa contra representações psíquicas conflitantes do que caminho sublimatório pulsional, algo que se torna útil à saúde humana e à evolução cultural, com bem nos mostrou Freud (1930).

> (...) **ninguém se torna neurótico apenas por efeito do trabalho ou da agitação. O trabalho intelectual é, antes, uma proteção contra a neurastenia; são precisamente os mais incansáveis trabalhadores intelectuais que escapam da neurastenia, e aquilo de que os neurastênicos se queixam como "excesso de trabalho que os faz adoecerem" não merece, em geral, ser chamado de "trabalho intelectual"**, seja por sua qualidade seja por sua quantidade. Os médicos terão que se acostumar a explicar aos empregados de escritório que se esgotaram em suas escrivaninhas, ou às donas de casa para quem se tornaram pesadas demais tarefas facilmente realizáveis, que eles adoeceram, nao por terem tentado executar tarefas facilmente realizáveis por um cérebro civilizado, mas porque, durante todo o tempo, negligenciaram e prejudicaram flagrantemente sua vida sexual"(FREUD, 1898, p. 259, grifo meu)

Referências bibliográficas

ABREU, Klayne Leite ; STOLL, Ingrid; RAMOS, Letícia Silveira; Rosana Aveline Baumgardt; KRISTENSEN, Christian Haag. Estresse ocupacional e Síndrome de *Burnout* no exercício profissional da psicologia. Em *Psicologia: ciência e profissão*. *Psicol.cienc.* vol. 22 no.2 Brasília, junho de 2002.

AZEVEDO, R. B. de. *Estresse e Depressão: Aprenda a enfrentar os dois males do Mundo Atual.* São Paulo: Saúde e Vida, 2004.

BRASIL. *Ministério da Saúde. Doenças relacionadas ao trabalho.* 2001. Disponível em:<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doencas_relacionadas_trabalho1.pdf > Acesso em: 1/08/2019

CAMPBELL, Colin. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Tradução de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CASTEL, Sissi Vigil. A sublimação e a teoria da clinica. Em *Sublimação: clinica e metodologia*. São Paulo: Escuta, 2007.

CANTARELLI, Karla Milene Souza Lima; RIBEIRO, Iraquian José Leite. Uma abordagem psicanalítica sobre a síndrome de *Burnout* na equipe de enfermagem de um hospital público do município de Serra Talhada-Pernambuco. *Revista Científica CIF Brasil*. 2017;8(8):7-28.

CAMPOS, Erico, A primeira concepção freudiana de angústia: uma revisão crítica, *Ágora* (Rio J.) vol. 7, nº.1 Rio de Janeiro July/Jan. 2004.

COUTINHO, Marco Antonio. (2008) Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, cap IV. P. 150-158.

FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução do alemão e do inglês de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2006.

(1893) "Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar", v. II, p.39-56.

(1894a) "Rascunho D: sobre a etiologia e a teoria das principais neuroses", v. I, p.231-233.

(1894b) "Rascunho E: como se origina a angústia", v. I, p.235-241.

(1894c) "As neuropsicoses de defesa", v. III, p.51-74.

(1894d) "Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia", v. III, p.75-90.

(1894e) "Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada 'neurose de angústia'", v. III, p.91-120.

(1896) "Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa

(1905) Três ensaios sobre a sexualidade

(1930) O mal estar na civilização

(1937) Análise Terminável e Interminável

LAPLANCHE, Jean.; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. [Sob direção de Daniel Lagache]. Tradução de Pedro Tamen; colaboração na terminologia usada de João Santos. São Paulo: Martins Fontes. 1998.

LEITE, Sonia. Histeria de conversão: algumas questões sobre o corpo na psicanálise. *Tempo psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 44.i, p. 83-102, 2012.

MEDEIROS, Martha. A tal correria dos dias. Jornal *O Globo*, 2014. Disponível em https://oglobo.globo.com/ela/martha-medeiros/ Acessado em 30/07/2019.

MEZAN, Renato. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

Breviário da vida e da morte

Edgard de Assis Carvalho[1]

RESUMO

O texto faz um diagnóstico da crise sanitária atual e problematiza os sentidos e limites múltiplos da vida e da morte. Elenca um conjunto de pensadores que em diversas épocas históricas refletiram sobre os enigmas e os devires da existência. Sob a forma de breviário, os fragmentos selecionados convergem para uma Via para o futuro comandada pela fraternidade, pela solidariedade, pela antropoética.

Palavras-chave: Virus-zumbi; Solidariedade; fraternidade; regeneração; complexidade;

Para Aldir Blanc, morto pela Covid19, e Flávio Migliaccio, que desistiu de viver, quando constatou que a humanidade não deu certo. [Em 4/5/2020].

Vírus-zumbi que assola os quatro cantos da Terra, a pandemia da Covid-19 exige uma reflexão complexa das Humanidades, o que aliás permanece incipiente no Brasil. Existem trágicas quantificações da expansão da contaminação, reiteradas recomendações de isolamento e confinamento, nem sempre cumpridas, benevolentes ações de ajuda mútua. O que se constata, porém, é a inépcia e incapacidade do governo federal de gerir essa geopolítica do caos e do medo.

Com um fanático narcisista no poder, portador de visíveis sintomas de psicopatia, de desconexão com a realidade, que conta com a fidelidade fanática de seu clã, além de apoiadores insensatos, filofascistas seriais, gurus fundamentalistas, militares de caserna, o Brasil caminha na contramão de estados democráticos contemporâneos, empenhados em conter a disseminação desse flagelo planetário por meio de ações globais de cooperação, contra as quais o país sempre se perfila, ao lado dos Estados Unidos e mais doze países.

Regressão ética, ausência de solidariedade e fraternização, de preocupação com o outro são termos insuficientes para definir tais atitudes. Existe um objetivo explícito de desdizer organismos internacionais como OMS, ONU, anular recomendações sanitárias

[1] Coordenador do núcleo de estudos da complexidade, assessor permanente do GRECOM, vice-presidente do IEC. Texto publicado no site da Envolverde/Carta Capital, em maio de 2020. [Para a presente edição, o texto teve alguns ajustes que se fizeram necessários para o final deste ano e inclui fragmento de um dos últimos livros de Edgar Morin, *É hora de mudarmos de via: as lições do coronavirus.*]

nacionais e internacionais, minimizar os efeitos da disseminação, acabar com quarentenas e confinamentos, exigir que todos voltem ao trabalho.

Exceção deve ser creditada às agências de pesquisa federais, estaduais, municipais que, apesar da exiguidade de verbas e cortes insensatos de programas de pesquisa, se empenham em decifrar a Covid-19, identificar possibilidades de combate, ampliar leitos e UTIs para abrigar contaminados, testar medicamentos, colaborar para a criação de uma vacina. Se os vírus que, cotidianamente, invadem computadores e plataformas digitais continuam a ser combatidos, e com certo sucesso, esse vírus-zumbi que invadiu corpos e mentes desafia a todo tempo os múltiplos sentidos da morte e da vida, pondo à prova a impermanência, a arrogância, a desigualdade, o egoísmo, a solidariedade.

A filosofia cumpre importante papel nesse processo comandado por Tânatos. Cada um a seu modo, os filósofos tentam entendê-lo, expondo suas percepções sobre o caráter multidimensional da pandemia. Em *A filosofia da pandemia*, por exemplo, publicado na *Ilustríssima* da Folha de São Paulo, de 12 de abril último, encontram-se expostas assertivas, conjecturas, utopias, predições de vários pensadores contemporâneos. Excelente trabalho da jornalista Úrsula Passos, ilustrado por Camila Rocha, que serve de termômetro de uma filosofia cindida entre o ceticismo, a descrença, a irracionalidade, a imotivação.

Sem pretensão de analisar o conjunto, pode-se destacar: o 'socialismo de emergência' de Slavoj Zizek, o retorno do 'estado de exceção' do *Homo Sacer* de Giorgio Agamben, a dissipação da razão de Alan Badiou, a tentativa de entender a soberania num contexto de identidades sexuais e raciais desarticuladas, de Paul Preciado, a pujança do capitalismo pós-pandemia de Byung-Chul Han, para quem a China venderá seu *ethos* para o resto do mundo.

Um outro lado dos saberes, porém, empenha-se em trazer à reflexão fontes que podem ampliar a percepção do *ser-aí,* desse mundo pandêmico. Definido por Heidegger em *Ser e Tempo*[2], o cerne do *ser-aí* se expressa na cotidianidade do ser humano, sempre às voltas com os dilemas da angústia e da morte. Para ser autêntico, esse ser-no-mundo sempre pergunta, questiona. Essa é a essência do ato de conhecer, que denega o dualismo natureza e intelecto, corpo e mente, essência e existência, razão e desrazão.

Esse macro-objetivo é a marca dos pensadores aqui elencados. São filósofos, psicanalistas, romancistas, poetas - vivos ou mortos – que, no transcorrer de suas vidas, problematizam os múltiplos sentidos da iminência da morte, da preservação da vida, do desassossego da psique, da solitude do ser. Reler os fragmentos de seus ditos e escritos se impõe como algo fundamental para esses tempos viróticos e sombrios que nos assolam e nos deixam atônitos, estarrecidos, perplexos diante de um devir incerto, indeterminado, obscuro,

[2] Martin Heidegger. *Ser e tempo*. Edição bilingue alemão-português. Tradução e organização Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

indeliberado. Este **Breviário da vida e da morte** questiona a pretensa onipotência do homem em dominar o mundo, a vida, a Terra, o cosmo e ignorar a existência do outro. Quando o vírus-zumbi for eliminado em algum lugar do futuro, os autores do Breviário poderão se regozijar com suas reflexões e alertas para a construção de uma Via comandada pela sobriedade feliz, pela solidariedade, pela ética, pela benevolência.

Cumpriram com seu papel de cidadãos da Terra-Pátria e foram guiados por duas proposições de extrema complexidade advindas de Montaigne e Hölderlin, com os vários séculos que os separam. Em *Ensaios,* Montaigne já afirmara que, *fazer filosofia é aprender a morrer*. E anos depois, Hölderlin ressaltou que *lá aonde cresce o perigo, cresce também o que salva".* Por isso, o tempo linear, sequencial, importa pouco como os mitos sempre alertam. Sem exceção, todos os que integram este Breviário dedicam ou dedicaram suas vidas à decifração dos enigmas dos perigos e das salvações que cercam o mundo da vida. Se há lições a extrair da crise planetária desencadeada pela Covid-19, é que a comunidade de destino da Terra deve ser preservada a qualquer custo para que a humanidade se constitua verdadeiramente como humanidade.

Edgar Morin – março de 2020.

A crise da Covid-19 mostra que a mundialização é uma interdependência sem solidariedade. O movimento da globalização produziu a unificação tecnoeconômica do planeta, mas não se empenhou em fazer progredir a compreensão entre os povos. Perigos planetários – ecologia, armas nucleares, desregulação da economia - criaram uma comunidade de destino da qual os humanos não tomaram consciência. O vírus esclarece hoje de maneira imediata e trágica essa comunidade de destino. Será que tomaremos consciência disso? Como não existem solidariedade internacional e organismos comuns capazes de tomar medidas globais, o que se constata é o fechamento das nações nelas mesmas. O Novo Coronavírus nos diz enfaticamente que a humanidade como um todo deve buscar uma nova via que abandonaria a doutrina liberal em prol de um *New Deal* político, social, ecológico. A nova via corrigiria os efeitos da mundialização criando zonas desmundializadas que salvaguardariam as autonomias fundamentais.

Thomas Steams Eliot - 1922

Abril é o mais cruel dos meses, criando
Lilases na terra morta, mesclando
Memória e desejo, atiçando

Raízes tardas com chuva de primavera.
Cidade irreal,
Sob a névoa marrom de uma aurora de inverno
Multidões afluíram à ponte de Londres, tantos,
Não sabia que a morte desfizera tantos.
Suspiros, curtos e infrequentes, eram soltos,
E cada qual fitava à frente dos seus pés.

Albert Camus - 1947

A peste, é preciso que se diga, tirara a todos o poder do amor e até mesmo da amizade. Porque o amor exige um pouco de futuro e para nós só havia instantes. É claro que nada disso era absoluto. Pois se é verdade que todos os separados chegaram a esse estado, é justo acrescentar que não chegaram todos ao mesmo tempo e que, da mesma forma, uma vez instalados nessa nova atitude, lampejos, retrocessos, bruscos estados de lucidez levaram os doentes a uma sensibilidade mais nova e mais dolorosa. Eram necessários para isso momentos de distração, em que eles formavam algum projeto que implicava o fim da peste.

Jean Baudrillard - 2001

Terrorismo e vírus encontram-se em todos os lugares. Há uma perfusão mundial do terrorismo (e do vírus) como fantasmas que acompanham a totalidade do sistema de dominação, sempre pronto a se revelar como agente duplo. Não existe mais linha de demarcação que permita circunscrevê-lo, encontra-se no próprio cerne da cultura que o combate. A ruptura visível (e o ódio) que, no plano mundial, expõe explorados e subdesenvolvidos a exploradores e desenvolvidos cimenta secretamente a fratura interna do próprio sistema dominante. Esse sistema pode enfrentar qualquer organismo visível mas contra o terrorismo de estrutura viral não tem poder nenhum. Parece que ninguém compreendeu que o Bem e o Mal crescem simultaneamente em poder e movimento.

Carlos Drummond de Andrade - 1928

Impossível compor um poema a essa altura de
evolução da humanidade.
Impossível escrever um poema – uma linha que seja –
de verdadeira poesia.
Um sábio declarou que ainda falta
muito para atingirmos um nível razoável de

cultura. Mas até lá, felizmente, estarei morto.
Os homens não melhoram
e matam-se como percevejos.
Os percevejos heroicos renascem.
Inabitável o mundo é cada vez mais habitado.
E se os olhos reaprendessem a chorar seria como
um segundo dilúvio.
(Desconfio que escrevi um poema).

Boris Cyrulnik – abril de 2020.

O confinamento é uma proteção psíquica necessária à sobrevivência e, ao mesmo tempo, constitui uma evidente agressão psíquica. Nos dias atuais é preciso respeitar o 'distanciamento social' para evitar dezenas de milhares de mortes. Existem maneiras de enfrentá-lo. Os indivíduos vão redescobrir ou inventar rituais familiares, dedicarem-se a projetos pessoais, tocar um instrumento musical, ler, escrever, manter contato com familiares e amigos próximos. Experiências demonstram que os animais, assim como os humanos, quando são privados da interação com seu ambiente, se descompensam de maneira ansiosa, angustiante, alucinatória e até mesmo delirante. O isolamento sensorial provoca alteração nas funções cognitivas. O diagnóstico por imagem do cérebro demonstra que o isolamento provoca atrofias dos dois lóbulos pré-frontais, sede da antecipação, do sistema límbico, sede da memória e das emoções, mas também uma atrofia da amigdala cerebelosa, sentinela de insuportáveis emoções.

Liev Tolstói - 1903

Quando Deus voltou para ver como os homens estavam vivendo desde que foram expostos a doenças, constatou que a vida deles estava ainda pior. Aqueles que forçavam outros a trabalhar para eles também os forçavam a cuidar deles quando caíam doentes, mas eles próprios, por sua vez, nunca cuidavam dos doentes. Então os homens construíram casas grandes, onde os doentes padeciam e morriam sem a compaixão de ninguém. Ademais, a maioria das doenças foi considerada contagiosa. Se é assim, que se arranjem com seus próprios sofrimentos, disse Deus. E abandonou os homens. Por fim, os próprios homens começaram a entender que, diante da constante ameaça da morte, a única atitude razoável consiste em viver em harmonia cada hora, cada mês, cada minuto que são concedidos a cada um de nós. As doenças não devem ser motivo de separação. Ao contrário devem motivar a união e o amor entre todos.

Scott Atran – abril de 2020.

Malgrado nossa relativa fraqueza física, nossa capacidade de criar e manter laços sociais sólidos permitiu à espécie humana dominar todos seus grandes concorrentes biológicos. Gracas à socialização, aprendemos uns com os outros. Quando nossos próximos adoecem, nossa tendência é abraçá-los, reconfortá-los física e emocionalmente. Com o Novo Coronavírus, nos conscientizamos do problema psicológico, social e político que o isolamento social provoca. As limitações do transporte mundial, o fechamento de fronteiras, a proibição de agrupamentos, o isolamento de bairros e, sobretudo, o afastamento de parentes e amigos encorajam comportamentos que só fazem aumentar a solidão. Na realidade, sem ajuda mútua e cooperação – entre vizinhos, comunidades, nações – as epidemias e pandemias podem infectar e matar ainda mais.

Philip Roth - 2010

Então quando o trabalho terminou e os garotos foram trocar de roupa na cabana preparando-se para jantar, ele tirou os óculos, galgou o trampolim mais alto e, durante meia hora, se concentrou em executar os saltos mais difíceis de seu repertório. Ao sair da água pela última vez e repor os óculos, não tinha ainda tirado da cabeça o que acontecera – a velocidade com que tudo havia acontecido e a ideia de que era dele a responsabilidade pelo que havia acontecido. Ou a de que o surto de pólio no pátio de recreio tinha origem nele. Ouviu então um uivo altíssimo. Era o uivo da vizinha aterrorizada com o risco de que seu filho contraísse pólio e morresse. Mas ela não apenas ouvira o uivo – ele próprio uivara. Mais tarde, os carros começaram a chegar para levar os meninos de volta para casa. Mais de cem dos duzentos e cinquenta hóspedes da colônia haviam sido levados pelos pais. No dia seguinte, outros dois meninos foram diagnosticados com pólio, e a colônia de férias imediatamente fechou as portas.

Michel Maffesoli – abril de 2020.

Esta crise sanitária é sinal de uma crise civilizatória. Vivemos o fim de um paradigma, e isso é mais evidente agora, com a presença da morte a nos rondar. A epidemia atual tem uma expressão simbólica nesse sentido. Mas, sejamos claros, a epidemia é real. Essa possibilidade de perigo é simplesmente a possibilidade de morrer. E, apesar da presença da morte, acho importante que haja manifestações lúdicas, emocionais, por meio de elementos simbólicos. Vivemos agora o ativismo em redes. E são as redes sociais, os fóruns virtuais, os blogs que nos conectam com a alteridade. É lá que as pessoas, durante o confinamento, estão se comunicando, o que é bem paradoxal, eu diria. Para mim, há uma volta de algo cultural e

espiritual, uma espécie de ideal comunitário que está assumindo mais força na contemporaneidade.

Esopo – 325 - a.C.

Certa vez havia num brejo um rã que gritava para todos os animais: "Eu sou médica, especialista em todos os tipos de remédios!". Ao ouvi-la, disse uma raposa: "Se você, que manquitola, não cura sua própria deficiência, como é que vai salvar os outros?".

Sigmund Freud - 1915

Na escola psicanalítica podemos arriscar a afirmação de que no fundo ninguém acredita na própria morte; ou, o que vem a significar o mesmo, que no inconsciente cada um de nós está convencido de sua imortalidade. Via de regra, enfatizamos a natureza casual da morte, um acidente, uma doença, infecção ou idade avançada, e desse modo traímos o nosso empenho em vê-la como algo fortuito, em vez de necessário. Um grande número de mortes nos parece terrível ao extremo. Essa postura cultural-convencional diante da morte é complementada pelo total colapso que sofremos quando morre alguém que nos é próximo. Enterramos com ele todas as nossas esperanças, ambições, alegrias, ficamos inconsoláveis e nos recusamos a substituir aquele que perdemos. Então é inevitável que busquemos no mundo da ficção, na literatura, no teatro, substituto para as perdas da vida. Lá encontramos pessoas que sabem morrer, e que conseguem até mesmo matar uma outra. E apenas lá se verifica a condição sob a qual poderíamos nos reconciliar com a morte; de que por trás de todas as vicissitudes da vida nos restasse ainda uma vida intacta. No reino da ficção encontramos a pluralidade de vidas de que temos necessidade. Morremos na identificação com um herói, mas sobrevivemos a ele e já estamos prontos a morrer uma segunda vez com outro, igualmente incólumes.

Arthur Rimbaud - 1871

Quando eu atravessar os rios impassíveis
Senti-me libertar dos meus rebocadores.
Cruéis peles-vermelhas com uivos terríveis
Os espetavam nus em portas multicores.
Eu era indiferente à carga que trazia.
Gente, trigo flamengo ou algodão inglês.
Monta a tripulação e finda a algaravia,
Os rios para mim se abriram de uma vez.

Imerso no furor do marulho oceânico,
No inverno, eu, surdo como um cérebro infantil,
Deslizava, enquanto as Penínsulas em pânico
Viam turbilhonar marés de verde e azul.

Mathieu Ricard - 2019

Mesmo que não se considere a morte como uma passagem, uma visão salutar dela nos leva a compreender, em nosso nível mais profundo, que a morte é inevitável, que sua hora é imprevisível. Levar em conta tal evidência, permite dar a cada instante que passa um valor inestimável, mesmo que esse instante consista em não fazer nada ou simplesmente olhar um pássaro voar sobre uma árvore em flor. Essa tomada de consciência não é nada mórbida: permite que vivamos melhor e evita que desperdicemos o tempo com coisas desnecessárias. Sejamos inteligentes o suficiente para reconhecer o valor inestimável da vida e decidir o melhor a fazer diante dele, tomando como base o nosso bem e o dos outros. Sêneca afirmava: "Não é que tenhamos pouco tempo, mas sim que perdemos tempo demais". Dissipemos a ilusão que consiste em acreditar que temos "uma vida inteira diante de nós". Não deixemos de lado a compreensão inelutável da morte.

Edmilson Felipe - abril de 2020.

Sequer um contato imediato de
um planeta distante, um milagre
de lágrimas no orvalho do sonho,
crianças dançando no teatro de
velas, aquarelas desbotadas na
paisagem urbana.
Nunca mais a semana com dias após outros.
Onde anda você e seu corpo de
carnaval, seu jeito de fotografar a lua
com os lábios, seu sol brilhante na
rua de paralelepípedos?
É
Tudo ganhou novo brilho ou perdeu
o delírio de estar à deriva.
Vivamos a vida, antes que
A devore o Vírus.

Julia Kristeva – março de 2020.

É curioso observar que a palavra 'viral' já foi utilizada várias vezes ao longo do tempo. Reações virais fazem parte de nossa realidade política e econômica hiperconectada. A aceleração de nossa civilização chegou a um estado viral e agora essa metáfora nos perturba, pois ela se inscreve no real, é uma ameaça interna e também externa. Talvez não tenhamos defesas imunitárias suficientes e o perigo atinge a todos. Muitos têm o vírus, mesmo sem sabê-lo. Alguns sobreviverão, outros não. Sempre me preocupo com a incapacidade contemporânea de viver só. Perdemos o verdadeiro sentido da palavra, da sensação, da partilha, da ternura, do dever e da preocupação com o outro. Não nos damos conta de que a morte está em nós, na apoptose, que é um processo de morte e de regeneração celular. A arte e a literatura se ocuparam com esses temas. Penso em Marcel Proust e Georges Bataille por exemplo. Me considero uma pessimista incansável. Sobrevivi a três guerras: a Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria, a experiência do exílio. Me defronto agora com essa guerra viral. Talvez por isso, eu me arrisque a falar de sobrevivência. Estamos prontos para uma arte de viver, que não terá nada de trágico, mas que será complexa e exigente.

Primo Levi - 1958

Vocês que vivem seguros
Em suas cálidas casas.
Vocês que, voltando à noite,
Encontram comida quente e rostos amigos,
Pensem bem se isto é um homem
Que trabalha no meio do barro,
Que não conhece paz,
Que luta por um pedaço de pão
Que morre por um sim ou por um não.
Pensem que isto aconteceu:
Eu lhes mando estas palavras,
Gravem-nas em seus corações
Estando em casa, andando na rua,
Ao deitar, ao levantar;
Repitam-nas a seus filhos.

Sylvie Angel – abril de 2020.

Estamos todos mergulhados numa situação que não foi escolhida por nós. Privados das saídas, das distrações habituais, surge um nível de angústia e estresse sem precedentes.

Todos se preocupam com o futuro, com que acontecerá com seus próximos. Torna-se necessário não sucumbir no catastrofismo. Confinados, temos a nosso dispor telefones, livros, internet. Temos de reconhecer que o coronavírus é uma batalha. Como em qualquer crise, coisas positivas e novas vão surgir, mas nossa atitude pessoal quanto à felicidade cumpre um importante papel nesse processo. Estudos mostram que espaços reduzidos de intimidade aumentam as tensões. Para se preservar é preciso inventar uma visão metafórica da situação: por exemplo, dizer que estamos todos no mesmo barco para uma longa travessia com tarefas a serem compartilhadas, para que ninguém se afogue ou se estresse demais.

Machado de Assis - 1885

Vês um féretro posto em solitária igreja?
Esse pó que descansa, e se esconde e se some,
Traz de um grande ministro o formidável nome
Que tem vivas letras de ouro e lágrimas flameja.
Lá fora uma invasão esquálida braceja,
Como um mar de miséria e luto, que tem fome
E novas praias busca e novas praias come.
Enquanto a multidão, recuando, peleja.
O gaulês que persegue, o bretão que defende
Duas mãos de um destino implacável e oculto
Vão sangrando a nação exausta que se rende.
Dentre os mortos da história, um só único vulto
Não ressurge: um Pacheco, um Castro não atende;
E a cobiça recolhe os despojos do mundo.

Edgard Carvalho – 2020

Para os gregos, a morte, a velhice, as epidemias e todos os males do mundo ficavam encerrados na Caixa que Pandora trouxera consigo quando veio habitar entre os seres humanos. A Caixa continha os males que Zeus desejava infligir à humanidade para se vingar do roubo do fogo praticado por Prometeu. Apesar de suas recomendações, seu irmão Epimeteu, apaixonado pela bela Pandora, abriu a Caixa. Desde então, os homens foram condenados a trabalhar, a morrer, a se unirem às mulheres, a se casarem para se reproduzir. As ressonâncias dessa narrativa mítica estão mais vivas do que se supõe nesses tempos pandêmicos, pois na Caixa de Pandora vem sendo incluídos outros males, mais insidiosos e atuais, como o recrudescimento dos autoritarismos que usam a Covid 19, o perigo iminente, para ampliar suas redes de vigilância e punição sem reação ou revolta da população. Hong

Kong foi abruptamente silenciado, a China continental instala câmeras de vigilância fora e dentro das casas, em nome da segurança de todos.

Como já foi tantas vezes reiterado, é preciso ficar de cabeça fria e não aderir aos profetas da infelicidade – fundamentalistas, nacionalistas, colapsistas – que acreditam que a mutação de um vírus pode ser o sinal anunciador do fim do mundo. É preciso também afrontar os arautos do ódio, inumanos que não se importam com a preservação da vida e conspiram nos gabinetes do poder. "Acredito piamente que a ciência e a paz triunfarão sobre a ignorância e a guerra", afirmou Louis Pasteur em Paris, em 1892, na Sorbonne. Que essas palavras ecoem pela Humanidade inteira, e que não nos esqueçamos jamais do enunciado de Heráclito – "Viver de morte, morrer de vida".

Johann Wolfgang von Goethe - 1787

Faz uma semana que o tempo está péssimo, e isso me agrada. Pois desde que estou aqui, não houve um único dia bonito que alguém não tivesse estragado ou envenenado. Se chover, nevar, fizer frio e degelar: ah! penso eu, dentro de casa não pode ser pior do que lá fora, ou vice-versa, e assim está bem. De manhã, quando o sol nasce prometendo um belo dia não hesito em exclamar: aí têm eles de novo um bem celestial que não podem arrancar um do outro. Saúde, reputação, contentamento, repouso! E quase sempre por estupidez, incompreensão e mesquinhez tudo com a melhor das intenções, dizem eles. Às vezes gostaria de pedir-lhes de joelhos para não revirarem suas entranhas com tanta fúria.

Edgar Morin – abril de 2020.

Sei que um confinamento temporário será vivido como um impedimento. Os vídeos não podem substituir a ida ao cinema, os tablets, a ida à livraria. Skype e Zoom não possibilitam o contato carnal, o tim-tim das taças num brinde. A comida doméstica, mesmo excelente, não suprime o desejo de ir ao restaurante. Documentários não suprimirão a vontade de conhecer de perto as paisagens, as cidades, os museus. A redução ao indispensável desperta a sede do supérfluo. Essa epidemia nos traz um festival de incertezas. Não temos certeza da origem do vírus. Não sabemos se devemos esperar o pior ou o melhor, a uma mistura de ambos. A ciência não é um repertório de verdades absolutas e suas teorias são biodegradáveis , sob o efeito de descobertas novas. Foram os "desviantes", de Pasteur a Einstein, passando por Darwin, que fizeram as teorias progredirem. Como a crise econômica, a pandemia abala todos os dogmas que governam a economia; como crise nacional, revela as carências de uma política que favoreceu o capital em detrimento da rentabilidade e da competitividade; como crise civilizacional nos leva a perceber as carências de solidariedade e

de fraternidade e a intoxicação consumista que nossa sociedade desenvolveu. Continuamos a prever 2025 e 2050, mas somos incapazes de compreender 2020.

Peter Sloterdijk - 2009

A situação atual do mundo se distingue pelo fato de não possuir uma estrutura de coimunidade para os membros da "sociedade mundial"; a solidariedade ainda é uma palavra extremamente vã. Hoje, como no passado, se pode aplicar ao termo a controvertida frase de Carl Schmitt, especialista em direito público: "Aquele que fala em humanidade quer enganar". O motivo de tal afirmação é evidente: nos dias atuais, como em tempos passados, as efetivas unidades de solidariedade são formatadas em nível familiar, tribal, nacional, imperial, e só há pouco tempo em estratégias regionais que funcionam – isso quando funcionam – de acordo com os respectivos formatos da diferença entre o semelhante e o "estrangeiro". As alianças bem-sucedidas para a sobrevivência são, por conseguinte, particulares e, por isso, as "religiões mundiais" também não podem, de acordo com a natureza das coisas, ser mais do que meros provincialismos em larga escala. O próprio conceito de "mundo" é uma mera expressão ideológica, que promove o macroegoísmo do Ocidente e de outras grandes potências e não descreve a estrutura concreta de coimunidade de todos aqueles que se empenham na sobrevivência da cena global. Os sistemas particulares rivalizam uns com os outros, segundo uma lógica que habitualmente produz ganhos imunitários para uns e perdas imunitárias para outros. A humanidade não é um superorganismo – como apressadamente afirmam alguns teóricos da teoria dos sistemas. Até que algo de novo aconteça, ela não é nada mais do que um agregado de "organismos" hierarquizados, que jamais se integram numa unidade de nível global que seja capaz de funcionar. Toda história é uma história de combates entre sistemas imunitários.

Esopo

Um homem malvado apostou com uma pessoa que iria lhe provar que o oráculo de Delfos era falso. No dia marcado, pegou um pardalzinho, encobriu-o com o manto e foi ao santuário. Em pé, diante do oráculo, perguntou-lhe se o que estava segurando nas mãos era uma coisa viva ou sem vida. Sua intenção era, caso ele dissesse "sem vida", mostrar o pardalzinho vivo, e, caso dissesse "viva" apresentá-lo morto depois de asfixiá-lo. E o deus, ciente de sua intenção velhaca, respondeu": "Pare com isso, meu caro! Só depende de você se o que está trazendo é vivo ou morto".

Edgar Morin – 2020

O movimento histórico que atravessamos está cheio de desafios. A crise sanitária que continua em curso é acompanhada por uma crise política e uma crise econômica cuja profundidade e duração ainda não foram dimensionadas; parece prenunciar-se uma crise alimentar mundial; iniciou-se uma crise social dramática em consequência da explosão do número de desempregados e de trabalhadores precários. O futuro é mais preocupante que nunca. Estamos sendo intimados a responder a um conjunto de desafios interdependentes.

Fontes bibliográficas

Albert Camus. *A peste*. [1947]. Tradução de Valerie Rumjanek. 26ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

Arthur Rimbaud. O barco bêbado. [1871]. Em *Rimbaud livre.* Tradução de Augusto de Campos. São Paulo: Perspectiva, 1993.

Boris Cyrulnik. O traumatismo da epidemia provoca uma adaptação. Tradução de Edgard de Assis Carvalho. Paris: *L' OBS,* nº 2890, *26/3-1/4.2020.*

Carlos Drummond de Andrade. O sobrevivente. [1928]. Em *Alguma poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013

Edgard de Assis Carvalho. *Arautos do ódio e preservação da vida*. (Ensaio inédito, abril de 2020).

Edgar Morin. A mundialização é uma interdependência sem solidariedade. Entrevistado por David Le Bailey e Sylvain Courage. Tradução de Edgard de Assis Carvalho. Paris: *L'OBS*, nº 2889,19-25 de março de 2020.

Edgar Morin. Esta crise nos leva a questionar nosso modo de vida, nossas reais necessidades mascaradas nas alienações do cotidiano. Entrevista com Nicolas Truong. Paris: *Le Monde*, 20/4/2020. Publicado em *Carta Maior,* abril 2020. Tradução de Aluísio Schumaker.

Edgar Morin. Colaboração de Sabah Abouessalam. *É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus.* Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

Edmilson Felipe da Silva. *No orvalho do sonho.* Poema inédito. Abril 2020.

Esopo. A rã médica e a raposa. Em *Fábulas completas*. Tradução de Maria Celeste Dezotti; ilustrações de Eduardo Berliner; apresentação de Adriane Duarte. São Paulo: Cosac Naify, 2013. [Originalmente reunidas por Demetrio de Faleros em 325 a.C].

Esopo. O homem malvado. Em *Fábulas completas*, op. cit.

Jean Baudrillard. O espírito do terrorismo. Em *Margem 14*. [Adrian Ribaric, Élvio Rodrigues Martins, eds.], Tradução de Mariza Perassi Bosco; revisão técnica Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: EDUC, dezembro de 2002. (Artigo originalmente publicado no *Le Monde*, em 3/11/01).

Julia Kristeva. A humanidade redescobre a solidão existencial, o senso dos limites e da mortalidade. Entrevista ao *Corriere della Sera*. Tradução de Henri José Legrand, 29/3/2020. Tradução brasileira de Edgard de Assis Carvalho.

Johann Wolfgang von Goethe. *Os sofrimentos do jovem Werther*. [1787]. Segunda parte. Tradução, notas e posfácio de Erlon José Paschoal. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

Liev Tolstói. O trabalho, a morte e a doença (Uma lenda). [1903]. Em *Os últimos dias.* Tradução de Anastassia Bytsenkko, Belkiss Rabello, Denise Regina de Sales, Graziela Schneider, Natalia Qiontero. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2011.

Michel Maffesoli. A pandemia é o sinal de uma crise civilizatória. Entrevistado por Bolivar Torres para *O Globo.* Rio de Janeiro: 4/4/2020.

Machado de Assis. A derradeira injúria. [1885]. Em *Obra completa*, volume III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. Nona reimpressão, 1997.

Matthieu Ricard. *Para nós a liberdade*. [Diante da morte, capitulo 17]. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. São Paulo: Editora Palas Athena. [edição brasileira prevista para 2020].

Peter Sloterdijk. *Tu dois changer ta vie*. *De l'anthropotechnique*. Tradução de Olivier Mannoni. Paris: Libella, 2011. [Perspective. L'impératif absolu, p 632/645]. Tradução brasileira de Edgard de Assis Carvalho.

Philip Roth. *Nêmesis*. [2010] Tradução de Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Primo Levi. *É isto um homem*? [1958]. Tradução de Luigi del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

Sigmund Freud. Considerações sobre a guerra e a morte. [1915]. Em *Obras completas,* volume 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Scott Atran. Uma experiência contra-natureza. Paris: *L'OBS*, nº 2890, op.cit.

Sylvie Angel. O humor é uma força que devemos recuperar. Paris: *L'OBS*, nº 2890, op. cit.

T.S. Eliot. A terra devastada. [1922]. Em *Poemas.* Organização, tradução e posfácio de Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Crise sanitária, crise civilizatória

Michel Maffesoli[1]

RESUMO

A crise sanitária como expressão visível da decadência da modernidade e da degeneração de uma globalização que menosprezou o estar-junto e o estar-com. A morte pandêmica como símbolo do fim do otimismo no progressimo que pode, porém, redefinir valores globais de uma ressureição em curso.

Palavras-chave: Crise; mundialização; degeneração;

Para além dos humores, medos, convicções, reações, consentimentos que ordenam a opinião pública, é conveniente irmos ao essencial. Isto é, ir além das aparências, que o poeta chama lindamente de "o burburinho das coisas secundárias"[2], e retornar à essência das coisas. Aquém das "mediações" dessas evidências veiculadas "*ad nauseam*" pela intelligentsia, retornar ao que é imediatamente evidente, algo que a sabedoria popular soube formular de modo lapidar: tudo passa, tudo muda, tudo se renova!

Para resumir, estamos diante de uma Modernidade em crise, expressa pela saturação de um conjunto de valores cada vez mais obsoleto.

Lembremos aqui uma das etimologias da palavra crise, "krisis" como o julgamento feito por quem está nascendo a respeito de quem está morrendo. Com frequência, isso é esquecido, e a crise é reduzida a seu aspecto econômico. Simples disfuncionamento daquilo que meu saudoso amigo Jean Baudrillard denominava "a sociedade de consumo", que alguns ajustes de ordem política precisariam corrigir para o maior bem de todos.

É desse modo que podemos compreender a "crise sanitária", como uma modalidade de uma crise da sociedade em curso, de uma mudança de paradigma muito mais profunda.

Em outros termos, a crise sanitária como expressão visível de uma degeneração invisível. Degeneração de uma civilização ultrapassada. Civilização cujo paradigma não é mais reconhecido. A matriz do estar-junto tornou-se infecunda.

O racionalismo obtuso pode até reconhecer que se trata de uma alegoria um tanto misteriosa, até mesmo mística. Mas não faltam à história uma profusão de exemplos desse

[1] Professor emérito da Sorbonne. Membro do Instituto Universitário da França. Publicação autorizada pelo autor. Tradução de Wanda Costa; revisão de Edgard Carvalho.

[2] Referência ao poeta Paul Claudel (1868-1955), muito utilizado por Michel Maffesoli em seus escritos. (N.R.)

fato. Basta lembrar a grande peste que ocorreu no final do Império romano. A famosa peste "antonina" em 190, causadora de milhões de mortes, marcou o início da decadência romana.

E o que dizer da "peste negra", também denominada "morte negra" que no século XIV foi corolário do final da Idade Média? O Renascimento surgiu depois dela. O que os historiadores denominam *Black Death* expressa bem o luto que convinha fazer, face a um conjunto de valores que já não estavam mais adequados a um novo espírito do tempo em gestação.

Acabemos com a metáfora. Mas, o fato é que há muito tempo, com alguns outros, sofro ataques de uma *intelligentsia* amedrontada, pelo fato de continuar a apontar, realçar, analisar a decadência da modernidade**.** O fim de um mundo que só é defendido pelas castas orgulhosas de sua superioridade ilusória que continuam a propagar repetidamente suas elucubrações falaciosas. Trata-se de uma "sociedade oficial" cada vez mais desconectada do mundo real. E, portanto, incapaz de perceber a degeneração intelectual, política cujos sintomas são cada vez mais evidentes.

Degeneração de quê, a não ser do mito progressista? Desde 1979, eu já havia mostrado, que correlativamente à ideologia do serviço público, esse progressismo se empenhava em justificar o domínio sobre a natureza, em negligenciar suas leis primordiais e construir um mundo unicamente regido pelos princípios de um racionalismo cujo aspecto mórbido parece cada vez mais evidente. *A Violência totalitária*[3] de um progressismo ao mesmo tempo tolo e destruidor.

Já disse que era preciso reconhecer a necessidade de se concentrar no essencial. O ponto nodal da ideologia progressista é a ambição, até mesmo a pretensão de tudo resolver, de tudo melhorar a fim de se chegar a uma sociedade perfeita e a um homem potencialmente imortal.

Quer saibamos ou não, a dialética tese, antítese, síntese é o mecanismo intelectual dominante. O conceito hegeliano de "suprassunção"[4] (*Aufhebung*) é a palavra-chave da mitologia progressista. É *stricto sensu* uma concepção "dramática" do mundo, isto é, apoiada na capacidade de encontrar uma solução, uma resolução ao que pode constituir um obstáculo à perfeição vindoura.

Há uma formulação de Karl Marx que resume bem uma mitologia como essa: cada sociedade só se coloca os problemas que pode resolver. Ambição, pretensão de tudo dominar. É a economia da salvação ou a história da salvação da obediência judaico-cristã que, nos

[3] Michel Maffesoli. *A violência totalitária.* Tradução de Nathanael Caixeiro. Porto Alegre: Sulina, 2001. Republicado em *Après la modernité. La logique de la domination, La violence totalitaire, La conquête du present.* Paris: CNRS éditions, 2008.

[4] O termo *alfhebung* pode também ser traduzido por revogação, supressão, anulação. Optou-se por suprassunção, termo presente em várias traduções de Hegel. Na acepção hegeliana, trata-se de uma meta-categoria que, ao mesmo tempo que suprime, mantém a coisa suprimida. Em cada momento da vida social, portanto, encontam-se as suprassunções até que a unidade omnicompressiva do Estado se efetive no plano sócio-histórico. (N.R.)

grandes sistemas socializantes do século XIX tornam-se "profanas" e vão inspirar todos os programas políticos, sejam eles de esquerda ou de direita.

É certamente essa concepção dramática, portanto otimista que está se realizando. E, no balanço inexorável das histórias humanas, é "o sentimento do lado trágico da vida" (Miguel de Unanumo) que mais uma vez tende a prevalecer. O dramático, como já disse, é decididamente otimista. O trágico é da ordem da aporia, isto é, sem solução. A vida é o que é.

Em vez de querer dominar a natureza, devemos nos adaptar a ela. Segundo o adágio popular, "só se domina a natureza obedecendo a ela". Por isso mesmo, a morte não é mais algo que poderemos superar, mas sim reconhecer sua existência.

É exatamente isso que a "crise sanitária" evoca. A morte pandêmica é o símbolo do fim do otimismo próprio do progressismo moderno. Podemos considerá-lo como expressão do místico pressentimento de que o fim de uma civilização pode ser uma libertação e, no seu sentido forte, o indício de um renascimento. "Index", ou seja, o que aponta a continuidade de um vitalismo essencial!

A morte possível, ameaça vivida quotidianamente, realidade que não se pode negar, que não se pode denegar, a morte que inexoravelmente devemos contabilizar, essa morte onipresente evoca, na sua concretude, que uma ordem das coisas está chegando ao fim.

O que é concreto, volto a lembrar: *cum crescere* é o que "cresce com", com um real irrefragável. E esse real talvez exista? Realmente? A morte dessa "ordem das coisas" foi responsável pela constituição do mundo moderno!

Morte do economicismo dominante, dessa prevalência da infraestrutura econômica de origem marxista, causa e efeito de um materialismo de visão estreita. Além da "sociedade de consumo", Jean Baudrillard salientou como toda vida social era apenas um "espelho da produção". O que é a redução de um estar-junto essencial a um "sendo" totalmente abstrato, unicamente preocupado com o material que não se controla mais. Não possuímos mais os objetos, somos possuídos por eles.

Morte de uma concepção puramente individualista da existência. De fato, as elites defasadas continuam a emitir clichês do tipo "considerando o individualismo contemporâneo" e outras banalidades da mesma fonte. Mas a angústia da finitude , cuja realidade não se pode mais esconder, incita, ao contrário, a buscar a ajuda mútua, o compartilhamento, a troca, a benevolência e outros valores da mesma magnitude, que o materialismo moderno acreditara ter superado.

Apesar de confinados em apartamentos, é interessante notar que os cantos patrióticos ou do repertório popular são retomados em conjunto. Afim de conjurar coletivamente a angústia própria ao sentimento de finitude e assim expressar a solidariedade diante da morte.

Ainda mais flagrante, a crise sanitária decreta a morte da mundialização, valor dominante de uma elite que continua obcecada por um mercado sem limites, sem fronteiras, no qual o objeto ainda prevalece sobre o sujeito, o material sobre o espiritual.

Evoquemos a criteriosa expressão do filósofo Georg Simmel, lembrando que o bom equilíbrio de toda vida social é o acordo que deve existir entre "a ponte e a porta". A ponte necessária à relação e a porta que relativiza tal relação, a fim de se chegar a uma harmonia benéfica para todos.

Embora seja difícil reconhecer, essa globalização descomedida é a herança do Universalismo próprio da filosofia das Luzes do século XVIII. E a saturação de tal estado de coisas vai valorizar o localismo. O que a Escola de Palo Alto, na Califórnia, nomeou adequadamente "proxemia", termo que significa a interação entre o meio-ambiente natural e o ambiente social.

O que denominei "Ecosofia", sabedoria da casa comum ou, em termos mais familiares, reconhece que "o lugar cria o vínculo". Tudo lembra que, contrariamente ao leitmotiv marxista: "o ar da cidade liberta", formulação que é o arquétipo do desenraizamento, a gleba natal recupera uma força e um vigor inegáveis.

Enraizamento dinâmico que reitera que, como toda planta, a planta humana precisa de raízes para poder crescer com força, adequação e beleza! Assim, diante da morte inevitavelmente presente, lembremos a necessidade da solidariedade própria a um "ideal comunitário" que alguns continuam a estigmatizar taxando-o tolamente de comunitarismo.

Alguns? Quem são eles? Simplesmente aqueles que tendo o poder de dizer e fazer, continuam a defender com unhas e dentes o economicismo, o individualismo, o globalismo, o materialismo que foi posto em questão.

A consanguinidade das elites é algo evidente. Sua endogamia é algo mortífero. Esse entre-si ainda se manifesta nos clichês morais com os quais as elites se deleitam. Lugares-comuns que mal escondem seu culto atávico do dinheiro, sua ortodoxia economicista e sua celebração de uma escala de valores de fato superada. Tudo isso recheado com uma série de palavras encantadoras: democracia, valores republicanos, laicidade, progressismo, etc.

Tudo isso expresso em intrincadas formulações nas quais mentes empedernidas e o bom senso popular facilmente localizam as anfibologias e os círculos viciosos. Formulações estereotipadas que traduzem nada mais do que a essência de suas práticas e o fundamento do desejo profundo de uma "sobreadministração" que lhes assegure um poder insuperável sobre um povo condenado à fragilidade.

Tais elites esqueceram-se que comandar é servir. O que traduz o adágio que melhor expressa a coesão social: *regnare servire est*. Em resumo, o equilíbrio deve existir entre a

potência do instituinte e o poder do instituído, isto é, das instituições econômicas, politicas, sociais.

Essas instituições não compreendem que a morte quotidiana, que sempre nos é relembrada, assinala inelutavelmente a morte da civilização materialista moderna. É por isso que a circulação das elites irá existir, como muito apropriadamente percebeu o sociólogo Vilfredo Pareto.

Circulação que, graças à Internet, atua como a morte da verticalidade do poder em proveito da horizontalidade da potência societal. Como tenho lembrado com frequência, a pós-modernidade não é nada mais do que *a sinergia do arcaico e do desenvolvimento tecnológico.* Dito de outro modo, a volta do compartilhamento, da troca, da solidariedade e outros valores fundamentais que a paranoia das elites modernas acreditara, graças à dialética, poder "superar".

A morte da civilização utilitarista na qual o elo social é sobretudo mecânico permite encontrar a reemergência de uma solidariedade orgânica. Organicidade que o pensamento esotérico denomina "sinarquia". O que Georges Dumézil já tinha bem analisado, salientando a interação e o equilíbrio que acontecem em certos momentos entre as "três funções sociais".

Fundamento do politico, militar, jurídico, a função espiritual culmina com a solidariedade societal. Assim, além da sobreadministração desconectada do Real, percebemos que um certo holismo ressurge em nossos dias.

Para se considerar tal sinarquia orgânica é preciso, porém, saber expressá-la com palavras que sejam cada vez mais pertinentes ao tempo. É curioso, ou melhor dizendo, desolador ler um editorialista da atualidade afirmar que a situação é dramática e algumas linhas depois falar de seu aspecto trágico.

A formulação de Platão revela-se extremamente atual: "a fraude com as palavras" é o sinal inelutável de uma degenerescência completa. A concepção "dramática" é própria de uma elite que acredita encontrar uma solução oportuna para tudo. O "trágico", ao contrário, combina com a morte. Ele sabe, por um saber incorporado, próprio à sabedoria popular, viver a morte de todos os dias.

É por isso que a crise sanitária, que leva à morte individual é o indicio de uma crise civilizatória, é o indício da morte do paradigma progressista. Talvez seja isso que faça com que o trágico ambiente vivido no cotidiano seja, ao contrário de vagaroso, consciente de que existe uma ressurreição em curso. Ressureição esta na qual é no estar-junto, no estar-com que o invisível espiritual ocupará um lugar de destaque.

Ensaios recentes

A palavra do silêncio. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. São Paulo: Palas Athena, 2019.

La nostalgie du sacré. Paris: éditions du Cerf, 2020.

BREVIÁRIO do CORPO VIVO

Eduardo Costa[1]

RESUMO

A compreensão do entrelaçamento entre corpo biológico, corpo social, corpo politico como importante decifrador das constituições somatopsiquicas do corpo vivo. A imunidade complexa é muito mais do que a mera soma de cuidados e medidas profiláticas. Unindo prosa e poesia, o Breviário contém excertos de dezenove pensadores que problematizam as múltiplas potências da corporeidade.

Palavras-chave: corpo; complexidade; intersubjetividade; transPsicomotricidade.

Inspirado no *Breviário da Vida e da Morte* de Edgard de A. Carvalho (2020), encontrei nesse formato uma expressão que me pareceu suficientemente complexa diante da busca de repercutir minhas percepções sobre o corpo, a corporeidade, a corporificação, como processos de registro, digestão e expressão do viver. Espero alcançar ao menos parte deste desejo e foco.

Em tempo de pandemia, o corpo biológico vira estrela e suas vicissitudes desnudam o corpo social, o corpo político em suas fragilidades e degenerescências. Nos caminhos perversos da ânsia de poder as desigualdades e preconceitos podem se tornar fatais. Até os últimos dias de setembro de 2020 há mais de 145.000 mortos no Brasil, fruto de um governo genocida que ignora deliberadamente as premissas científicas e as condutas internacionalmente reconhecidas como eficazes na prevenção e tratamento desse "vírus zumbi", como foi batizado o Covid19 por Carvalho (2020).

O que pode frear verdadeiramente os efeitos nefastos do vírus em sua múltipla incidência?

Originalmente pensada como síndrome respiratória sempre somada aos danos psíquicos do medo da morte, hoje é percebida como multissistêmica, capaz de efeitos por todo o corpo, causando sequelas muitas vezes irreversíveis àqueles que sobrevivem à sua fase aguda. Com isso, as identidades imunitárias ganham relevo, sendo valorizadas como o obstáculo mais eficaz antes que surja uma vacina adequada à proteção do *homo sapiens sapiens demens* no planeta.

[1] Psicomotricista clínico e educacional. Coordenador da Formação em TransPsicomotricidade educacional e clínica.

Sabemos há muito que nossas constituições somatopsíquicas nos protegem em maior ou menor grau das intempéries e pestilências do ambiente, a vida saudável vem sendo vendida de muitas formas pelos laboratórios e pelos naturalistas. Contudo, nossa imunidade é mais complexa do que a simples soma dos cuidados e medidas profiláticas que somos capazes de adotar.

Nossas raízes intersubjetivas condicionam nossos equilíbrios e desequilíbrios psicossomáticos, momento onde as modelagens socioculturais atingem o corpo infantil e condicionam condutas e sentimentos. Os corpos que importam determinam quais corpos serão tolerados ou reprimidos, invisibilizados ou ressaltados. Os padrões de gênero, por exemplo, são fonte de profundas exigências que inflige aos corpos grandes sofrimentos e marcas traumáticas que muitas vezes se tornam processos somáticos ou até podem levar ao suicídio.

Do que se trata quando indagamos sobre o CORPO?

Percebido como objeto por muitos, como expressão intersubjetiva para alguns, esse desconhecido íntimo revela quem somos, em que acreditamos e do que somos capazes. A corporeidade já foi pesquisada pela filosofia, por várias abordagens em psicoterapia, antropologia e sociologia, muito para além da "profanação" dos corpos dos estudos anatomofisiológicos, bioquímicos e genéticos que desvelaram o funcionamento do corpo-máquina.

O corpo a ele associado ainda é desqualificado pela academia, sendo o físico muito mais valorizado que o professor de educação física ou o bailarino e isto vem levando a lacunas importantes na formação de terapeutas e educadores que ignoram as interações e retro-interações entre corpo e mente, entre ação e inteligência, entre corpo e alma, psiquismo e imunidade, compondo a tessitura complexa que nos constitui em uma unidade múltipla - *unitas multiplex*. Somos todos filhos de Platão, que afirmava ser o corpo um obstáculo à verdade, valor que as religiões judaico-cristãs perpetuaram com a noção de pecado.

No cotidiano ainda ignoramos as manifestações somáticas como integradas aos equilíbrios e desequilíbrios psíquicos, fantasiando um controle do corpo pelo cérebro e abstraindo dos múltiplos indícios manifestos por nossa corporeidade diante dos desafios e ameaças que enfrentamos, que seriam extremamente úteis em nosso processo de autoconhecimento e respeito pelo outro, ou seja, em nossa hominização.

O afã de se tornar superior e sábio, levou os cientistas a se distanciar dos saberes tradicionais, da arte e da linguagem corporal como fontes de saber sobre o mundo e isto se coloca à serviço da manutenção de uma percepção equivocada da complexidade dos fenômenos.

A Complexidade evocada por Morin e a Transdisciplinaridade de Nicolescu nos ajudam a rever essas premissas, ampliando nosso olhar para o lugar do corpo e da emoção na

construção do conhecimento. Em minha ação como profissional da Psicomotricidade assim como formador de Psicomotricistas, foi a partir da TransPsicomotricidade – Psicomotricidade com base no Pensamento Complexo e Transdisciplinar (Costa 2013, 2017 e 2019) que pude desenvolver desde 2000, que venho sensibilizando crianças e adultos para os discursos somatopsíquicos e a potência da corporeidade nos encontros intersubjetivos diante das adversidades e desafios. A intercorporeidade sustenta nossa comunicação e a possibilidade da compreensão de si e do outro.

Colocar o corpo em cena significa abrir as fronteiras que tem cindido o sujeito e roubado dele a percepção da centralidade da vida e do viver em oposição ao ter e parecer ser. Um ego trabalhado, como nos diz Mariotti (2002), pode se abrir às necessidades individuais mas também ao contexto e demandas coletivas.

Os excertos que se seguem buscam capturar aspectos fundamentais às reflexões sobre a corporeidade e suas potências, aspirando às leituras e releituras que evoca um breviário. Se as palavras realmente podem provocar efeitos em nosso organismo, torço para que estas vibrem positivamente no fortalecimento de nossas imunidades criando um campo onde o poético e o prosaico se entrelaçam gerando um espaço de vitalidade e prazer.

Vivos e mortos, os autores são alguns dos responsáveis pelas marcas vividas nesses mais de trinta anos na labuta clínica e na função de educador, palavras que me tocaram e me auxiliaram a revolucionar minhas próprias certezas e dogmas.

Edgar Morin, 2006

"Todo ser humano traz geneticamente em si a espécie humana e compreende geneticamente a própria singularidade anatômica, fisiológica. Há unidade/diversidade cerebral, mental, psicológica, afetiva, intelectual, subjetiva: todo o ser humano carrega, de modo cerebral, mental, psicológico, afetivo, intelectual e subjetivo, os caracteres fundamentalmente comuns e ao mesmo tempo possui as próprias singularidades cerebrais, mentais, psicológicas, afetivas, intelectuais, subjetivas."

Michel Serres, 2004

"O CORPO não se reduz nem à fixidez nem à realidade: menos real do que virtual, ele visa ao potencial, ou melhor, ele vive no modal. Longe de um estar lá, ele se movimenta; não se desloca apenas sobre o trajeto daqui para acolá, mas forma-se, deforma-se, transforma-se, estende-se, alonga-se, figura-se, desfigura-se, transfigura-se; polimorfo e proteiforme."

Edgar Morin, 1991

"Temos pois a qualidade subjetiva primeira no corpo, aquém do cérebro, muito aquém de toda consciência. Mas o cérebro – espírito – cérebro constitui um centro de subjectividade próprio, inseparável do corpo/sujeito, uma vez que o sistema neurocerebral está ramificado em todo o corpo, mas é relativamente autônomo na sua atividade de comando/controle de todo ser. Corresponde a um segundo nível de subjetividade, constituído pelo psiquismo, e este nível cerebral de subjectividade só é parcial e superficialmente consciente. É por isto que o sujeito humano está, como um iceberg, em grande parte imerso no inconsciente."

Guacira Lopes Louro, 2003

"Marcam-se os corpos social, simbólica e materialmente. Marcas distintivas, expressivas, sutis ou violentas, que podem ser infligidas pelo próprio sujeito ou pelo grupo social. Seja de quem for a iniciativa, é indispensável reconhecer que essa "marcação" tem efeitos. Uma multiplicidade de sinais, códigos e atitudes produz referências que "fazem sentido" no interior da cultura e que definem (pelo menos momentaneamente) quem é o sujeito. A marcação pode ser simbólica ou física, pode ser indicada por uma aliança de ouro, por um véu, pela colocação de um piercing, por uma tatuagem, pela implantação de uma prótese... E essa marcação terá, além de seus efeitos simbólicos, expressão social e material. Ela irá permitir que o sujeito seja reconhecido como pertencendo a uma determinada identidade; que seja incluído ou excluído de determinados espaços; que seja acolhido ou recusado por um grupo; que possa (ou não) usufruir de direitos; que possa (ou não) realizar determinadas funções ou ocupar determinados postos; que tenha deveres ou privilégios; que seja, em síntese, aprovado, tolerado ou rejeitado".

Regina Morizot, 1982

"Pensamos no corpo além do corpo biológico e orgânico do qual dispomos para mover, ver, sentir e ouvir mas numa corporalidade que permite expressar emoções e estados interiores. Um corpo como lugar de expressão da vida psíquica e do "eu" interior; um corpo que guarda conflitos reprimidos; um corpo que pode traduzir até a parte inconsciente de nossa vida psíquica, pelo modo de agir, de ser e de reagir. É um corpo indissociável do "eu". Eu sou o meu corpo, ao invés de "eu tenho um corpo".

Paulo Netho, 2007

"Na minha escola
era proibido ser alegre.
Logo de cara me estrepei:
eu sofria de alegria inata,
doença terrível!
Mas alegria atrapalhava.
Então eu fiquei
triste, tristinho,
calado, caladinho.
Um bom menino
no seu cantinho."

António Damásio, 2000

"A vida tem lugar dentro da fronteira que define o corpo. A vida e a urgência de viver existem no interior de uma fronteira, a parede seletivamente permeável que separa o ambiente interno do ambiente externo. A ideia de organismo gira em volta da existência dessa fronteira. (...) Se não há fronteira, não há corpo e se não há corpo não há organismo. (...) Para cada pessoa um corpo, para cada corpo uma mente – um primeiro princípio. (...) A mente é de tal forma modelada pelo corpo e destinada a servi-lo que uma mente apenas pode surgir nele."

Florence Marie Dravet, 2015

"Percebe-se, portanto, aqui, um clamor pela volta do corpo. Mas não o corpo pensado apenas como meio de expressão, objeto teatral ou sistema fisiológico. O corpo pensado de maneira integrada, como parte da comunicação em vários níveis: no nível transcendente e imanente, poderíamos dizer. O corpo poético, o corpo vivo, o corpo que rastreia e sente, o corpo atravessado, o corpo-médium, o corpo-circulação, luxo, trânsito".

Guacira Lopes Louro, 2003

"Como um 'projeto', o corpo é construído. A marcação que sobre ele se executa é cotidiana; supõe investimento, intervenção. Processos que se fazem ao longo da existência de cada sujeito, de forma continuada e permanente. Processos que estão articulados aos inúmeros discursos que circulam numa sociedade e que podem ser compreendidos como pedagogias voltadas à produção dos corpos. Essas pedagogias são, usualmente, reiterativas das normas regulatórias de uma cultura: suas normas de gênero e sexuais, em especial.",

Paulo Vaz, 1999

"As novas tecnologias de comunicação transformam a experiência de corpo: o sentido da presença, a definição do próximo e do longínquo no espaço e no tempo, a distinção entre real e imaginário – todas estas fronteiras interdependentes estão sendo postas em questão. Ao investirem no modo como o corpo apreende o mundo para tornar a simulação tão presente quanto o simulado e ao permitirem que o próximo e o simultâneo se estruturem segundo a conexão, a velocidade e a prótese, estas tecnologias modificam o que é o mundo e o que é estar corporalmente no mundo."

Loic Wacquant, 1998

"Os pugilistas oferecem apenas um exemplo exagerado e particularizado de um processo social genérico. Mostrou-nos como aprendemos a moralidade com e por meio de nossos corpos, atribuindo reações profundamente sentidas, viscerais. "pré-predicativas" de repulsa ou de atração, de rejeição ou de assentimento, de simpatia ou de antipatia, a classes definidas de acontecimentos, ações e circunstâncias. Em outras palavras: há moralidade para o (e no) corpo vivido, que pode ser visto como o lugar e a sede de uma ética prática, decretada (como distinta de uma moralidade discursiva, de princípios, que diz respeito aos filósofos e aos técnicos da moral), que emerge de uma "conversão em que o corpo inteiro é tomado" e preparado mediante "transposições tácitas" que agem "desde sob à vontade" (Merleau-Ponty, 1945:192, 196, 190) o que explica por que é tão difícil, inculcar, modificar e repudiar crenças morais."

Manoel de Barros, 1966

"Para entender nós temos dois caminhos: o da sensibilidade que é o entendimento do corpo; e o da inteligência que é o entendimento do espírito. Eu escrevo com o corpo. Poesia não é para compreender, mas para incorporar. Entender é parede; procure ser árvore."

Eduardo Costa, 2004.

"É esse corpo, pergaminho de toda a história do sujeito, que permitirá a existência das relações psicomotoras, e é desse corpo que excede o biológico, excede o psíquico, excede o social, que falamos em Psicomotricidade."

Jean-Jacques Wunenburger, 2006

"O corpo efetivo individual inscrito naturalmente na finitude do tempo e da morte vem sendo substituído cada vez mais pelo corpo virtual, acelerado ou eternizado, mutável ao menos, mutante, plástico até não poder mais. Em que sentido? Pode-se conferir unidade a expressões tão diferentes quanto o corpo numérico das imagens de síntese e o corpo potencial das biotecnologias que conduzem a uma antropogenia (cirurgia estética, próteses, dopagem, manipulação genética etc.)? "

Michel Serres. 2004

"...Não existe nada no conhecimento que não tenha estado primeiro no corpo inteiro, cujas metamorfoses gestuais, posturas móveis e a própria evolução imitam tudo aquilo que o rodeia. Nosso saber origina-se do saber de outros que o aprenderam a partir do nosso. Ao ensinar, relembrar e expor esse saber, nós o aumentamos em ciclos indefinidos de crescimento positivo que, por vezes, ficam bloqueados pela estupidez da obediência. "

Edgard de Assis Carvalho, 2008

"Ao separar corpo e mente, a ciência reduziu o primeiro a experiências de treinamento e repetição, e o segundo a circuitos neuronais especializados. Empenhados em religá-los, os novos educadores terão de assumir o fato de que o segredo da vida permanece em aberto, e isso porque a hominização se processa sempre por meio de desvios, equilíbrios, desordens e bifurcações que envolvem múltiplas ações e retroações entre a mente e a natureza, o contingente e o necessário, o autônomo e o heterônomo."

Maurice Merleau-Ponty, 1945

"O corpo é nosso meio geral de ter um mundo. Ora ele se limita aos gestos necessários à conservação da vida e, correlativamente, põe em torno de nós um mundo biológico; ora, brincando com seus primeiros gestos e passando de seu sentido próprio a um sentido figurado, ele manifesta através deles um novo núcleo de significação: é o caso dos hábitos motores da dança. Ora enfim a significação visada não pode ser alcançada pelos meios naturais do corpo; é preciso então que ele construa um instrumento, e ele projeta em torno de um mundo cultural."

Eduardo Costa, 2013

"Só corpos emocionados podem revoltar-se contra o '*status quo*', abrir-se, sem receio à queda dos muros disciplinares, (...) difíceis de abdicar."

Judith Butler, 1999

"A afirmação "é um menino" ou "é uma menina" inaugura um processo de masculinização ou de feminização com o qual o sujeito se compromete. Para se qualificar como um sujeito legítimo, como um "corpo que importa" (...), o sujeito se verá obrigado a obedecer às normas que regulam sua cultura".

Thérèse Bertherat, 1977

"Nosso corpo somos nós. É nossa única realidade perceptível. Não se opõe a nossa inteligência, sentimentos, alma. Ele os inclui e dá-lhes abrigo. Por isso, tomar a consciência do próprio corpo é ter acesso ao ser inteiro... pois corpo e espírito, psíquico e físico, e até força e fraqueza, não representam a dualidade do ser, mas sua unidade."

Michel Serres, 2004

"É o teorema de Arquimedes generalizado: todo corpo verdadeiramente mergulhado na vida autêntica e na aprendizagem corajosa e direta recebe delas uma força vertical igual a esse mesmo corpo, dirigida para a descoberta. Excitados de felicidade, entre a tontura e a vertigem, não encontramos nada a não ser o nú. Quem experimenta? Quem inventa? O corpo. Quem flutua, corre e voa, em êxtase arcangélico quando levita banhado pela intuição bem aventurada? O corpo, sempre ele. Inteiramente nu."

Referências

BARROS, Manoel de. *Gramática expositiva do chão*: poesia quase toda. [1966]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990, p. 212.

BERTHERAT, Thérèse. *O corpo tem suas razões: antiginástica e consciência de si. [1976] 2. ed.* Tradução de Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". [1999]. *In*. LOURO, Guarcira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 153-172.

CARVALHO, Edgard de Assis. Saberes complexos e educação transdisciplinar. *Educar em revista,* Curitiba, n. 32, p. 17-27, jun, 2008.

_____. Breviário da vida e da morte. Carta Capital: Agência Envolverde, 04 de maio de 2020. Disponível em: https://envolverde.cartacapital.com.br/breviario-da-vida-e-da-morte/. Acesso em: 17/07/2020.

COSTA, Eduardo. Relações psicomotoras do bebê hospitalizado. *Interagir: pensando a extensão*. Rio de Janeiro, n. 6, p. 125-133, ago./dez. 2004.

_____. A formação pessoal do transpsicomotricista. *In*: COSTA E. & LOVISARO. M. (Orgs) *Transpsicomotricidade*: Psicomotricidade com base no pensamento complexo e transdisciplinar. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013. p. 111-140.

_____. O terapeuta único na clínica transdisciplinar da infância: um olhar da transpsicomotricidade. *In*: COSTA, E. (Org.). *Corpo Transbordante: relatos da prática transpsicomotora educacional e clínica.* Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017. p. 105-124.

_____. TransPsicomotricidade Educacional e Clínica: da vocação à incorporação transdisciplinar na prática psicomotora a partir do Pensamento Complexo. *In:* COSTA, E. (Org.). *Conexões em Psicomotricidade: transpsicomotricidade, entre, através e além da educação e clínica*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Corpora Ediciones, 2019. p.15-39.

DAMÁSIO, A. *O Sentimento de si: o corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência.* Tradução de Laura T. Motta. Mira-Sintra: Europa-América, 2000.

DRAVET, Florence Marie. Corpo, linguagem e real: o sopro de Exu Bará e seu lugar na comunicação. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, v. 68, n. 3, p. 015-025, set/dez, 2015.

LOURO, Guacira. Corpos que escapam. *Revista Labrys*, São paulo, n. 4, p. 1-10, agos/dez, 2003.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. [1945]. 2. ed. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MARIOTTI, H. Os cinco saberes do pensamento complexo: Pontos de encontro entre as obras de Edgar Morin, Fernando Pessoa e outros escritores. *In*: *Conferências Internacionais de Epistemologia e Filosofia*. Portugal: Instituto Piaget, Campus Acadêmico de Viseu, Portugal, abr, 2002. p. 1- 35.

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. [2006] 5.ed. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2015.

_____. *O método II: A vida da vida*. [1991] 5. ed. Tradução de Marina Lobo, Simone Cerê e tânia do Valle Tschiedel. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIZOT, Regina. A identidade corporal do terapeuta em psicomotricidade. *In*: Primeiro congresso brasileiro de psicomotricidade, 1°, 1982, Rio de Janeiro. *Anais,* Rio de Janeiro: UERJ, 1982. p. 52-62.

NETHO, Paulo. *Poesia Futebol Clube e outros poemas*. São Paulo: Editora: Formato, 2007.

SERRES, Michel. *Variações sobre o corpo*. Tradução de Edgard de Assis Carvalhoe Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

VAZ, Paulo. Corpo e risco. In: VILLAÇA, N.; GÓES, F.; KOSOVSKI, E. *E que corpo é esse?* Novas perspectivas. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 159-175.

WACQUANT, L. Os três corpos do lutador profissional. *In:* LINS, D. (org.). *A dominação masculina revisitada.* São Paulo: Papirus, 1998. p. 73-96.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. Arquipélago imaginário do corpo virtual. ***Alea:*** *Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 2, July/Dec, 2006.

Repensando a autoria na era das redes[1]

Beatriz Cintra Martins[2]

RESUMO

Neste ensaio buscamos atualizar a pergunta lançada por Michel Foucault há mais de 50 anos: o que é um autor? Partimos do pressuposto de que a noção de autoria é uma construção histórica que tem repercussões nos modos de circulação da cultura e do conhecimento na sociedade. Argumentamos que no contexto atual o processo autoral se torna mais reticular e interativo, demandando por ampla partilha dos bens intelectuais.

Palavras-chave: Autoria, Redes de Comunicação, Capitalismo Cognitivo, Direito Autoral

Até junho de 2021 deverá entrar em vigor a nova Diretiva sobre Direito Autoral da União Europeia que determina a adoção pelas grandes plataformas digitais de tecnologias automatizadas para o reconhecimento e remoção de conteúdo, a fim de combater o uso não autorizado de obras protegidas. A medida tem gerado apreensão, pois esses sistemas automáticos não são capazes de distinguir as nuances entre os usos proibidos e permitidos, como citações e paródias, e por isso podem representar riscos à própria liberdade de expressão e ao direito de acesso à cultura e ao conhecimento. Embora seja uma proposição no âmbito da UE, acabará tendo impacto no mundo todo pois será aplicada a plataformas cuja operação atravessa as fronteiras territoriais.

Este breve ensaio é uma tentativa de contribuir com o debate, lançando luz sobre uma das questões de fundo dessa controvérsia, qual seja, a do deslocamento da autoria na atualidade. Este tema, talvez de aparência etérea, é fundamental para definir novos marcos na discussão pública sobre a legitimidade do compartilhamento dos bens intelectuais, pois é com base na noção de autoria como algo de natureza individual que se tem defendido a privatização da cultura e do conhecimento e, mais que isso, legislado a seu favor.

Nosso ponto de partida, portanto, é a afirmação de que assim como outras práticas sociais, a autoria tem caráter histórico. Não deveria haver nenhuma novidade nesta declaração, Foucault já afirmou isso há mais de quatro décadas em sua célebre palestra "O que é um autor?", na *Société Française de Philosophie* em 1969 (Foucault, 2006). No entanto, entendemos que, mais do que nunca, é preciso trazer esta questão novamente à

1 Versão revista de texto originalmente publicado no livro Copyfight – Pirataria e Cultura Livre, organizado por Bruno Tarin e Adriano Belisário, Editora Azougue, 2012.

2 Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Colabor (PGEHA/USP).

pauta, a fim de que se possa demonstrar a necessidade de se reavaliar a pertinência da noção de autoria individual como o conceito regulador da circulação da cultura e do conhecimento no contexto atual do capitalismo cognitivo e da comunicação em rede.

Um dos questionamentos que Foucault levanta diz respeito às condições de possibilidade para o surgimento do sujeito autor, no final do século XVIII e início do século XIX. Cabe lembrar que este foi o período da Modernidade, época marcada pelo projeto do sujeito autônomo. Esse projeto que teve sua formulação filosófica no pensamento de Descartes, com o sujeito cartesiano – ser racional e consciente, o agente do conhecimento –, foi na verdade a soma de várias influências, entre elas: a Reforma e Protestantismo, que autorizou o contato direto da consciência individual com a divindade; o Humanismo Renascentista, que pôs o homem no centro do universo; e o Iluminismo, um movimento político pela racionalidade e pela autonomia, acima do dogma religioso e das crenças. O homem adquire, então, autonomia de criar e conhecer por sua conta e risco. Nesse contexto, a figura do autor, como um indivíduo criador, é fortalecida.

De forma ainda mais determinante, o movimento do Romantismo será o responsável por consolidar essa noção e inspirar as bases do direito autoral. Naquele período toda uma nova visão de autoria é definida. O autor deixa de ser visto como um artesão movido por uma inspiração transcendental para ganhar um outro patamar: o de gênio criador. A inspiração, nesse sentido, não é mais tida como algo que vem de um ente exterior, as musas ou Deus, mas sim de dentro do próprio escritor, que passa a ser valorizado, portanto, por suas capacidades criativas subjetivas (Woodmansee, 1994).

O critério da originalidade ganha então grande relevância na questão autoral em contraposição ao antigo valor da imitação (mimésis). Os imitadores, antes vistos como aqueles que tinham o talento de reproduzir a beleza divina e a vantagem de saberem renunciar a sua personalidade em prol dessa imitação (Mukarovsky, 1977), passam a ser vistos como autores menores, disseminadores de clichês. Enquanto aqueles capazes de expressar algo único e original, saído de sua profundidade subjetiva, eram os grandes autores, tidos como mestres da arte. E, paralelamente, o trabalho criativo alcança outro estatuto, ou seja, ele deve a partir de então ser remunerado como uma contribuição relevante à sociedade. Não mais de um artesão ou de um imitador, lidando com conteúdos culturais comuns ou transcendentais, mas de um criador que merece ser financeiramente recompensado por seu talento único. Estão aí lançadas as bases para o direito autoral tal qual o conhecemos.

Curiosamente, nessa mesma inspiração subjetiva defendida pelos românticos, pode-se detectar os germens do posterior questionamento da autonomia autoral. Os românticos, como Shelley, falam dessa inspiração como algo inapreensível e incompreensível, além da razão ou do seu controle. Ao reconhecer esse fator para além da consciência, chegam muito

próximos dos argumentos daqueles que depois defenderão a morte ou desaparição do autor (Bennett, 2005).

De todo modo, ainda no século XIX, a concepção do autor individual e autônomo começa a ser deslocada sob o impacto de significativos abalos sofridos nos discursos do conhecimento moderno, causadas especialmente pelos pensamentos de Darwin, ao dar uma dimensão biológica ao humano; de Marx, ao colocar a condição socioeconômica acima da autonomia individual; e de Freud, ao trazer à cena o inconsciente como o lugar primeiro da estruturação da subjetividade. Esse deslocamento atinge seu ápice com os pensadores do pós-estruturalismo, como Barthes (2004) e Foucault, que irão inverter o entendimento do processo autoral, priorizando o discurso ou a linguagem em detrimento do sujeito, este último por si só, para eles, uma categoria já sob suspeição.

Neste ponto vale ressaltar que as práticas autorais anteriores a esse período tinham outra configuração: eram abertas, fluidas e coletivas, lembrando em muito os processos autorais em rede. Na Idade Média, por exemplo, a inserção dos comentários aos manuscritos fazia parte de um exercício hermenêutico que tinha como objetivo a interpretação e o estudo dos textos bíblicos. Formavam, portanto, um complemento ao texto principal, com informações adicionais com a finalidade de facilitar ou aprofundar a leitura, e assim se constituir em uma referência para seu entendimento. Essa escritura coletiva era composta pela ação de diversos agentes, como o copista, o comentador e o compilador. Uma característica marcante da mentalidade daquela época era a crença de que Deus era a fonte da inspiração suprema para todas as obras, o seu verdadeiro autor. O artista ou escritor era como um transmissor da criação divina, não cabendo a ele, portanto, um mérito particular por suas realizações (Burke, 1995). Como o texto não tinha a conotação de uma expressão pessoal subjetiva, interessava menos ao público leitor a nomeação de seu autor do que aquilo que ele revelava, o conteúdo de sua escrita.

Não só nos estudos religiosos, mas também na literatura da época há registro de uma prática de escrita que, pode-se afirmar, ia além de tarefa de interpretação obediente ao cânone para se constituir mesmo em um ato de leitura e escrita criativa. Este foi o caso da obra *The Canterbury Tales*, do escritor inglês Geoffrey Chaucer, do século XIV, que teve várias versões produzidas por leitores, com cortes e acréscimos, num processo de autoria aberto e fluido. Mais do que um caso isolado, este era o padrão da época: um processo autoral que se fazia em coletivo (Liang, 2011).

Podemos retroceder ainda mais na história e citar o exemplo das obras Ilíada e Odisseia que, embora tragam uma assinatura, têm sua autoria posta em dúvida por pesquisadores que, através do estudo da composição dos poemas, especulam sobre quem seria seu verdadeiro criador, se Homero ou se a tradição oral da época, num debate que ficou conhecido nos meios acadêmicos como a Questão Homérica. A criação poética

daquele período tinha natureza fluida, na qual cada recitador, ou bardo, ao mesmo tempo em que declamava também criava, inserindo sempre algo de seu, que posteriormente poderia ser apropriado por outros, num processo aberto e contínuo. No entanto, a sua criatividade não tinha, por assim dizer, um caráter pessoal. Sua performance era reconhecida por sua força expressiva, mas aquilo que somava à criação poética não era visto como fruto de sua individualidade. Para além do poeta, havia a representação simbólica, à qual ele deveria seguir a fim de ter sua produção artística reconhecida como tal. A tradição cultural, que se manifestava através da figura mítica das musas, era responsável por dar consistência às criações, assegurando que a composição, mesmo que coletiva ou improvisada, era parte da cultura vigente.

O que nos interessa ressaltar aqui é o caráter histórico da noção de autoria e, portanto, a necessidade de revê-la no contexto do capitalismo cognitivo, marcado pela ascensão do conhecimento à centralidade da produção e no qual o trabalho se organiza por rede e em fluxo. Nesta nova conjuntura, os processos autorais são reticulares, se dão através das trocas e interações entre diversos agentes criativos. É certo que, em alguma medida, a cooperação entre agentes produtivos sempre existiu. A novidade é que agora esta cooperação alcançou os limites dos nós da rede. Em outras palavras, as redes de comunicação colocaram em contato atores sociais que de outra forma permaneceriam isolados, tornando possível a articulação de redes sociais de cooperação produtiva até então inexistentes (Cocco, 2003).

Na base do desenvolvimento desse novo modelo produtivo está a constituição de uma intelectualidade de massa, como um saber social geral. Saber este que é potencializado pela articulação de subjetividades autônomas organizadas em redes de cooperação para produzir valor e riqueza (Lazzarato; Negri, 2001). A natureza social e cooperativa desse novo modelo de trabalho acaba por impor uma nova dinâmica na circulação de bens, já que para produzir é preciso comunicar e trocar. O saber para se expandir precisa de mais saber, precisa ser socializado, fluir livremente, para que possa alimentar as redes de cooperação produtiva. Como o conhecimento é tanto a força produtiva quanto a própria matéria prima da produção, a informação precisa circular sem barreiras para garantir a própria sobrevivência do modelo produtivo. Neste novo contexto não há mais sentido em se pensar a autoria como algo de caráter individual e muito menos de se impor restrições ao livre fluxo das obras, pois não só o processo autoral se tornou coletivo mas também passou a exigir a troca de saberes para poder se desenvolver.

Esta é uma das contradições que o capitalismo enfrenta na atualidade pois, ao mesmo tempo em que resiste a mudar, fortalecendo os instrumentos para assegurar a diminuição do ritmo da circulação dos bens imateriais, a fim de mercantilizá-los, sua própria dinâmica faz com que o fluxo da informação e do conhecimento esteja sempre em ascensão. Neste contexto estão todas as trocas pelas redes das chamadas obras protegidas por

direito autoral, que por mais que sejam perseguidas e criminalizadas pelas forças corporativas continuam a se disseminar sem cessar. E é cada vez mais difícil querer convencer a opinião pública mundial de que o que a maioria das pessoas faz *online*, trocar arquivos, é um crime que deva ser punido.

Como se vê, apesar de toda a resistência dos setores ligados à indústria cultural, que se valem dos representantes conceituais e jurídicos do segredo industrial e da propriedade intelectual para tentar deter o fluxo de comunicação, as cópias e os downloads continuam a aumentar porque são parte constituinte de um novo modelo econômico e, por isso mesmo, irrefreáveis. No entanto, ainda estamos muito longe de um ponto final nessa disputa entre aqueles que defendem um sistema produtivo baseado na cooperação social e no livre fluxo da informação e as antigas estruturas do capital corporativo que ainda resistem às mudanças e querem manter o regime de propriedade sobre as trocas.

Um dos fronts determinantes neste embate é de caráter conceitual: é urgente que se discuta publicamente qual o sentido do instrumento da propriedade intelectual: em que noções ele se baseia e qual o custo social que representa ao restringir o acesso à cultura e ao conhecimento. Neste sentido, trazer à cena a reflexão sobre a historicidade da autoria pode ajudar a reconhecer a necessidade de adaptar a concepção de processo autoral ao contexto atual das redes e do capitalismo cognitivo. Haverá, certamente, a necessidade de se redefinir os parâmetros jurídicos para atender a essa nova configuração produtiva, mas estes certamente deverão partir do princípio de que o conhecimento e a cultura são bens comuns a serem partilhados pelos cidadãos, sob a pena de não estar à altura do desafio que a nova dinâmica de circulação dos bens imateriais impõe e, por isso, fracassar.

Bibliografia

Michel Foucault. *O que é um autor?.* 6ª ed. Tradução de António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Passagens, 2006.

Martha Woodmansee. *The author, art, and the market – Rereading the History of aesthetics.* New York: Columbia University, 1994.

Jan Mukarovsky. La personalidad del artista. In: Jan Mukarovsky. *Escritos de estética y semiótica del arte*, pp. 272-291. Barcelona: Gustavo Gili, 1977.

Andrew Bennett. *The author*. New York: Routledge, 2005.

Roland Barthes. *O rumor da língua*. 2ª ed. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Seán Burke. Reconstructing the Author. In: Seán Burke. *Autorship: from Plato to the postmodern*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1995.

Lawrence Liang. A Brief History of the Internet from the 15th to the 18th century. In: Geert Lovink; Nathaniel Tkacz (Ed.) *Critical Point of View - A Wikipedia Reader*, pp 50-62. Amsterdam: Institute of Network Cultures, 2011.

Giuseppe Cocco. et al. Introdução: conhecimento, inovação e rede de redes. In Giuseppe Cocco et al (Org.). *Capitalismo cognitivo: trabalho, rede e inovação,* pp.7-14**.** Rio de Janeiro: DP&A. 2003.

Maurizio Lazzarato; Antonio Negri. Tradução de Mônica Jesus.*Trabalho imaterial – formas de vida e produção de subjetividade.* Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

Cidades Afetivas: vias convivialistas para o futuro de uma vida em comum

Sydney Cincotto Junior[1]

Vivian Aparecida Blaso Souza Soares Cesar[2]

RESUMO

As intervenções dos coletivos no tecido urbano da cidade despontam como uma via possível para cocriarmos um outro futuro para as cidades e a sociedade capaz de promover o viver pleno no lugar do sobreviver. Trilhar por vias mais conviviais para a realização de uma vida em comum é apostar em cidades afetivas empenhadas na defesa do bem viver e da vida em comum.

Palavras-chave: Bem viver; cidades afetivas; coletivos; convivialismo.

As cidades se tornaram o centro da vida nas sociedades contemporâneas e, atualmente, mais da metade da população mundial habita em centros urbanos densamente povoados. No Brasil, estima-se que aproximadamente 90% dos cidadãos consideram as cidades lócus gerador e regenerador da vida afetiva, cultural, econômica, social.

Em *Por amor às cidades,* Le Goff (1998) ressalta que as cidades são palco das trocas, lugares de encontro, eventos, trocas. Cidade são sistemas autoeco-organizados que envolvem relações virtuais e concretas. Como espaços de convivência, devem servir ao bem viver, à realização do desenvolvimento individual no interior do desenvolvimento coletivo, pautada por uma relação ecologizada entre homem e natureza. (Morin, 2013).

Imersas no capitalismo neoliberal, as cidades no século XXI atravessam uma crise multidimensional. Excesso de automóveis, consumismo desenfreado, falta de saneamento, poluição, violências, degradações ambientais, segregações socioeconômicas, indigências, miserabilidades, estresses, distúrbios psíquicos de intensidade cada vez maior contribuem para a deterioração das relações socioafetivas e do ecossistema biossocial.

Desafios para humanos de todos os tempos e lugares, viver com o outro, que pressupõe o nós comunitário não se concretiza no mundo liquido; cede lugar ao individualismo, à competição, à incompreensão, ao medo, à intolerância e à privatização da

[1] Pesquisador do Núcleo de Estudos da Complexidade – COMPLEXUS na PUC-SP e coidealizador do Cidades Afetivas.

[2] Professora da FAAP-SP, Pesquisadora do Núcleo de Estudos da Complexidade – COMPLEXUS na PUC-SP, Pós-doutoranda do Programa USP Cidades Globais – IEA-USP e coidealizadora do Cidades Afetivas.

vida. A plenitude do viver é reduzida à prosaica ideia de sobrevivência cotidiana a qualquer custo.

Governados pela lógica da globalização, da ocidentalização e do desenvolvimento, impulsionados pelo quadrimotor ciência-técnica-economia-lucro[3], os habitantes dos centros urbanos necessitam de outras vias para escaparem do paradigma do crescimento acelerado e ilimitado para poderem lidar com a degeneração das relações humanas promovidas pela ditadura das métricas produtivistas e do desempenho pessoal. Conectado 24 horas por dia e sete dias da semana, o *Homo urbanus* se reduz ao *Homo economicus,* deixando escapar os sentidos da convivialidade, da vida compartilhada, do bem viver, do sentido democrático de uma vida em defesa do comum.

Em *Sociedade do cansaço,* Byung-Chul Han (2015) considera que a estafa e os distúrbios psíquicos que acometem os indivíduos afastam o eu do outro, impedindo que sociabilidades mais saudáveis e conviviais se estabeleçam. Estes sujeitos de alto rendimento são frequentemente levados pela lógica do desempenho à depressão e ao fracasso, agravando os mal-estares contemporâneos. Reduzidos a existência do eu-sujeito egocêntrico dissociado do nós altruísta da vida em comunidade, os indivíduos atomizados agonizam.

Nas cidades contemporâneas o desafio do *Homo urbanus* reside em encontrar outras vias para a convivência, capazes de regenerar a vida que se encontra intoxicada pelo individualismo, superexcitada pela competitividade, hiperacelerada pelo produtivismo, saturada pelo consumismo. Ultrapassar os limites e as limitações impostos pela vida prosaica do dia a dia e reintroduzir no cotidiano a poética do viver.

Para Morin (2020), sobreviver prosaicamente no cotidiano é necessário para viver, mas viver poeticamente a vida não implica apenas sobreviver. Viver plenamente, no sentido de buscar o bem viver, requer compreender que a plenitude do eu se realiza na plenitude do nós, nas relações de amizade, na colaboração, na fraternidade, no amor, na comunhão.

Tomemos como exemplo a cidade de São Paulo, que se transformou em um arquipélago de enclaves privatizados, com suas torres corporativas, *shopping centers* e condomínios cercados por vastas áreas degradadas, edificações abandonadas, praças esquecidas, terrenos vagos e entrecortados por autopistas, viadutos, anéis-viários, túneis, marginais.

Nesse cenário disruptivo, em que os lugares da cidade perderam sua alma (Hillman, 1993), a convivialidade eclode por meio das ações dos coletivos com as ocupações dos espaços públicos privatizados em defesa da diversidade étnica, cultural, sexual e de gênero. Requer uma economia plural compartilhada, solidária, distributiva e regenerativa. Prega o direito à

[3] O termo "quadrimotor ciência-técnica-economia-lucro" foi criado por Edgar Morin para referir-se às forças motoras da sociedade global contemporânea responsáveis pela degradação da biosfera e da sociosfera.

cidade, a democracia direta e participativa, a auto-organização comunitária e a autogestão territorial dos direitos da natureza. É uma aposta no reencantamento da vida, um movimento de religação do homem consigo mesmo, com os outros e com o ambiente. Os coletivos urbanos abrem vias para cidades mais afetivas, solidárias e fraternais.

Interessados em refletir e pesquisar sobre esse fenômeno multidimensional, mapeamos alguns coletivos que atuam na cidade de São Paulo e se auto-organizam para ocupar e retomar a cidade para os cidadãos. É nesse contexto que *Cidades Afetivas* nasce como um projeto de pesquisa[4], inspirado no pensamento complexo proposto por Edgar Morin, que busca na religação dos saberes e fazeres a compreensão dos diversos olhares das cidades, a partir das vivências e experiências de coletivos urbanos, que comungam dos ideários de uma vida em comum e reivindicam uma vida ecologizada capaz de reinventar as cidades.

Cidades Afetivas constitui-se, portanto, como um observatório dos movimentos afetivos nas cidades que aposta na aspiração do *Homo urbanus* ao bem viver, uma via ecológica e biocêntrica baseada na promoção conjunta dos Direitos Humanos e da Natureza (Acosta, 2016).

Os coletivos

Coletivos são agrupamentos fluidos, horizontais, descentralizados que atuam em redes. Diferentemente das formas tradicionais de organização política, social ou comunitária, os coletivos são auto-organizados e autogeridos, dispensam lideranças e prezam pela autonomia em relação às instituições e a processos de institucionalização. Constituem uma nova forma de organização dos cidadãos para reivindicar direitos e lutar por questões que geralmente têm por objetivo a defesa da vida em comum. Gohn (2017) denominou-os como novíssimos movimentos, que se autodefinem como ativistas; muitos deles se aproximam dos ideários anarquistas e libertários em suas formas de ação e organização.

Tais movimentos buscam na prática da democracia direta novas formas de *reexistir* e novas modalidades de *reexistência*[5]. Suas ações, ativações e perfomatividades têm pautado as novas práticas de ocupação das cidades abrindo novas vias para a convivialidade.

Uma forma poética de ocupar o cotidiano prosaico da cidade é promovida pelo *Senta Aqui, Conversa Comigo*, coletivo composto por terapeutas e psicólogos na sua maioria que

[4] Idealizado e concebido pelos autores desse artigo no final de 2016, durante o período de doutoramento em Ciências Sociais, no âmbito do *COMPLEXUS* - Núcleo de Estudos da Complexidade, coordenado pelo Professor Dr. Edgard de Assis Carvalho na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.

[5] Reexistir e reexistência são expressões usadas por vários coletivos que podem significar ao mesmo tempo o direito a uma outra maneira de existir e de existência e/ou uma forma de resistir e de resistência nas cidades capitalistas contemporâneas em relação aos processos de colonização das subjetividades e do viver pelas forças hegemônicas da globalização-ocidentalização-desenvolvimento.

investem no encontro entre as pessoas nos espaços públicos com a intenção de promover o conviver com o outro. Segundo seus integrantes, a cidade necessita de lugares de encontros que promovam o olhar, a conversa, a escuta, a troca, o estar juntos, o compartilhar desinteressado.

O coletivo aposta na convivência no espaço público como dispositivo de reinvenção das relações sociais. Traz na natureza de sua organização o princípio de uma socialidade comum que valoriza a riqueza das relações sociais que os sujeitos estabelecem entre si, ao mesmo tempo que enfatiza o princípio de legítima individuação, ao reconhecer que todos possuem o mesmo direito de expressar e desenvolver sua individualidade singular.

Ao abrir espaço para a conversa, para a escuta, para o encontro entre diferentes e desconhecidos, o *Senta Aqui, Conversa Comigo* busca validar o ser humano em sua unidade e diversidade reconhecendo a existência de um princípio de comum humanidade a todos independentemente "das diferenças de cor de pele, de nacionalidade, de idioma, de cultura, de religião ou de riqueza, de sexo ou orientação sexual, existe apenas uma humanidade, que deve ser respeitada na pessoa de cada um de seus membros" como reitera o segundo Manifesto Convivialista. (Segundo Manifesto Convivialista: por um mundo pós-neoliberal, 2020).

Para Carla Pilon, psicóloga junguiana e idealizadora do coletivo, "intervir na rua é criar uma imagem no espaço, é produzir sentido, é devolver a alma à cidade. Nosso interesse é criar rodas de conversas, promover encontros entre pessoas nas ruas de São Paulo".[6]

Há coletivos que se auto-organizam para práticas de revitalização de seus territórios ou bairros na cidade, baseados nos princípios regenerativos dos sistemas bioculturais locais, como é o caso do coletivo do Ecobairro Vilas Beija, formado por moradores das Vilas Beatriz, Ida e Jataí, na zona oeste da cidade de São Paulo.

O coletivo das Vilas Beija busca, por meio da participação dos seus moradores, defender causas que visem bens comuns, tais como áreas verdes urbanas, nascentes e córregos que cortam seus territórios, equilíbrio do ecossistema local. Além disso, implementa o cuidado com hortas e composteiras comunitárias nas praças, realiza mutirões para implementação de jardins de chuvas, monitora a qualidade das águas das nascentes e córregos do território.

O coletivo visa igualmente incentivar os moradores a comprarem nos pequenos comércios do bairro, ocupar as cadeiras dos Conselhos Municipais para interferir nos projetos e políticas públicas da subprefeitura da região. A promoção de feiras de trocas, economia compartilhada, caminhadas ecológicas e festas comunitárias nas praças e ruas dos três bairros

[6] Disponível em: https://www.facebook.com/pg/sentaaquiconversacomigo/about/?ref=page_internal. Acesso em 31/10/2020.

demonstram que os lados prosaico e poético da existência podem ser postos em diálogo e dialogia permanentes.

Essas são algumas das muitas atividades e atuações do coletivo das Vilas Beija que aliam ativismo, participação política, conscientização ecológica e práticas regenerativas das formas de viver e habitar a cidade. Esses horizontes buscam despertar a reconexão dos moradores com a natureza e o sentido de pertencimento ao bairro e à cidade onde vivem, bem como valorizar suas capacidades e potencialidades nas formas de ação e participação na vida do coletivo, reconhecendo a importância das singularidades de cada indivíduo na tessitura de uma vida em comum.

Outro exemplo que aposta nos valores da convivialidade na construção de uma vida em comum é o coletivo *Ocupe & Abrace,* que se formou em 2013 movido pela desejo dos moradores de revitalizar a Praça Homero Silva, área verde do bairro da Pompéia que abriga várias nascentes do córrego Água Preta. Após a recuperação do local e das nascentes pelos integrantes do coletivo, a praça passou a ser conhecida como Praça da Nascente, hoje símbolo de regeneração dos espaços públicos e comuns da cidade.

Para além da recuperação da praça como espaço de convivência para a vizinhança, o propósito do coletivo *Ocupe & Abrace* é reconectar o homem com a natureza, reativar a vida comunitária, propiciar um ambiente interativo onde todos se apropriem do espaço e se sintam afetivamente conectados a ele.

Os membros do coletivo conferem à nascente do córrego Água Preta a condição de sujeito de direitos, que deve ser preservado e integrado ao cenário urbano. Com isso, implodem a narrativa clássica e antropocêntrica dos direitos, como algo que está restrito apenas a seres humanos. Narrativas complexas da história da cidade irrompem, apostam no princípio convivialista de comum naturalidade e no princípio biocêntrico do bem viver. Ambos reafirmam a interdependência entre os seres vivos, incluindo os humanos, que não são tomados como entes exteriores à natureza, mas integrantes dela. Rompem definitivamente com a oposição natureza e cultura, tão cara à cosmovisão cartesiana.

O coletivo *Ocupe & Abrace* estende suas ações para além dos perímetros da praça, aposta na ramificação de suas ideias e práticas para toda a cidade, inspira a criação de outros coletivos pela cidade e conecta-se em rede a eles por meio das microrrevoluções gentis do cotidiano, que somadas, podem resultar na grande transformação que desejam para o mundo. Atualmente, o ecossistema biocultural local se encontra ameaçado pela construção de um empreendimento contiguo à Praça da Nascente, que tem mobilizado petições, mobilizações, incidências políticas e disputas judiciais pelo embargo da obra ainda não iniciada.

Muitos coletivos atuam na direção da participação política com a finalidade de influenciar diretamente as políticas públicas, visando ampliar a participação da sociedade nas

tomadas de decisões dos governantes e legisladores. Um rápido exemplo é a conquista do Parque Augusta em São Paulo; após anos de luta de vários coletivos[7] que se formaram para impedir a construção de um empreendimento imobiliário no terreno. Um dos visíveis efeitos produzidos pelo movimento foi a conversão de uma área significativa na região central da cidade, que seria capturada pelos interesses privados, em espaço convivial a ser usufruído por todos.

As atuações e eventos promovidos por esses coletivos instauram a perspectiva de que é possível influenciar tomadas de decisões políticas que serão estratégicas para o respeito ao ambiente urbano, entendido como metabolismo vivo que necessita incorporar o espírito das relações comunitárias e estimular o bem viver. Promovem o que Rogers (2014) denominou cidadania ativa e vida urbana brilhante necessárias para a cocriação de uma cidade mais humana, plural e convivial, na qual todos terão os mesmos direitos e liberdades, mesmo que individualidades singulares sempre continuem a existir. Mas são exatamente elas que permitirão impulsionar e fecundar a criatividade inovadora e revitalizadora do viver.

Nas cidades, as brechas para as convivências mais humanizadas emergem a cada dia a partir das ativações promovidas pelos coletivos nos territórios. Avessos aos agenciamentos e capturas promovidos pelo sistema, esses novíssimos movimentos, que emergem no interior da sociedade do desempenho, atuam como dispositivos regeneradores dos processos degenerativos promovidos pelas forças hegemônicas neoliberais.

Tais coletivos geram novas vias que podem nos levar ao bem viver, a reinventar os espaços urbanos para as sociabilidades, a reescrever novas narrativas baseadas no entrelaçamento entre os sujeitos e o ambiente em que habitam.

Vias conviviais

A partir das experiências e vivências com os coletivos que ocupam ruas, praças e espaços públicos da cidade, procuramos entender como a ação do *Homo urbanus* produz acontecimentos que podem vir a metamorfosear as cidades e a si mesmos. Novas possibilidades de viver e habitar as cidades poeticamente estão em sintonia com os ideários que reivindicam uma via convivialista para devolver às cidades a função política de um espaço coletivo capaz de promover e consolidar o bem viver.

Ocupar e habitar as cidades de forma convivial exige que sejamos capazes de despertar o espírito da dádiva negligenciado pela contemporaneidade. Para Mauss (2003), a vida social,

[7] Aliados do Parque Augusta, Amigos do Parque Augusta, Movimento Parque Augusta, Organismo Parque Augusta juntamente com o Movimento de Idosos da Consolação e a SAMMORC - Sociedade dos Amigos e Moradores do Bairro Cerqueira César.

na sua totalidade, originou-se das formas de solidariedade recíprocas e das alianças entre os homens contra a violência total, que dependia desses laços que constituíam a vida em comum.

As regras fundadoras do social implicam convivialidade, interdependência, dádiva. Essa tríade será capaz de reativar o circuito dar/receber/restituir de circulação de dádivas e contradádivas, responsável pela tessitura complexa do social. Abre caminhos para uma sociedade complexa, que esteja a serviço da vida, e não o contrário, que coloque a vida a serviço dos interesses econômicos privados.

Cidades Afetivas aponta para essas vias conviviais das relações entre o homem e a cidade. É um convite para a tessitura de outra subjetividade que não aquela agenciada pelo excesso *do fazer, do parecer ser e do ter* própria do *Homo economicus* da sociedade do cansaço. É a esperança de uma mudança de via que aspira ao bem viver.

Para Morin (2020), mudanças de via implicam ao mesmo tempo mundializar para favorecer a comunidade de destino terrestre, assim como desmundializar para preservar as comunidades terrestres das degradações provocadas pelas forças disjuntivas da globalização-ocidentalização-desenvolvimento. Tal via investe nas economias regenerativas, solidárias e de compartilhamento, de fluxo circular, de natureza distributiva e não-cumulativa, e faz decrescer as economias de fluxo linear, movidas pelo trinômio extração-exploração-acumulação que degradam e degeneram os ecossistemas bioculturais. Essa regeneração será capaz de desenvolver plenamente o bem viver, a dádiva e envolver os indivíduos e as comunidades em redes e relações de solidariedade e fraternidade.

Assim como o bem viver, o convivialismo também aposta na afetividade, na fraternidade e no amor para o resgate das relações comunitárias e a importância do viver juntos como dispositivo que poderá nos levar à metamorfose, pressupostos fundamentais presentes nas origens das ideias convivialistas: "Uma arte de viver juntos (con-vivere) que habilita os humanos a cuidarem uns dos outros e da Natureza, sem negar a legitimidade do conflito, mas fazendo dele um fator de dinamismo e de criatividade. Um meio de evitar a violência e as pulsões de morte".[8] Buscar vias convivialistas para o bem viver implica um conjunto de mudanças que visem humanizar e renaturalizar as cidades, garantindo a religação entre humanos e não humanos na teia da vida.

Trata-se de uma regeneração ética baseada na compreensão e na religação. Aprender a conviver com o outro e consigo mesmo, com o outro e com a natureza, implica sobretudo controlar a húbris e as pulsões egocêntricas que potencializam a incompreensão. Tal controle é um imperativo para a compreensão de uma comum humanidade, que respeita o indivíduo

[8] Frédéric Vanderberghe. Síntese do Manifesto Convivialista. Blog do Labemus – Laboratório de estudos de teoria e mudança social - 18/set./2018. Disponível em https:/blogdo labemus.com/2016/09/18/manifesto-convivialista-e-o-livro-alem-do-habitus. Acesso em 20/11/2020.

em sua singularidade e diversidade, dialogicamente associada a uma comum naturalidade que reconhece a interdependência de todos os seres vivos.

Morin (2016) considera que no cenário atual é mais provável que o sistema-mundo caminhe para a desintegração, embora uma metamorfose possa ocorrer caso mudemos de via, fato esse que já ocorreu em outros momentos da humanidade. Mais do que uma mera evolução, a metamorfose se inicia de forma desviante para depois se converter em efervescência criativa e regenerativa.

"Tudo já começou, mas sem que se saiba disso. Estamos ainda na fase das preliminares modestas, invisíveis, marginais, dispersas. Em todos os continentes, em todas as nações já existem efervescências criativas, uma profusão de iniciativas locais no sentido da regeneração econômica, ou social, ou política, ou cognitiva, ou educacional, ou existencial. Mas tudo o que devia ser religado encontra-se disperso, separado, compartimentado. (...) São essas múltiplas vias que, ao se desenvolverem em conjunto, poderão conjugar-se para formar a nova Via que, por sua vez, desarticulará a via que seguimos e nos dirigirá rumo a ainda invisível e inconcebível Metamorfose. (Morin, 2014: 41).

Nas cidades contemporâneas, as ações e ideias criadas pelos coletivos urbanos associam-se a essas miríades de novas vias que, articuladas em rede, podem propiciar a recriação total da vida e da existência baseada nos princípios do convivialismo, do bem viver, da vida em comum, requisitos indispensáveis para a consolidação de um futuro sustentável e ético.

Referências

ACOSTA, Alberto. *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

DARDOT, Pierre e LARVAL, Christian. *Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2017.

GOHN, Maria da Glória. *Manifestações e protestos no Brasil: correntes e contracorrentes na atualidade*. São Paulo: Cortez, 2017.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço.* Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HILLMAN, James. *Cidade & Alma*. Tradução de Gustavo Barcellos, Lúcia Rosemberg. São Paulo, Brasil: Studio Nobel, 1993.

LATOUCHE, Serge. *Pequeno tratado do decrescimento sereno*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

LE GOFF, Jacque. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva – Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas [1925]. Em *Sociologia e antropologia*, pp. 183-314. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MORIN, Edgar. *A via para o futuro da humanidade.* Tradução de Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2013.

_____. A ideia de metamorfose, entrevista com Edgar Morin. Em *Manifesto convivialista: declaração de interdependência – Edição brasileira comentada* (pp. 99-105). Vários autores. São Paulo: Annablume, 2016.

_____. *A aventura de O Método e Para uma racionalidade aberta*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020.

ROGERS, Richard. *Cidades para um pequeno planeta*. Tradução de Anita Regina Di Marco. São Paulo: Editora G. Gili Brasil, 2014.

Segundo Manifesto Convivialista: por um mundo pós-neoliberal. Tradução de Thais Florencio de Aguiar. Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades, 2020. (E-book)

Vendo através da máscara da face
poemas reclusos

Ricardo S Kubrusly

Mal Secreto

Se a cólera que espuma, a dor que mora
N'alma, e destrói cada ilusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse, o espírito que chora,
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, consigo
Guarda um atroz, recôndito inimigo
Como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja aventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!

Raimundo Correia

para Beth
de todo tempo
em todo lugar

Covid 01

como se fosse uma espécie de fim
chequei meus números
conferi todas as entradas
revi as distâncias percebidas
refiz todos os cálculos e tornei a revê-los
apontei meus lápis sonolentos
alonguei todos os prazos
refiz caminhos
percorri lembranças
como se fosse uma espécie de fim
tornei a tornar meus dados
cada palavra e código
a besta a ninfa o louco
as cores perdidas no amarelo
o esquecido átomo
todas as hipóteses descartadas
o voo da espécie anfíbia
a estrutura a rima e o gozo
tudo tudo tudo repasto revisto e posto
como se fosse uma espécie de fim
voltei aos armários às camisas por cores
as calças compridas, lancei-as ao vento
as flores transparentes os vasos partidos
as rondas interrompidas na noite interminável
os submersos luminosos do Leblon
os álcoois geles
derramados nas infinitas esteiras dos aeroportos
os faróis ainda luzentes ao longe
tênues relógios derretidos
seus gritos seus ocos
apontando inocentes os antigos caminhos
inexistentes
como se fosse uma espécie de fim

Covid 02

para Pedro Garcia
nesse mundo de outros mundos

O velho aperta a mão do peixeiro
como em todas as terças entre a conversa e o pescado
ambos entendem o risco que correm
coroados de medo se afastam e em segredo
se asseiam com esmero e arrependimento.
As terças eram assim, na alegria da feira
os velhos reclames
as piadas infames
o jeito cremoso das bananas amarelarem-se
as poses floridas de todas as frutas
vermelhas et ceteras pousadas nas fotografias
a carne trançada nos bigodes falantes
aventura harmônica em 5 sentidos.
Dos olhos se escutam as texturas das pele
o que se vê são cheiros e gostos adiados na espera
tua mão na minha mão,
peixeiro adormecido em cama de gelo
onde teus peixes te aguardam
pacientemente.
Que fizeste?
que fizemos com nossas mãos
como em todas as terças entre a conversa e o pecado.
Lavai-nos senhor dos coroados.

Covid 03

A quarentena como num sonho que nunca se acaba
onde as pessoas
sem tempo concreto
e talvez feitas de vento e poesia
passeiam atônitas por entre nuvens sombrias
me transporta por passados que desconhecia
como se houvesse
nos sonhos
algum propósito.
Agora enquanto escrevo…
"Era uma Vez na América"
Agora enquanto o planeta
girando teimosamente
busca seu futuro
inesperado inesperado
alguns percebem esse grito que se escoa
Escutas? Eu não.

Covid 04

Os que não morrerem ficaremos loucos

… os livros quietos na estante postos
verticais e prontos condensam em letras
pensamentos que os fizeram existir
aguardam que mãos ou ventos os movimente
nos seus desejos de olhos atentos
rabiscos nervosos sublinhando
admirações e críticas
que alguma mão os abra, como em prece
(ao fundo algum prelúdio de Bach)
enfim agarro um livro ao acaso
às vezes com recordações o encaro
às vezes frio sem vontades às vezes sonhos

Sem me perturbar sigo o caminho planejado
Coltrane ou Coleman ou algum
silêncio permanente que se aflora
escovo a lombada e sua face de folhas presas
recoloco-o na estante estou de máscara
ignoro sem delicadezas o livro asseado.

Os que não enlouquecerem estaremos mortos

Covid 05

lembro meu pai morto deitado sapatos marrons
guardei-os há tanto tempo
atravessei a São clemente a Voluntários e a Polidoro
caminho em linha reta como no poema
direto ao São João Batista tantas vezes visitado
lá a festa me envolvia tantos amigos distantes
que há muito não via e nunca mais revi
o susto os abraços as conversas se foram
as alamandas com sua morte amarela
ainda permaneciam nas imagens que a cada dia
apareciam desapareciam
as quartas feiras vieram sem os encontros
a saudade tomava conta da dor
e a dor revigorada era a dor que eu sentia
há tanto tempo
e agora revejo meu velho pai
em cada pessoa que esqueço
quando a novidade se despede dos fatos
os contatos desaparecem das telas
os desejos se vão com eles
enquanto os relógios me encaram
e as aves no céu me ignoram
como sempre o fizeram

Covid 06

lentamente
o relógio retarda seus instantes
suas engrenagens grimpadas avançam devagar
enquanto as rodas deslizam sem destino
europa antiga máquina antigo continente
modelo portátil de viagem dobrável
em caixa preta que desdiz aos que a olham
suas propriedades: destino
o tempo meu deus o tempo
imóvel como em fotografia
girando estático no nada
meu deus o tempo o tempo
o que fazer com o balé de teus ponteiros
senão morrer com eles
enquanto a briza de abril revela suas cores
lentamente

Covid 07

abre a manhã
1 azul invisível aponta uma saída
respira sonhos abre caminhos
as aves raras os homens
ocos atônitos
o silêncio dos roncos
desligados
verdes caminham soltos pelas casas
avançam pelos corredores
brilham iluminando as fotografias
onde sorrindo me olho
mas não me reconheço
não que a juventude perdida
estranhe o hoje que atravesso
não as cores pálidas do agora
o pensamento lento do amanhã
meus pensamentos se perdem
os olhos iluminados me querem seus
o telefone acende sua luz de ferro
as dores passam as cores se perdem
o azulverde que a manhã trazia
a verdade tardia e as horas mortas
enfim hão de me consolar
mas não abrirão a manhã

Covid 08

Gandhi essa cabeça grande
glande a perfurar meu corpo de palavras
túnel de versos sobre a mesa repleta de utensílios
teus olhos nos olhos da TV desligada refletindo o tempo depositado
sobre a mesa repleta de utensílios e possibilidades
as telas girando gritando seus nomes na pedra o vento cortado
nas pontas dos picos que limitam o espaço em propriedades
nas horas que aciono a máquina reversa que te constrói e reconstrói
o frio que de dentro remexe a imagem da mesa repleta
com suas peças de metal quase amarelo cheias de roscas rugosas
os outros utensílios tão variados que ao descrevê-los pássaros não voam
a chave a memória o invisível que a tudo circunda e possibilita
a caixa e o ponteiro a cabeça e meu corpo de palavras
versos sempre longos cobrindo a pele do poema
como o mato engole manto a casa e o silêncio
toma conta líquido do bronze adormecido

Covid 09

com um grito retiro faísca da pedra
ouro fugaz sobre o cinza permanente
arrisco gravetos ajunto esperanças sopro
sopro um vento que ajuda e atrapalha
o desejo vermelho da palha esmaece
o sonho distante do fogo ainda virá...
por ora o ouro sobre o cinza ainda é raro
ao longe o azul levanta-se entre nuvens
invisível universal predominante
silenciosamente avança sobre nós
escondidos nas cavernas atrás das árvores de ferro
tirando faíscas das pedras cinzas
inventamos em sonhos
um verde inalcançável
que existirá concretamente
para além das montanhas ondulantes
que ainda desconhecemos

Covid 10

um louco caminha aos berros pela rua
desce a ladeira gritando
tenho medo
retranco as portas
travo fechos
desligo o rádio
Beethoven se vai com os berros q ao longe ainda escuto
me acalmo
lentamente volto ao rádio
a sinfonia se foi descendo a ladeira
essa valsa de agora não me fará dançar
sinto falta do louco.
gritava meu nome
ouviram?
Eu não.

Covid 11

pouco se sabe
o avião que risca o céu levando os mortos
brilha como um telefone que pinta de azul
a bunda aflita e itinerante
pouco se sabe
entre o joelho e o asfalto
esse grito pescoço ensanguentado
palavra muda
ouviu-a os negros de todas as cores
era clara e vibrava na escuridão dos novos tempos
pouco se sabe
do mundo e seus metais retorcidos
suas máquinas apertadas seus sonhos
em meio ao verde que se aproxima
serão vermelhos
esse tipo de gente
esse tambor insistente
essa saudade que acorda
esse balé dos ponteiros ...?

Covid 12

derrotado te peço
que além de matar me todo os dias
me ensines caminhos
que possas (além de se apossar do meu
corpo sentido e com ele
dominado
mostrar-te verdadeira em tua simplicidade
a escrita contida e geométrica de tuas esferas
o grito tudo
voz total ubicua e muda)
me ensinar também o segredo e quem sabe
a fraqueza
do teu minúsculo ser

Covid 13

cada pedaço de mundo que eu percebia
viaja ao redor de um nada impenetrável
quando vou
quando voo do quarto
janelas abertas
e desço o destino da escada
quando voo
    e atravesso minha floresta particular
    e durmo com as folhas úmidas do inverno
    e desço os degraus passo a passo
    e vejo a aranha
    e sinto seus pelos nas teias em que caminho
    e o desenho do ladrilho
    e os arranhões das passadas
    e o instante fotografado
    e a gota que no seu percurso existe
    e o grão de areia que se move lento
    e velozmente busca o invisível que nos atormenta
cada pedaço de mundo me encanta e surpreende enquanto
caminho do quarto à cozinha
como se de carro em minas ou de avião sobre o atlântico
ou se parado partisse e se cantando alegrasse a jornada
ampliando magnífico
todas as vidas percebidas
do ponto A ao ponto B como se a aurora se bastasse
com suas geometrias e religiões
lá encontro as panelas em que remexo cozinho
o mobiliário branco
o pote de granola e a janela
por onde sempre entro em seu mundo de cheiros e delicadezas.

Covid 14

a intenção do corpo é
a intenção do trabalho é
a intenção do prazer é
a intenção da vida
caminhando devagar
desacelerando
o tudo renunciado
ao quase
ao nada rumo permanente
ao que a palavra poupa
enquanto rouca
desvanece
esse nada pleno
livre de vazios
que eu penso e logo
desisto
enquanto o mundo acontece.

Covid 15

bom senso
o q C ria ou oqC
não
o Q ser ia não
seria assim dessa maneira
AQC-ria assim (Q ou3A) dessa madeira
:
produzunindo calor dessa maneira indo
calor vindo frio calor frio calafrio cala
frio
Q ou3As A ?
ou
quando perdi o tarugo de peroba
arremate do velho lambri ornando o beliche de tantas brincadeiras e aventuras
e tive de retirar por inteiro o friso superior rente ao armário cuja porta engraçada ao estilo camarão
sofisticado reto discreto e funcional
permitindo diversas alturas de luminária
sempre me intrigou
recuperado o tarugo
refeito o acabamento
aspirado o quarto
sebo de carneiro nas mãos
e
single malt na cabeça
é o q temos

Covid 16

… e então as pessoas começaram a sair de suas casas
com elas foi-se Zeno o estrábico sagaz
mudando-se para a casa vizinha
revi meus últimos instantes com ele
refiz nossas conversas
atentei-me ao redor
ele entre as árvores eu aflito
junto ao velho muro de limo verde
ele parecia tranquilo
eu não
em meio ao invisível que atormenta
quem ousaria voar além dos pássaros?
Arquimedes que da banheira ao espaço
escalando teoremas
nu ensinando o vertical que nos inventa
passeou a cidade aos gritos
...
enquanto
a imóvel flecha no espaço se aniquila
e
Zeno Zenão
filho da estática e do movimento
matou enfim seu pai
tiro certeiro
e por mais que tente
não completará suas metades
portanto jamais retornará
pois que fique entre as árvores vizinhas e
eu junto ao muro
resmungando.

Covid 17

o universo um túnel de palavras
teu corpo meu corpo
poemas
palavras escolhidas versos memórias
silêncios esculpidos por gestos
carne concreta viva
cheia de cheiros salgados
horas doces e todas as cores
de pé de lado sem rumo
do infinito de corpos misturados
ao invisível ponto inicial de todas as coisas
do tempo o que se diz do corpo
o que se diz
entre a imensa pedra lisa e a palavra
borboleta
quando a contemplo
enquanto dança

Covid 18

antiga a minha mania por relógios
assim achava que me desprenderia do tempo
fixo no movimento imóvel dos ponteiros.
hoje percebo o pequeno relógio
que junto ao teclado preto, dourado me divertia
está parado
ou estou morto
como o velho Groucho advertia
com certeza é a bateria
sair na rua para procurar por uma não ousaria
nem ... se eu não estiver morto
busco apressado na gaveta um outro a corda
eles rejuvenescidos ainda funcionam
acordamo-los dando-lhes corda e balançando
reverso no tempo me vi menino
curioso
atravessando um pomar de números concretos
cantando com seu pêndulos
à toamente

Covid 19

hoje faltou luz por aqui das 6 às 9
a lua aproveitando a noite escura
escalou amarela o céu de estrelas
elas se apagavam quando a viam
lá estava o dragão
o santo derrotado
eu vi os meses através das janelas de vidro e madeira
as horas rápidas e seus ponteiros falantes
a dor violeta a correr pelo braço esquerdo
a tesoura a vela ainda acesa
e o desconcerto da derradeira esfera no invisível infinito que lentamente se movia
enfim
aguardo o fechamento definitivo
do caixão destino
de madeira barata
Q nos aguarda
ora-pro-nóbis
descarne veloz e certeiro
matadouro feitiço vermelho
cabra danada cão poderoso
demo profundo arrebol
varrei-me enquanto te glorifico
Q Deus algum há de me levar
enquanto espero
paciente
o capiroto...

Teresópolis quase novembro de 20
/20
risk

Ode à Complexidade

Edmilson Felipe da Silva

Eu assimilo fractais & sombras
nos quintais
daTerra-Pátria.

A ordem diurna
naufraga
na desordem
noturna
:
o relógio
de
Artaud
sucumbe ao ajuste
das horas
:
{toda demência será vislumbrada na casa da verdade acidentada}

da síntese
ao criado mudo
a natureza
é a mesma
e a lesma dança
pelos conceitos
:
Literatura ou nada!

Imaginário ou tudo!

...

No escudo plúmbeo

de um céu carregado,

teleguiados,

bípedes flanam

:

a soma,

o sintoma,

o fétido aroma

explodem

em redes

& FAKE NEWS

...

{o mal-estar não passa na sessão da tarde}

:

o que arde na epiderme

?

terra – fogo – água – ar

- devaneios – gritos - mitos – ideias

.

artérias e outros enlaces;

brechas - antros

à procura de luz,

cristais de tempos

ungidos na gosma láctea

.

Seja o que for

!

um beija-flor anuncia o segredo das eras,

a teia da vida aquecida

em geleiras,

revela anéis recursivos & hologramas

...

o poeta passeia na praia ou na grama

...

no hay camino

voilà

...

[A ciência não lê nosso eletroencefaloDrama]

Caminanhante & Última Vontade
poemas traduzidos

Friedrich Nietzsche (1844-1900)[1]

Caminhante

Não há mais caminho. Ao redor, só silêncio e mortal abismo
Tu quisestes assim; tua vontade se desviou do caminho
É isso mesmo caminhante! Olhes agora com o olhar frio e sereno!
Se acreditares no perigo, estarás perdido.

Caminhante

No meio da noite, viaja o caminhante
Com um propósito ao andar
cruzando vales de ventos e a vastidão das colinas.
A noite é bela!
Ele caminha...caminha sem nunca parar
sem nem mesmo saber onde o caminho vai dar!
No meio da noite, um pássaro canta.
"Oh, pássaro, o que fazes?
Por que me impedes o andar e meu próprio pensar
despejando em meus ouvidos ternas dúvidas do coração?
São elas que me obrigam a parar
e escutar.
Por que tanto me atrai esse teu doce trinar?"
Silenciando, o bom pássaro diz:
"Não, caminhante, não! Não te quero atrair com meu cantar
quero atrair a fêmea lá do alto da colina
E por que queres isso?
A noite para mim não é bela quando estou sozinho
E tu, por que queres isso? Se tua sina é caminhar

[1] Em *Poesia Completa.* Edição e tradução de Laureano Pérez Latorre. Madrid: Editorial Trotta, 2011. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco.

Sem nunca jamais deixar de andar
Por que então continuas parado aí?
O que provoca em ti, caminhante
esse meu doce cantar ?"
Em silêncio, o bom pássaro,
começa então a pensar :
O que fez tanto com ele
a doçura do meu trinar?
E por que continua ainda ali parado
Esse pobre, pobre caminhante?"

Última vontade

Morrer assim
Como um dia o vi morrer
o amigo que, divino,
encheu de raios e olhares
minha sombria juventude.
Atrevido e profundo
um dançarino na batalha

Entre os vencedores, o mais risonho
Dando um fim ao seu destino
inflexível, meditabundo, premeditante

Estremecendo porque vencia;
exultante porque, mesmo morrendo,
vencia;

dando ordens enquanto morria
… e ordenava que se aniquilasse…

Morrer assim,
como um dia o vi morrer
vencendo, aniquilando…

A pandemônia

Leonardo Fróes

Originalmente publicado na Revista 451, maio de 2020

Pois é, saí fininho por aí como um rato
amedrontado mascarado se esgueira
pelas sobras do mundo: terra plana.
Nem monturos de lixo nem bagaços de farra
nem destroços de guerra se avistavam
nos espaços desertos da cidade.
Andei sem sombra, pois nada a mim se contrapunha,
carros não corriam como baratas tontas
(pilotados pelo estrondoso furor dos motoristas)
e as motos temerárias que antes saracoteavam nas pistas
como corcéis medievais cumprindo seus belicosos papéis
não tinham na desolação dos cenários
mais vez nem voz. Nenhum de nós, a não ser eu, *hélas*,
que era minha própria e imprópria testemunha,
se aventurava nesse dia
a ver que a máquina do mundo enguiçou.
Alguma coisa estava acontecendo...
Os soberbos edifícios calados
enfileiravam-se inertes tristemente.
As torres industriais não vomitavam
a fumaceira encardida dos seus venenos.
À falta de fiéis, ninguém vendia salvação nas esquinas.
Fecharam-se os bordéis, os bares e os bazares, os bancos.
Ninguém se atropelava, mas quem se arriscaria a namorar,
se a contaminação da pandemônia estava à solta e invisível?
Políticos artríticos não se dispunham
(talvez enfim de si envergonhados)
a sacar na sacada os microfones blindados
que filtram seus discursos pomposos de ursos de circo treinados
para enganar multidões de anestesiados otários.

Pude olhar para o ar, que estava limpo
e onde os passarinhos de sempre dedilhavam
seus trinados alegres pespontados
nos sadios arabescos do voo em liberdade.
Pude olhar para as nuvens, que aviões não rasgavam,
desenhando no fundo do infinito, tão maior do que tudo,
suas formas de sonhos que se consolidam e esgarçam.
Alguma coisa estava acontecendo,
porque um fio de luz, tão de manhã
no coração das trevas, iluminou minha presença,
bateu asas nos olhos e sumiu

Quem sou eu?

Luiz Gama

Publicado no livro Primeiras trovas burlescas de Getulino (1861)

"[…] Eu bem sei que sou qual grilo
De maçante e mau estilo;
E que os homens poderosos
Desta arenga receosos
Hão de chamar-me — tarelo,
Bode, negro, Mongibelo;
Porém eu que não me abalo,
Vou tangendo o meu badalo
Com repique impertinente,
Pondo a trote muita gente.
Se negro sou, ou sou bode
Pouco importa. O que isto pode?
Bodes há de toda a casta,
Pois que a espécie é muito vasta.
Há cinzentos, há rajados,
Baios, pampas e malhados,
Bodes negros, bodes brancos,
E, sejamos todos francos,
Uns plebeus, e outros nobres,
Bodes ricos, bodes pobres,
Bodes sábios, importantes,
E também alguns tratantes
Aqui, nesta boa terra
Marram todos, tudo berra;
Nobres Condes e Duquesas,
Ricas Damas e Marquesas,
Deputados, senadores,
Gentis-homens, veadores;
Belas Damas emproadas,
De nobreza empatufadas;

Repimpados principotes,
Orgulhosos fidalgotes,
Frades, Bispos, Cardeais,
Fanfarrões imperiais,
Gentes pobres, nobres gentes
Em todos há meus parentes.
Entre a brava militança
Fulge e brilha alta bodança;
Guardas, Cabos, Furriéis,
Brigadeiros, Coronéis,
Destemidos Marechais,
Rutilantes Generais,
Capitães-de-mar-e-guerra,
— Tudo marra, tudo berra —
Na suprema eternidade,
Onde habita a Divindade,
Bodes há santificados,
Que por nós são adorados.
Entre o coro dos Anjinhos
Também há muitos bodinhos…[…]"

Poema Cósmico[1]

Erasmus Darwin (1721-1802)

Avante estrelas! Exultem-se em juvenil alento
Marquem com suas curvas brilhantes os passos do inefável tempo.
Perto, bem perto se aproximam, seus raios são motores
Reduzindo as órbitas, que invadem em órbitas menores
Flores do céu! Vocês também cedem à idade e envelhecem
Frágeis como suas irmãs de seda que no campo padecem
Estrelas, uma após outra do arco céu despenca ao chão
Extintos, revirados despencam a um centro escuro
Onde a morte, a noite e o caos enfim se misturam
Até a destruição total e da tempestade então se orna
A natureza imortal que se ergue em tantas formas
E de sua pira funerária em asas de fogo e a esmo,
Voa e brilha, o outro e o mesmo.

[1] Tradução de Ricardo e Gabriel Kubrusly, dedicada a Edgard Carvalho.